Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

QUARTA-FEIRA, 8 DE MAIO DE 1974 N.º 18451 — ANO 54.º — PREÇO 2$50

BOM TEMPO

Três grandes tendências políticas em Angola

LUANDA, 8 — (Especial para o «DL») — Desde que foi conhecida a aceitação pela Junta de Salvação Nacional do princípio da autodeterminação, estão a definir-se três grandes tendências quanto ao futuro de Angola. Uma é favorável à abertura imediata de negociações com os movimentos de libertação que têm conduzido a luta armada. Outra defende uma independência do tipo Rodésia. A última está a tentar organizar um movimento multirracial que assegure a permanência de Angola dentro da comunidade portuguesa.

A primeira tendência apoia a abertura imediata de negociações com os movimentos de libertação que têm conduzido a luta armada, o MPLA, a UPA e a UNITA. Estas negociações deveriam visar, afirmam, o imediato cessar fogo, a que se seguiria, a muito breve prazo, a proclamação da independência. Considera-se essencial o acordo com o MPLA, já que é o movimento com mais forte implantação entre as populações de Angola e aquele que desenvolve mais intensa actividade militar.

A tendência favorável à proclamação de uma independência branca parece ter sido em parte neutralizada pelas declarações feitas em Luanda e em Lisboa pelo general Costa Gomes. Mantem-se numa atitude de espectativa.

A terceira força procura reunir os colonos que sempre mantiveram uma atitude liberal, figuras representativas da burguesia nativa e dissidentes dos movimentos de libertação, residentes em Angola ou exilados no estrangeiro. Afirma-se que conta com a colaboração de elementos do GRAE, o Governo da República de Angola no Exílio, uma emanação da UPA. Diz-se que um dos membros do GRAE já esteve em Lisboa, a fim de entabular conversações com a Junta de Salvação Nacional.

Entretanto, a população negra mantem-se numa atitude de reserva, ausente das reuniões políticas que se estão a realizar. Entre a população branca existe também uma atitude de prudência, estimulada pela manutenção da DGS, agora sob a denominação de Polícia de Informação Militar.

AS TRÊS MARIAS FORAM ABSOLVIDAS

Na foto, a escritora Maria Teresa Horta, autora, com Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno, do livro «Novas Cartas Portuguesas». O tribunal absolveu-as da acusação de atentado à moral. (Pág. 17)

BISPO DO PORTO:

Liberdade para tudo menos para destruir a liberdade

Num longo documento publicado no orgão da diocese do Porto, «Voz Portugalense», D. António Ferreira Gomes, e o bispo auxiliar, D. Domingos Brandão, tecem considerações sobre o momento político português. Desse documento transcrevemos alguns extractos na pág. 2.

24 páginas incluindo Mulher

DESERTORES EM FRANÇA:

"SÓ REGRESSAREMOS DEPOIS DA GUERRA"

Regressar ou não — eis a pergunta que se põe, desde 25 de Abril, milhares de desertores e refractários espalhados pelo mundo. Se alguns, a uma primeira explosão de entusiasmo pela queda do fascismo, decidiram fazer as malas e apanhar o comboio, há muitos que hesitam, e muitos outros que decidem não regressar enquanto durar a condição que os levou a partir: a guerra nas colónias. Em França, onde se calcula que vivam 40 mil jovens portugueses que não cumpriram o serviço militar, está a criar-se um movimento em torno desta recusa, que pretende funcionar como «arma de descolonização».

A Junta de Salvação Nacional ainda não definiu uma política clara quanto à independência das colónias. Dias depois do golpe militar, quando nas ruas de Lisboa se ouviam «slogans» vitoriando o Movimento das Forças Armadas e gritando «Abaixo a guerra colonial», um contingente de tropas embarcava para Angola. Quase ao mesmo tempo, a Junta decretava a amnistia para os desertores e refractários. Em que condições? Os refugiados deviam apresentar-se no prazo de quinze dias após o regresso, para cumprirem o serviço militar.

A isto respondem os refugiados em França:

Enquanto não for iniciada uma política consequente de descolonização, existe sempre a possibilidade de continuação da guerra colonial. Se não houver um reconhecimento dos movimentos nacionalistas, se não se determinar uma real política de independência dos povos das colónias, o exército português pode continuar a

Continua na pág. 18

GREVE EM INGLATERRA

A Imprensa solidária com os metalúrgicos

LONDRES, 8 — (FP) — Hoje, alguns milhões de britânicos estão sem jornais, em virtude de os técnicos da Fleet Street, o célebre bairro da Imprensa, terem suspendido o trabalho, a pedido dos metalúrgicos em greve. Porém, nem todas as rotativas pararam, pois três dos nove diários britânicos ainda saíram. Contudo, dois destes só conseguiram tirar uma edição («Daily Mail» e «Daily Express»). O terceiro («Daily Telegraph» — tiragem habitual: 1,4 milhões de exemplares) só pôde imprimir cinco mil exemplares.

Por outro lado, as edições destes três jornais, que são impressos em Manchester e na Escócia, pouco foram afectadas com a suspensão do trabalho. Entretanto, pararam todas as cadeias de montagem da fábrica «Austin-Morris» em Cowley, perto de Oxford, em virtude de terem entrado em greve os seus 3500 operários.

CONTACTOS SPÍNOLA-FRELIMO?

LONDRES, 8 — (A.N.I.) — «Julga-se que o general António de Spínola, presidente da Junta de Salvação Nacional, já estabeleceu contactos com a Frelimo, numa tentativa para resolver a guerra» — escreveu o «Financial Times», de Londres.

De acordo com o jornal, o informador da Junta declarou que não pode confirmar que tenham sido realizados contactos, mas — acrescenta o informador — «isto não significa que eles não se verifiquem».

«Círculos próximos o general afirmam que o presidente da Junta está virtualmente empenhado em manter estável — prossegue aquele diário — a situação em Moçambique e em reduzir o nível da luta».

O «Financial Times» também faz referência à libertação dos presos políticos em Angola.

DL/NACIONAL

LIBERDADE PARA TUDO MENOS PARA DESTRUIR A LIBERDADE

- afirma o Bispo do Porto em documento diocesano

Em democracia deve reconhecer-se ao outro liberdade política para tudo, menos para uma coisa: destruir a liberdade, afirma o Bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes, em documento subscrito conjuntamente com o Bispo Auxiliar da mesma Diocese, D. Domingos Brandão.

O longo documento a que nos reportamos, intitulado «A Voz da Nossa Igreja» veio publicado no último número do semanário daquela Diocese, «Voz Portucalense», e ao iniciá-lo ambos os prelados acusam a recepção de inúmeras mensagens de saudação pelo momento político português. Referindo-se ainda à escusa de concessão de entrevistas os dois Dignitários da Igreja consideram:

(...) «Em verdade, no plano nacional da Igreja, os Bispos portugueses da Metrópole, reunidos ocasionalmente em Conferência, disseram já a palavra necessária e essencial; palavra em que, dentro do legítimo pluralismo que pregamos e devemos justamente praticar, também entre nós, todos nos encontramos e convergimos eclesial e civicamente.

Em relação a esta Diocese, da qual temos peculiar responsabilidade pastoral, devemos antes e acima de tudo convidar e exortar todos os cristãos e pessoas de boa vontade a serem e mostrarem-se conscientes da hora decisiva e sumamente responsável que vivemos. A alegria, entusiasmo e esperança que dominam o maior número dos nossos diocesanos não devem obliterar nem adormecer o sentido das responsabilidades que nos são devolvidas, juntamente com os direitos correspondentes.»

A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA

E o documento prossegue com considerações sobre a Paz social:

«A paz, como sempre temos pregado, não é produto da força nem equivalência da vitória, mas fruto da verdade, da justiça, da tolerância, da generosidade e amor inter-humano. Se assim é da paz internacional, muito mais o tem de ser da paz cívica e social (...) Particularmente nos momentos de euforia duma vitória longamente esperada, há que invocar e mobilizar todas as energias morais do auto domínio e respeito mútuo para não se conspurcar ou enlutar um ideal que merece bem ser cultivado e vivido.»

DEMOCRACIA E LIBERDADE

Depois de defenderem a ideia de uma Justiça «independente e imparcial» que ao lado «duma opinião devidamente informada e responsável, são as bases da moral pública e, por ela, da civilização e democracia», ambos os Bispos abordam o problema da democracia:

«Em democracia deve reconhecer-se ao outro liberdade política para tudo, menos para uma coisa: destruir a liberdade. Porquanto a verdadeira democracia baseia-se na dignidade inauferível da pessoa humana ou na inviolabilidade da consciência pessoal, enquanto absoluto que a comunidade e o estado têm de respeitar; o que para o crente constitui a própria relação essencial e única da criatura ao Criador, ou como diria Kierkegaard, a «relação absoluta ao Telos absoluto.»

SOLIDARIEDADE COM O BISPO DE NAMPULA

Depois de apontar que sem fraternidade social não há humanidade, os Bispos portugueses solidarizam-se com D. Manuel Vieira Pinto, Bispo de Nampula, recentemente expulso de Moçambique:

«Porque assim é, muito grato nos resulta, neste momento e neste contexto, saudar fraterna e calorosamente o sr. D. Manuel Vieira Pinto, Bispo de Nampula, como aquele que mais recentemente foi, pelos erros, mentiras e violências dos homens, «posto em testemunho» e soube dar testemunho fiel, pela sua Igreja e pela Igreja universal. Nascido na área desta Diocese do Porto, membro distinto e benemérito que foi do seu Clero, é-nos sumamente grato assinalar a sua compreensão, respeito e lealdade para com o Homem e o Irmão, qualquer que seja a pele que o veste, qualidades e actos e respectivas reacções que o puseram já com destaque na galeria dos Bispos de quem se honra a Igreja e Portugal, entre os quais não podemos deixar de lembrar dois nossos condiocesanos de origem. D. Moisés Alves de Pinho e D. Sebastião Soares de Resende, e ainda, em complexo circunstancial diferente, o que foi Bispo desta Diocese D. António Barroso. Que o seu testemunho de lealdade para com o homem africano, que o seu serviço autêntico de Igreja, a qual se considera mais devedora para com os mais pobres e oprimidos, que a sua coragem da Palavra **en parresia** junta àquele **leite da humana bondade**, sem os quais não há anúncio evangélico, sejam finalmente compreendidos e aceites, para bem da Igreja e do mundo lusíada!»

FIM À MENTIRA COLECTIVA

Continuando lê-se no extenso documento de que só publicámos alguns extractos:

«Nesta hora alta da nossa história, voltemo-nos para o futuro e **deixemos os mortos enterrar os seus mortos**. Não esqueçamos porém o passado, enquanto lição para o futuro; já que, se tudo passa para a vida, nada passa **para a conta**, como diria Vieira em contexto algo diferente. Também em cada um de nós alguma coisa haverá que mortificar, qualquer resto do **homem velho** a dever ser enterrado. Vamos a caminho do estado de direito, como povo: devemos ser adultos como cidadãos: Que, de futuro, a moral pública reflita, eduque e promova a moral privada! Que a esquizofrenia entre o homem-cidadão e o homem-pessoa deixe de ser o escândalo permanente a que vínhamos assistindo! Que termine o culto do facto contra o direito, da força contra a legitimidade, da aparência contra a verdade, da mentira colectiva — **o mentiri invicem**, que o Apóstolo condena — contra a verdade conhecida por tal, da tranquilidade contra a consciência, da segurança contra a moralidade, da fobia contra a coragem civil, do económico contra o social, do nacional contra o humano, da Pátria contra o Evangelho!»

MATERIALISMO DIALÉCTICO E MATERIALISMO DO DINHEIRO

A finalizarem as suas palavras D. António e D. Domingos exortam à reconciliação nacional:

«Que deixemos finalmente de professar, a pretexto talvez do combate ao materialismo dialéctico, o crasso e tórpido materialismo do dinheiro e do prazer, da vida sem risco, sem ideal e finalmente sem moral e sem sentido: por amor da vida perder as razões de viver!

Só por uma autêntica renovação **no espírito da nossa mentalidade** — **metanoia** individual e colectiva — chegaremos à reconciliação nacional: só pela reconciliação nacional nos poremos à altura do nosso tempo e das nossas responsabilidades no mundo de hoje.

A hora que vivemos é sem dúvida das mais altas, mas também certamente a mais grave da nossa história. Como cristãos, portugueses e portucalenses, sejamos dignos desta hora!

ANTÓNIO, Bispo do Porto
DOMINGOS; Bispo Auxiliar»

A VERDADE SOBRE O CASO DO BISPO DE NAMPULA

Em Moçambique existe um povo com cultura e índole próprias e portanto com o direito de escolher um caminho e uma história próprias, em conformidade com o direito dos povos à autodeterminação. Assim se exprimiram os padres combonianos da diocese de Nampula que, em comunhão com o seu bispo e outros missionários (num total de 34 sacerdotes, 19 irmãos e 41 irmãs), decidiram enviar, a 12 de Fevereiro último, à Conferência Espiscopal de Moçambique, o documento intitulado «Um Imperativo de Consciência». Documento que, precisamente por denunciar as mais variadas e inegáveis injustiças da realidade quotidiana de Moçambique (tais como a exploração do trabalhador, a opressão, a alienação dos povos dos seus valores, e sobretudo o enfeudamento da Igreja aos detentores do poder), teve como réplica a saída compulsiva de D. Manuel Vieira Pinto e dos missionários combonianos de Moçambique.

A propósito desta expulsão, o Ministério do Ultramar, em nota oficiosa divulgada a 16 de Abril, declarara que este prelado havia deixado Moçambique «por sua livre vontade». Mas isto é rotundamente falso. Aliás o próprio bispo, que desmentira aquele comunicado oficial, antes de deixar Nampula assinara um documento na presença de testemunhas e do advogado da sua diocese, declarando que deixava Nampula «contra vontade», e considerava essa saída «uma imposição e uma medida compulsiva».

«MISE-EN-SCÈNE»

Relativamente à manifestação contra aqueles missionários e o seu bispo, por parte da população, não foi espontânea como se quis fazer crer. Ela foi o resultado de uma «mise-en-scène» muito bem organizada, e nela tomaram parte, na sua maioria, os colonos que, com a atitude corajosa dos missionários, se convenceram de que a sua situação podia correr perigo, já que o referido documento apontava verdades por demais conhecidas, e que se obstinavam em negar, para a manutenção do «status quo», favorável à sua posição de exploradores.

Convém, antes de mais, lembrar que por motivo idêntico foram em data anterior expulsos de Moçambique os padres brancos, alguns missionários da diocese da Beira, os padres de Burgos e os missionários combonianos de Tete. Relativamente a estes acontecimentos, convém também não esquecer as falsas e inqualificáveis afirmações do arcebispo de Lourenço Marques, D. Custódio Alvim Pereira, que por diversas vezes revelou, à saciedade o seu irredutível «salazarismo», particularmente nas Dominicais do Advento, bem como a atitude de indiferença (negativa) de outros bispo.

O QUE ACONTECEU NA VERDADE

Tudo começou quando, como atrás disse, os missionários e o seu bispo enviaram aquele documento à Conferência Espicopal de Moçambique, enunciando «algumas das mais graves questões que surgem no actual contexto de Moçambique», ao mesmo tempo que definiam a atitude que iriam tomar. A resposta não se fez esperar, e veio sob a forma de uma intimação da PIDE/DGS, para que os missionários abandonassem Moçambique até 20 de Março, data que pouco depois foi antecipada para 11 do mesmo mês.

Nesse tão discutido documento, e que afinal tão poucos conhecem eram apontados factos verdadeiros e pedia-se à «Hierarquia» que tomasse posição. Entre as mais variadas situações assinaladas, os missionários afirmavam:

Constatamos (...) que o povo vive sob um constante medo, porquanto todos aqueles que ousam manifestar ideias que não sejam conformes à política do Governo, ficam sujeitos a repressões, seguindo-se não raras vezes, prisões arbitrárias, interrogatórios vexantes, torturas, julgamentos sem processo regular, especialmente por acção da DGS; vemos todos os dias nos nossos jornais e demais meios de informação, mesmo aqueles que usam o rótulo de católicos (Rádio Pax, Diário), uma constante deformação dos factos e um servilismo ao capitalismo e ao poder constituído, ex.: julgamento dos padres de Macuti; a expropriação da propriedade do povo de Moçambique a favor de grandes companhias latifundiárias, a exploração do trabalhador, a exploração do trabalho de menores, emprego instável, contratos de trabalho à margem da lei, falta de órgãos de defesa capazes, salários injustos, discriminação de salários nas empresas privadas entre brancos e negros com o mesmo trabalho, protecção exagerada dos intermediários em detrimento dos produtores, especialmente autóctones (ex.: algodão comprado a baixo preço e vendido a um preço muito superior) provocando o abandono das terras e o desinteresse pelo trabalho e favorecendo uma emigração desordenada; não denuncia (a Igreja) com clareza e firmeza os massacres e demais situações profundamente lesivas da dignidade do homem, de qualquer parte que venham; em contrapartida, por servilismo ao Governo, até factos claramente provados e de todos conhecidos, são negados publicamente por alguns membros da «Hierarquia».

REIVINDICAÇÕES LEGÍTIMAS»

Em face destas situações e de outras, os missionários pediam ainda nesse documento, à Hierarquia de Moçambique, para reconhecer que **as reivindicações dos Movimentos de Libertação, conforme aos direitos dos homens e ao Evangelho são legítimas e leve os responsáveis a resolver o conflito por meios justos e pacíficos, oferecendo-se, se necessário, como intermediário.**

Pedia-se também que (a Igreja) **renuncie a colaborar no ensino do Estado, uma vez que tal ensino aliena este povo, e defende o direito ao ensino livre; renuncie aos subsídios e aos demais privilégios que a comprometem e a impedem de exercer livremente o seu múnus profético (...), que «promova a criação de órgãos de Informação conformes ao direito à verdade; e procure novos caminhos que garantam a formação de élites a nível eclesial.**

Ainda em «Um Imperativo de Consciência» os missionários apresentavam as suas decisões, tais como: **Continuar a rever as estruturas das Missões de modo que sirvam cada vez mais o povo e apareçam como testemunho do amor de Deus do qual a Igreja deve ser sinal; renunciar aos subsídios concedidos pelo Governo ao pessoal missionário; e entregar, a partir do próximo ano lectivo, as escolas do ensino primário, dado que os actuais programas conduzem à alienação deste povo dos seus verdadeiros valores, comprometendo-se, porém a continuar pela promoção do povo, pela formação profissional e desenvolvimento comunitário.**

DESMENTIDOS QUE ERAM FALSIDADES

Sobre a situação, a Secretaria da Conferência Episcopal emitiu um comunicado a 27 de Março, em que fazia vários «desmentidos», sobre a divulgação do documento, que teria originado a expulsão dos missionários, para terminar afirmando:

Em face disto o Episcopado de Moçambique manifesta o seu profundo desgosto e pede a todos os cristãos e missionários que aceitem as exigências da sua fé e os compromissos duma comunhão eclesial com toda a Hierarquia.

Em contraste com este documento, uma nota de 20 de Abril, do presidente da mesma Conferência Episcopal, D. Francisco Nunes Teixeira, bispo de Quelimane, lamenta o sucedido e desaprova **intimamente as manifestações violentas levadas a efeito ultimamente em Nampula, Namaacha e Songo**, acrescentando que **as questões entre os homens sérios se devem resolver pelo direito e pela razão, em diálogo franco e leal.**

D. Nunes Teixeira termina **por pedir as vossas orações, penitências e sacrifícios pelas igrejas locais de Tete, Beira e Nampula, desprovidas de clero, e esta última com o seu bispo na Metrópole, para onde se retirou contra a vontade, envolvido que foi por um clima hostil que se desencadeara, talvez, não de todo espontaneamente.**

Sabemos também, que, sobre estes tão agitados e falseados acontecimentos, a Conferência Episcopal da Metrópole, em seu comunicado de 26 de Abril, se solidarizou com a posição do bispo de Nampula e com os **pastores da Igreja de Moçambique, tão profundamente provada.**

Foi, em resumo, o que efectivamente se passou, relativamente à expulsão do bispo de Nampula e dos missionários combonianos. Comentários, desnecessários se torna fazê-los: é de todos conhecida a posição do regime fascista, que tudo fez para calar os gritos de desespero das massas, caminhando cegamente para a destruição total dos povos, a favor de interesses não confessados, e que conhecemos perfeitamente; hoje melhor do que nunca, já que uma nova aurora se anuncia, como primeira etapa para a justiça por que todos os povos das colónias clamam. E o dia não deve tardar.

JORGE FERREIRA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Lourenço e Torres, Av. Engr.º Frederico Ulrich, 21-C — ALMADA

Delegado da Junta na C.P.

Foi nomeado delegado da Junta de Salvação Nacional na C.P. o tenente-coronel de engenharia Arménio Gomes dos Santos Silva. Ficará na dependência do delegado da J.S.N. junto dos ministérios das Obras Públicas e Comunicações.

MANUEL DE AZEVEDO

AS GRANDES OPÇÕES

Nestas horas históricas, quais são as grandes opções? A que tarefas devemos dar prioridade?

Ouvimos catadupas de vozes indignadas: porque ainda se chamam «Salazar» a ponte sobre o Tejo e ruas e praças de muitas localidades; porque há ainda muitas estátuas de figuras proeminentes (vivas e mortas) do fascismo; etc., etc. A isto responde a Junta que se não pode fazer em dois dias o que não foi feito em 48 anos.

Analisemos serenamente (mas não passivamente) os grandes problemas actuais que se põem aos portugueses. E dessa análise facilmente concluiremos que as principais tarefas a cumprir pela Junta e pelo povo são, principalmente, a destruição do que constituía o aparelho fascista e seus tentáculos políticos e económicos e a construção das bases de um país novo, de base democrática. Se o grande golpe proveio do Movimento das Forças Armadas, há que consolidar o que já foi conseguido com a participação de todos. Participação activa sim, mas consciente; serena mas determinada.

O tumulto não aproveita a ninguém e pode ser prejudicial, mas a passividade também não serve e só beneficiará as forças e os interesses do regime derrubado. De facto, deram-se já enormes passos na democratização de serviços públicos, semipúblicos e privados que no passado colaboraram mais ou menos activamente com a repressão e a limitação de direitos legítimos.

De que serviria, por exemplo, a abolição da censura à Imprensa, à Rádio, à Televisão e aos Espectáculos se tivesse ficado de pé toda a estrutura anterior? De que serviria terminar a censura oficial se permanecessem todas as censuras internas e pressões de toda a ordem, impeditivas de uma verdadeira liberdade de expressão? Por consequência, foi importantíssimo que essas amarras tivessem sido partidas (pelo menos em parte) em certas emissoras e jornais.

Urge, pois, que saibamos viver plenamente a hora actual de um Portugal novo, negando o passado vergonhoso e indigno mas conscientes dos perigos e das dificuldades futuras. Intervir? Sim e a todos os níveis, desde que essa intervenção seja feita com a consciência de que defendemos a colectividade e sem nos deixarmos arrastar por particularismos insignificantes e pessoalismos marginais.

Não nos devemos chocar com palavras como «serenidade», «disciplina» e, mesmo, «ordem». Porque elas (e o conteúdo a que correspondem) se integram, ou devem integrar-se, no esforço geral de construção de um Portugal livre e democrático.

A nossa luta, a nossa caminhada para o futuro deverá, por isso, ser constante, embora disciplinada; firme e determinada. Em busca das soluções necessárias, procurando que uma vida melhor e possível bafeje por fim esta terra portuguesa, há meio século dominada por um grupo intolerante e desrespeitador dos direitos dos outros.

O povo português, partindo da decisão heróica dos seus soldados, tem agora possibilidade de tomar parte activa nas grandes opções que conduzem ao pão e à paz para todos.

QUANDO É QUE OS MUTILADOS APARECEM NA R.T.P. ?

A Rádio Televisão Portuguesa não apresentou, ainda, ao público nacional o testemunho dos milhares de sacrificados pela «defesa da civilização cristã e ocidental» nas colónias: **os mutilados de guerra** que, como lembra uma carta enviada ao «DL» pelo alferes miliciano António Carvalhos, «provocaram, no fim de contas, a sublevação a que assistimos».

Este soldado, chegado há um mês de Moçambique, onde foi ferido durante um dos últimos combates de Mueda, refere que nenhum programa foi, até agora, consagrado aos soldados em tal situação. E afirma: **Há milhares deles, sobretudo nos hospitais. É por um acaso que este grupo da colectividade nacional está também praticamente ausente de outros órgãos de Informação, como os jornais?**

Calculamos que o aparecimento na TV de alguns dos inúmeros mutilados pela guerra colonial indicada pelo Governo fascista é um pedido que seria subscrito por muitos outros na mesma situação. Já vai sendo altura.

MEDICAMENTOS MAIS CAROS

Apesar de a luta contra a inflação ser um dos objectivos imediatos do programa do Movimento das Forças Armadas, e até um daqueles que mais de perto compreendem as classes populares, continuam a subir os preços dos medicamentos. Com data de 2 de Maio, a Comissão Reguladora de Produtos Químicos e Farmacêuticos, do Ministério da Economia, autorizou aumentos substanciais nos preços de uma lista de medicamentos, requeridos em 14 de Março.

Os medicamentos em questão são os seguintes: OPOHEMOL passa a custar 35$00 (custava 30$00); XAROPE DE DENTIÇÃO, 15$00 (10$50); EFE-LABSAN, 28$00 (21$00); XAROPE LABSAN, 28$00 (21$00); X. LABSAN T, 30$00 (22$00); XAROPE DE MAÇÃ REINETA, 27$50 (20$00); ZOOCILINA, 1 dose, 9$50 (6$50); dez dozes, 57$50 (50$00); ZOOOCILINA (1 milhão de unidades), 1 dose, 12$00 (9$00); dez doses, 86$00 (75$00); ZOOCILINA (4 milhões de unidades), 1 dose, 25$00 (17$00).

Estamos informados de que a Comissão Reguladora era bastante renitente aos aumentos de preços dos produtos farmacêuticos, uma indústria das mais florescentes entre nós. Isto explica que os requerimentos dos laboratórios só fossem despachados com prazos de vários meses e que os aumentos autorizados não ultrapassassem geralmente cinquenta por cento do que era pedido. Claro que os laboratórios sabiam defender-se, pedindo sempre o dobro do que esperavam fosse autorizado. Mas é surpreendente que precisamente no dia 2 de Maio fossem deferidos requerimentos de laboratório, quando tudo levava a esperar que por agora os preços fossem congelados, pelo menos no que toca aos artigos de primeira necessidade.

Daqui lançamos um apelo aos delegados da Junta nos diversos departamentos, sobretudo nos organismos de coordenação económica, no sentido de serem travadas todas as tentativas de aumento de preços, mesmo que os respectivos requerimentos tenham dado entrada no período anterior ao Movimento de 25 de Abril. Lembramos que o Governo de Marcelo deixou o custo de vida subir para tabelas alarmantes e incomportáveis e que a adesão dada pelo povo ao «Movimento» é necessariamente condicionada pela sua capacidade de criar no País melhores condições de vida. No caso dos medicamentos, há ainda a circunstância de o seu preço em Portugal bater todos os recordes internacionais, ao passo que a maioria das classes profissionais ainda têm de pagar grande percentagem da receita.

MANIFESTAÇÃO DE BRANCOS

LOURENÇO MARQUES — (F.P.) — Perto de 50.000 pessoas participaram ontem num comício organizado nesta cidade por um movimento político criado pela população branca de Moçambique, depois do golpe de Estado em Portugal.

O movimento, que adoptou o nome de FICO, entende representar os 200.000 colonos brancos instalados em Moçambique e tenciona conduzir uma campanha contra o abandono dos territórios africanos por parte de Portugal.

No comício de ontem, que decorreu sob uma discreta vigilância policial, os dirigentes do movimento manifestaram o seu inteiro apoio ao general António de Spínola.

BLASCO HUGO FERNANDES

Um futuro para os agricultores (2)

Efeito da dimensão das explorações

Se nos ativermos aos elementos inseridos no (quadro 1), que reflecte a actual estrutura das nossas explorações agrícolas, constatamos que a sua larga maioria não dispõe de condições que lhe permita a introdução de adequadas inovações tecnológicas. Tal situação, já de si limitativa, agrava-se pelo facto de muitas daquelas explorações se encontrarem fragmentadas, circunstância essa que torna menos racional e menos eficiente a respectiva actividade produtiva. Assim, segue-se que os pequenos agricultores se sujeitam a uma deterioração dos rendimentos que teoricamente poderiam obter no caso de as suas explorações não estarem divididas. Não nos iludamos, no entanto, quanto às suas possibilidades reais de conseguirem rendimentos satisfatórios, dada a exiguidade da sua área total, a menos que se ponham em prática as necessárias medidas susceptíveis da real integração daquelas explorações agrícolas. Entre aquelas medidas ter-se-á de incluir prioritariamente a efectiva liquidação nos seus pontos fundamentais, da natureza antagónica da estrutura socio-económica sectorial e geral que se traduz num sistema de relações sociais de produção desfavoráveis aos pequenos e médios agricultores e de que a própria polarização da dimensão das explorações anteriormente citadas, é uma consequência.

Efectivamente, os resultados económicos das mini-explorações são tão baixos que impedem o seu intercâmbio com os demais sectores da economia, em ordem a adquirirem produtos e meios extra-agrícolas capazes de melhorar a respectiva produção global e unitária. Na verdade, se analisarmos o problema do recurso a novas tecnologias na agricultura portuguesa, não é por acaso que se verifica encontrar-se ele relacionado com a nossa estratificação socio-económica, sendo por consequência escasso entre os pequenos e médios agricultores, para ganhar uma expressão maior na classe constituída pelos grandes agricultores.

Além da dimensão das unidades de produção, que se traduz como vimos numa estratificação de rendimentos económicos, inibidores ou não da modernização das explorações agrícolas, outros factores intervêm também nesta última. E o caso do grau de instrução dos diferentes empresários do sector e, de um modo geral, de todos os trabalhadores agrícolas, da idade da respectiva população activa, do acesso ao crédito, etc. Todavia, sobre estes aspectos nota-se igualmente o efeito selectivo da estrutura socio-económica da nossa agricultura, ficando os agricultores de baixos recursos económicos — que constituem a camada mais larga da nossa população activa agrícola — rapidamente privados de instrução e de outros factores toda a economia) num sentido favorável aos pequenos e médios agricultores e, de uma maneira geral, a todos os trabalhadores agrícolas, e sem prioritariamente se concederem facilidades a estes estratos socio-profissionais só poderão contribuir para cavar mais fundo o fosso entre os grandes agricultores, a um lado, e os pequenos e médios, a outro, mantendo estes perante a única saída que o regime anterior nos proporcionou: o êxodo.

Exploração que nos últimos cinco anos introduziram novas culturas ou novas técnicas

Classes de área (ha)	% do total da resp. classe
0,05 - 0,5	1,9
0,5 - 5	3,1
5 - 10	4,3
10 - 20	5,2
20 - 50	7,1
50 - 100	9,2
100 - 500	14,8
500 - 1000	26,6
Mais de 1000	44,6

Fonte: I.N.E., **Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente 1968**, Portugal.

EFEITO DO REGIME DE PROPRIEDADE E DA CONTRADIÇÃO CAPITAL-TRABALHO

O regime de propriedade fundiária que se indicou anteriormente constitui uma forma de apropriação do trabalho dos agricultores e da exploração não só deste como do povo português em geral, pela sua incidência nos preços dos produtos agrícolas e, nomeadamente dos géneros alimentares. Na realidade, a existência da renda fundiária, que a propriedade privada do solo origina, exige que o empresário acrescente ao preço da sua produção uma taxa destinada à renda que ele tem de pagar ao proprietário da terra, criando-se desse modo um acréscimo de rendimento utilizável obtido através da exploração dos respectivos assalariados agrícolas ou no próprio mercado consumidor. Aquele mecanismo não se altera quando o empresário coincide com o proprietário do solo: a única diferença, neste caso, é que este último retém em suas mãos a parcela que corresponderia à renda fundiária, se a terra não fosse sua.

Por outro lado, a desigual fertilidade dos diversos solos e as diferenças entre os microclimas e os outros factores que intervêm na produção e na produtividade da terra reflectem-se diferentemente nos custos de produção os quais são mais elevados nos solos menos férteis e, de uma forma geral, de menor produtividade, do que em

Continua na pág. 17

Grau de Instrução dos dirigentes de Explorações com 20 e mais hectares (% do total)

Classes de área (ha)	Com curso médio ou superior	Com curso secundário	Sabendo ler e escrever	Analfabetos
20 - 100	4,0	2,7	65,0	28,3
100 - 500	10,7	5,8	67,3	16,2
500 - 1000	19,4	10,5	63,8	6,3
Mais de 1000	28,5	14,5	52,2	4,8

Fonte: I.N.E., **Inquérito às Explorações Agrícolas do Continente 1968**, Portugal

Quando se considera o progresso técnico da agricultura, o problema crucial é o de saber para quem é que ele vai; a resposta a essa pergunta, depende das estruturas sociais existentes no país onde se introduzem novas técnicas agrícolas. O panorama do nosso sector agrícola é bastante elucidativo a este respeito, como mostra o (quadro 5). O estímulo e a incentivação ao recurso a tecnologias modernas, sem previamente se modificarem as estruturas socio-económicas do sector (e de atrás citados. Na realidade, entre os dirigentes das explorações agrícolas com área inferior a meio hectare cerca de 1,0 por cento tem curso secundário, médio ou superior e 54 por cento sabe apenas ler e escrever; os restantes 45 por cento são analfabetos, verificando-se uma situação comparável a essa entre os agricultores com explorações compreendidas entre 0,5 e 5 hectares.

Na classe de explorações com área variável entre 5 e 20 hectares regista-se uma ligeira

DL/NACIONAL

IMPUGNADA A ASSEMBLEIA DOS TRABALHADORES DA SACOR

O dr. Jorge Khaal Oliveira da Silva esteve no nosso jornal para nos informar haver sido feito um pedido de impugnação da assembleia geral dos trabalhadores da Sacor, realizada na segunda-feira, por não terem sido apresentados elementos informativos relativos à gestão financeira da Sociedade Portuguesa de Petroquímica, a mais importante afiliada do grupo Sacor.

Aquele funcionário superior com cerca de 19 anos no grupo Sacor, exercendo funções de membro do conselho fiscal, pôs a questão quando da divulgação do parecer desse organismo (relativamente à gerência de 1973), numa declaração de voto onde se lia que o documento revelava pouca vontade em esclarecer com limpidez um prejuízo acumulado na ordem dos 100 000 contos. Segundo nos disse, foi esse o motivo do seu despedimento, como explica em carta enviada a membros do governo deposto, ministros das Finanças e de Estado e secretários de Estado do Tesouro e Orçamento. Afirma aí:

. «Em fins de Fevereiro os administradores da Sacor, dr. Jorge Botelho Moniz e eng.º Alfredo Nobre da Costa pediram a presença do signatário na Sacor, a fim de lhe impor o seguinte ultimato: — caso a declaração de voto seja apresentada, o mandato de vogal do conselho fiscal da S.P.P. não seria prorrogado!

. «Sem dúvida alguma que se estava perante uma chantagem e dada a gravidade da afirmação o signatário pediu para que fosse comunicada, por escrito, aos três administradores por parte do Estado e ao comissário do Governo, essa manobra tendenciosa e possivelmente com sérios sintomas de fraudulenta».

E mais adiante:

. «O signatário apercebendo-se das atitudes contemplativas, passivas e acomodatícias dos três administradores por parte do Estado — prof. João Costa Leite Lumbralles, eng.º Duarte Amaral e dr. Eduardo Brasão e do comissário do Governo eng.º Costa Macedo, perante tão insólita como reprovável chantagem, pediu imediatamente audiências aos referidos elementos directivos, pedido esse que só encontrou receptividade ao diálogo nas pessoas do prof. João Lumbralles e do eng.º Duarte Amaral; — o dr. Eduardo Brasão e o eng.º Costa Macedo procuraram fugir à responsabilidade e acabaram por fugir mesmo, revelando alguns sintomas de cobardia com vista a um diálogo digno, sério e honesto, tão necessário e indispensável no conturbado labirinto da vida terrena».

Em resposta à exposição, parcialmente transcrita, feita ao ex-governo fascista, o dr. Oliveira da Silva recebeu um ofício da ex-Presidência do Conselho — Inspecção de Gestão das Participações do Estado — assinado pelo inspector-geral Ferreira do Amaral que escreve: «Em referência à documentação que me foi entregue por V.Ex.ª em Setembro, por ocasião em que me encontrava fora de Lisboa, cumpre-me informar que o assunto está completamente fora das atribuições oficiais por mim desempenhadas. Peço, por conseguinte a V.Ex.ª o obséquio de considerar esta situação inequívoca e determinante, para os efeitos que tiver por mais convenientes, dado o irremovível impedimento que resulta da incompetência desta inspecção em tomar conhecimento oficial da exposição dirigida a s/ Ex.ª o secretário de Estado do Tesouro.

«A bem da Nação». (Data e assinatura».

«Sem dúvida alguma», entende o dr. Oliveira da Silva, «que se estava perante uma prefabricação de um ofício emanado da ex-Presidência do Conselho, possivelmente sugerido pela comissão executiva da Sacor que mantinha o seu propósito em abafar, quanto antes, tão grave incidente de ordem financeira».

O ex-funcionário superior da Sacor protesta pelo facto da mesa de assembleia «ocultar elementos informativos de extrema gravidade sobre a pessoa do administrador eng.º Alfredo Nobre da Costa». Insistiu ainda em que «este mesmo elemento da administração se reunia ultimamente, com muita frequência com o sr. prof. Marcelo Caetano, na companhia dos seus colegas de administração Jorge Botelho Moniz e Eduardo Brasão».

Cooperativas de produção apoiam a Junta

Após uma reunião realizada em Lisboa por representantes de várias cooperativas de consumo, em que se debateu a posição daqueles organismos no momento actual, foi divulgado o seguinte comunicado:

. «Representantes de Cooperativas de Produção reunidos para assumirem o papel que lhes cabe no actual momento, manifestam o seu total apoio à Junta de Salvação Nacional no objectivo de levar por diante o programa do Movimento das Forças Armadas.

«As Cooperativas de Produção envidarão todos os seus esforços no sentido de aproveitarem a oportunidade histórica aberta aos trabalhadores e ao Povo Português, no sentido de participarem e intervirem activamente no processo de reestruturação económica, social e política dentro das amplas perspectivas actuais.»

Subscrevem este comunicado as seguintes cooperativas:

. COMPELMADA — Sociedade Cooperativa de Montagens Metálicas, SCARL.;
. DOMOGRAFOS — Gabinete de Desenho, SCARL.;
. ELCOOPE — Sociedade Cooperativa de Construções Eléctricas, SCARL.;
. GRADUS — Gabinete de Estudos Técnicos, SCARL.;
. MOVELITE — Sociedade Cooperativa Industrial de Móveis, SCRL.;
. PRAXIS — Cooperativa de Estúdios Técnicos, SCARL.;
. RADIX — Estúdios Gráficos, SCARL.;
. Sociedade Cooperativa de Produção dos Operários, Pedreiros Portuenses, SCARL.;
. SOCODECOL — Sociedade Cooperativa de Reparações e Decorações, SCARL.;
. SOCOPIME — Sociedade Cooperativa de Indústrias Metálicas, SCARL.;
. SULCOOP — Cooperativa dos Consumidores de Pão, SCARL.

Mocidade Portuguesa

Funcionamento provisório dos Serviços Assistenciais

. O delegado da Junta de Salvação Nacional para a extinção da Mocidade Portuguesa e Mocidade Portuguesa Feminina informa que, para efeito de execução do determinado pelo art.º 3.º do Decreto-Lei de 25 de Abril de 1974 nomeio delegado desta Junta o 1.º tenente Alvaro Sabino Guerreiro tendo como adjuntos o 1.º tenente António Joaquim Almeida Moura e o sub-tenente da reserva naval eng.º David Caldeira Ferreira.

Os delegados apoiam-se tecnicamente no Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis criado pelo art.º do Decreto-Lei 179/74 de 30 de Abril de 1974.

Os delegado nomeados constituiram-se em comissão «Ad Hoc» de apoio aos Organismos de Juventude que têm por missão:

. 1.º Resolver os problemas do pessoal em serviço nas extintas Mocidade Portuguesa e Mocidade Portuguesa Feminina que fica na dependência da Comissão consideram-se para todos os efeitos o tempo de serviço prestado.

2.º Garantir a continuação da parte assistencial das extintas M.P. e M.P.F. até à sua reestruturação que será da competência do Ministério da Educação Nacional do Governo Provisório.

3.º Resolver todos os problemas referentes ao património incluindo arrendamentos e documentos das extintas M.P. e M.P.F..

4.º Todos os problemas prementes a resolver deverão ser apresentados pelos telefones 772640 e 772650.

JANSON — EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS E FERRAMENTAS, S. A. R. L.

(Por minuta)

Certifico que, por escritura de 27 de Março do ano corrente, exarada de fl. 17 v.º a fl. 19 do livro n.º 66-C das notas do 3.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado em Direito, Henrique de Brito Câmara, foram alterados parcialmente os estatutos por que se rege a sociedade Janson — Equipamentos Industriais e Ferramentas, S. A. R. L., quanto aos seus artigos 10.º, 13.º e 14.º, que passaram a ter a seguinte redacção:

ARTIGO 10.º

A administração dos negócios e interesses sociais será exercida por um conselho de administração composto de três a cinco accionistas eleitos em assembleia geral, que entre si escolherão um presidente.

§ único. O conselho de administração fixará, a todo o tempo, o número de administradores entre o máximo e o mínimo estabelecido no número anterior, sem, contudo, poder suprimir antes do fim do mandato qualquer dos cargos que se encontre provido.

ARTIGO 13.º

Para a sociedade ficar obrigada são indispensáveis, como regra, as assinaturas de dois administradores, de um administrador e de um procurador, ou a de dois procuradores, nos termos, quanto a estes, dos respectivos mandatos.

Excepcionalmente, pode a sociedade ficar obrigada:

1.º Pela assinatura de um só administrador, quando o conselho de administração, por unanimidade, o designe em acta e lhe confira procuração suficiente;

2.º Pela assinatura de um só procurador, mas apenas dentro dos limites e de conformidade com o mandato que lhe for conferido para fim especial.

§ único. Os actos de mero expediente serão válidos com a assinatura de um só administrador ou com a de qualquer procurador, nos termos do respectivo mandato.

ARTIGO 14.º

A fiscalização dos negócios da sociedade incumbe a um conselho fiscal composto de três membros efectivos e um suplente, eleitos em assembleia geral.

§ 1.º A assembleia geral designará qual dos membros efectivos deve exercer as funções de presidente.

§ 2.º Os membros do conselho fiscal podem não ser accionistas.

§ 3.º A assembleia geral pode deliberar que as funções do conselho fiscal sejam confiadas a uma sociedade de revisores de contas.

Está conforme, declarando-se que na parte omitida da escritura nada há além ou em contrário do que se transcreve ou narra.

3.º Cartório Notarial de Lisboa, 30 de Março de 1974. O Ajudante, **José dos Santos Ramos**.

IMPORTANTE

LEILÃO

DA 2.ª PARTE DE

BIBLIOTECA

que pertenceu a um ilustre bibliófilo, composta por magníficas espécies bibliográficas sobre:

ARTE — BIBLIOGRAFIA — HISTÓRIA — LITERATURA, ETC.

que será vendida pela maior oferta

Próxima 2.ª f.ª, dia 13 e seguintes, às 21 h., nos salões de AFRAFILHOS, Av. Duque de Loulé, 1-A, onde se encontram em exposição a partir de amanhã, 5.ª Feira, das 10 às 13 e das 15 às 19 horas

CATÁLOGO EM DISTRIBUIÇÃO

A COMISSÃO DEMOCRÁTICA ELEITORAL DE ODIVELAS

. . A CDE de Odivelas, promove um plenário alargado de freguesia, no dia 11 às 21 horas, onde vão ser discutidos os problemas mais prementes daquela vila. A reunião realiza-se na Rua Alexandre Herculano, 38-C.

o Rei

INSTITUTO DE BELEZA MASCULINA
CABELEIREIRO DE HOMENS

Com os técnicos cabeleireiros Carlos Garcia, António Candeias, Zé Pinheiro, José Antonio e Robalo Pinheiro

Saunas limpezas de pele, massagens e fisioterapia sob a responsabilidade médica do dr. Augusto Barge
Orientação técnica do massagista Luis Serro

Rua Conde de Sabugosa, 21, s/l Alvalade
LISBOA

Directores gerais da S.E.I.T. afastados do serviço

Da Secretaria de Estado da Informação e Turismo recebemos a seguinte comunicação:

«Por conveniência de serviço, os Directores-Gerais da Informação, do Turismo e da Cultura Popular e Espectáculos são nesta data afastados do exercício efectivo daqueles cargos, aguardando ulterior decisão do Governo.

O serviço das referidas Direcções-Gerais será assegurado pelos drs. Pedro Feytor Pinto, Jorge Mendes de Brito e Manuel Nunes Félix Ribeiro, respectivamente Director dos Serviços de Informação, Director dos Serviços de Património Turístico e Chefe da Repartição de Teatro, Cinema e Etnografia.

O dr. Adelino Peres Rodrigues, Director dos Serviços Centrais, passará a exercer provisoriamente as funções de Secretário-Geral».

Automóvel roubado

Cortina 1300 LD-41-47 branco. Gratifica-se quem indicar paradeiro para a C.ª Seguros PHOENIX, Av. Liberdade, 42-1.º — Telef. 366051/2/3.

CASA AFRICANA

LEMBRAMOS OS NOSSOS ESTIMADOS CLIENTES QUE AOS SÁBADOS ENCERRAMOS ÀS 13 HORAS, PELO QUE AGRADECEMOS QUE, NESSES DIAS, EFECTUEM AS SUAS COMPRAS DURANTE O PERÍODO DA MANHÃ.

TV

AUM DO

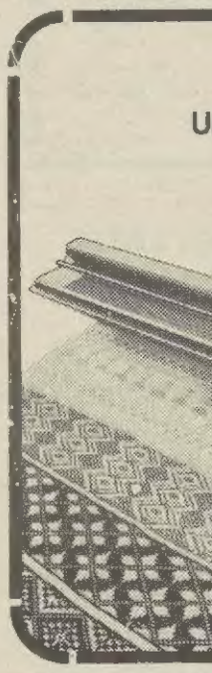
Na guerra de opr sofremos durante 50 muitos os mutilados Filipe Nogueira faz clube.

Veio ontem contar era. Foi muito import depoimento para que audiência comece a do alto nível de de que o cidadão portu va sujeito. Esta dest se processava apena da arte, do jornalis política. Não. Qualqu que, pelas suas funç se contacto com o logo alvo de impied ra. Mesmo em matér ples como o trânsi em questões tão ap mo as dos automóve

Veio Joaquim Filip ra e contou: Certa c criticar a forma cor cessava o trânsito e nada artéria, foi re televisão um ofício onde se afirmava q tendia virar a opini contra a P.S.P..

RELAT

Quando da pu rimpor, em 27 de A o nome da sr.ª D administração daqu sária rectificação.



FRANC IMAVOX.

Além de não vindos Imavox com vos óbvios,

TV

DL/ESPECTÁCULOS

AUMENTA O CLUBE DOS MUTILADOS

Na guerra de opressão que sofremos durante 50 anos são muitos os mutilados. Joaquim Filipe Nogueira faz parte do clube.

Veio ontem contar-nos como era. Foi muito importante o seu depoimento para que a grande audiência comece a fazer ideia do alto nível de destruição a que o cidadão português estava sujeito. Esta destruição não se processava apenas ao nível da arte, do jornalismo ou da política. Não. Qualquer pessoa que, pelas suas funções, tivesse contacto com o povo, era logo alvo de impiedosa censura. Mesmo em matéria tão simples como o trânsito. Mesmo em questões tão *apolíticas* como as dos automóveis.

Veio Joaquim Filipe Nogueira e contou: Certa ocasião, ao criticar a forma como se processava o trânsito em determinada artéria, foi recebido na televisão um ofício da P.S.P. onde se afirmava que ele pretendia virar a opinião pública contra a P.S.P..

Noutra altura sofreu o vexame de ser desmentido no *Telejornal* porque atribuíu certo acidente a excesso de comidas e bebidas e o alvejado era pessoa influente na política. Disto me recordo eu bem. Por acaso escrevi um apontamento sobre isso. Mas a censura (que nesse tempo ainda não se chamava *exame prévio*) não gostou mesmo nada. *Telejornal era tabu...*

Aconteceu mais: chamam-no e dizem-lhe: *Sr. Filipe Nogueira, o seu programa foi feito para comentar acidentes e não para criar incidentes.* Como se vê, a censura também gosta de fazer humor. O chamado humor negro...

Por que deixou o responsável de *Sangue na Estrada* de fazer reportagens dos acidentes na estrada? Muito simplesmente porque baixou uma ordem de serviço no sentido de as filmagens deverem ser requeridas com 24 horas de antecedência. Ao que Joaquim Filipe Nogueira teria respondido: *Pois então avisem-me quando há acidentes que é para eu poder requisitar a filmagem...*

Pelo que se compreende como a Televisão do Pesadelo era, ao mesmo tempo, a Televisão da Anedota.

O grande clube dos mutilados na guerra da Informação contou ontem com mais um sócio. Outros virão. É urgente que outros venham à Televisão contar a sua experiência.

canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

ESTE HOMEM SIMPLES QUE É UM POETA.

Se há um rosto de poeta, esse é o de Fernando Assis Pacheco. Um rosto tranquilo, uns olhos que se iluminam de uma grande ternura diante de uma criança, diante de um amigo.

Se há braços de poeta, esses braços são os de Fernando Assis Pacheco. Dois braços poderosos que nos abraçam como quem abraça o mundo.

Se há uma vigilância de poeta, essa vigilância é a de Fernando Assis Pacheco: a sua atenção prende-se em tudo — para tudo se transformar numa palavra que já é corpo de poesia. Nunca se sabe bem, nas suas crónicas ou nas pequenas notícias anónimas em que é um artista consumado, onde começa o jornalista e onde acaba o poeta.

Como já devem ter compreendido, é muito fácil para mim falar de Fernando Assis Pacheco. É muito fácil porque o amo. Podia, porém, amá-lo e não gostar de o ver na Televisão. Podia acontecer. E eu não deixaria de o dizer. Precisamente porque o amo.

Mas foi tão bom vê-lo e ouvi-lo... Foi mais do que uma entrevista *pra safar a onça*, como ele próprio nos disse: foi uma presença didáctica. O público, grande parte do público, ainda tem do poeta a ideia de um maluquinho de Arroios, lunático, fantástico, a andar sobre nuvens e não sobre a terra que todos pisamos.

Esta ideia ficou destruída pela presença de Fernando Assis Pacheco. Ele, afinal, é tão simples como qualquer de nós. Ele trabalha para ganhar o seu pão. Ele até fala como qualquer de nós. Diz *poeta* e não *bardo*. Diz *livro*, não diz *florilégio*. Quando é pão, diz pão; quando é trabalho, diz *República* ou diz *poesia*. De ser repórter «gosta à bruta». Promete não com projectos mais ou menos miríficos, como é de uso, mas com uma frase que o compromete: *Vou apertar comigo a ver se escrevo.*

Não ouvimos ontem a sua poesia. Agora, sim, agora vamos, não tardará muito tempo, a conhecer a sua poesia através da Televisão. Ontem foi só para o conhecermos, para sabermos como ele é, por fora. Mas ninguém se engane: a poesia de Fernando Assis Pacheco não é tão simples como a pessoa de Fernando Assis Pacheco. Embora os olhos claros sejam os mesmos. Embora os braços sejam os mesmos.

Ficamos à espera da sua poesia, dessa Nau Catrineta que tem muito que contar.

VÁ, TRATEMOS BEM AS VISITAS.

O *Telejornal* tem feito uma notável cobertura do movimento político e sindical. Lá vimos, entre outros, Nuno Calvet de Magalhães, presidente do novo Partido Cristão Democrata a afirmar a sua confiança na estruturação do partido, que ele considera encontrar-se à esquerda mas que, pelo facto de ser «cristão», alguns consideram à direita, o que aos membros do partido, precisamente porque são cristãos, não importa muito. Certamente mais um martírio a acrescentar a tantos outros.

Lá vimos igualmente uma comissão de industriais de sapataria a expor os seus problemas aos membros da Junta. Como não há-de haver problemas de calçado num país onde o povo andava descalço?

. Comovente, na sua força popular, foi aquela delegação que se queixava das miseráveis condições de alojamento. Dizia aquele amigo: *A desmoralização que por aí vai é devido à habitação. Dois ou três casais alugam uma casa. Depois há as tais* caldeiradas.

Nada de discursos, nada de literaturas: o povo sabe o que quer. Resolva-se a Televisão a ir por aí fora, a ouvir as duras verdades da boca do próprio povo. Será então uma Televisão verdadeiramente nova, sem resíduos de água-de-colónia.

Falava eu da importância que o *Telejornal* presta ao movimento sindicalista, e não apenas ao nível interno. Antes de ontem ouvimos um representante da C.G.T. italiana, de visita ao nosso país. Tivemos ontem a presença de dois representantes da C.F.D.T., a segunda maior organização sindical francesa.

Muito bem. Abram-se as portas, venham ver. Venham contactar com os orgãos sindicais portugueses. Venham comunicar-nos a sua experiência. Venham, pura e simplesmente, ver o que se passa.

Vale a pena ouvi-los? Acho que sim, e pelos vistos a Televisão portuguesa também. Neste caso, deve a Televisão portuguesa criar as melhores condições de recepção. Com mil diabos, não se trata de entrevistar as personagens para os falecidos «Domingo à Noite» ou «25 Milhões».

O repórter não deu uma pálida ideia do pensamento dos entrevistados. *Esperamos* — disse René Salan a certa altura — *que Portugal livre, democrático, entrará brevemente no Mercado Comum. Você sabe que a Europa existe e que ela é também democrática. Certo. Mas ao mesmo tempo que existe um sindicalismo a representar os trabalhadores, dizemos que esta Europa não é ainda a Europa dos trabalhadores, é muito a Europa dos homens de negócios, dos grandes industriais, do capitalismo.*

René Salan faz depois votos por ver os trabalhadores portugueses, nas suas organizações livres, participar na Confederação Sindical Europeia.

Pois tudo isto coube em meia dúzia de palavras na tradução do repórter: *Diz então o sr. René que espera ver Portugal muito brevemente no Mercado Comum, justamente fazendo o exercício portanto de um espírito democrático congregando todos os trabalhadores.*

Convenhamos que é pouco. Convenhamos que as condições de trabalho não seriam as mais propícias à atenção exigida pela importância da entrevista. Convenhamos ainda, por todas estas razões, que importa proceder a estas tarefas menos em cima do joelho. Vir a Portugal e falar pró boneco, está isso bem?

FEIRIMPOR

RELATÓRIO DE CONTAS

Quando da publicação do «relatório de contas» da Feirimpor, em 27 de Abril P.P., por lamentável lapso foi omitido o nome da sr.ª D. Margarida Bettencourt do conselho de administração daquela firma. Do lapso se faz agora a necessária rectificação.

sensacional!

UMA REVOLUÇÃO NO MUNDO DO TRICOT

*

EMPISAL-321

A ÚNICA MÁQUINA VERDADEIRAMENTE AUTOMÁTICA

A TRICOTAR: JACQUARD e ARRENDADOS

- Você só tem de conduzir o carro de um lado para o outro.
- Cartões perfurados actuando sobre 24 agulhas, que permitem uma infinidade de desenhos e de maiores dimensões.
- Fácil aprendizagem.

Representantes em Portugal:

SOC. REP. SIDA - SUECA, Lda.

Arruamentos da Matinha - Rua Nº2 ☆☆ POÇO DO BISPO

Lisboa - 6 ••• P.P.C.A. 385871 (8 linhas)

Exposição e Venda - Av. FONTES PEREIRA de MELO, 15-D - Lisboa 1 tel. 533111

ALCATIFAS E TAPETES INGLESES COM DESENHO

Novidades apresentadas por

QUINTÃO

CASA ESPECIALIZADA

30, Rua Ivens, 34

FRANCISCO NAIA assinou recentemente contrato com a editora IMAVOX.

Além de ter já gravado para a sua anterior marca seis títulos ainda não vindos a público, Francisco Naia publicará brevemente um LP na Imavox com os principais temas da sua produção, os quais por motivos óbvios, não puderam ser gravados anteriormente.

NILFISK

MUNDIALMENTE, UM DOS MAIORES FABRICANTES DE ASPIRADORES INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, ADMITE PARA OS SERVIÇOS EM LISBOA:

EMPREGADAS DE ESCRITÓRIO

— IDADE ATÉ 25 ANOS;
— CURSO COMERCAL, 2.º CICLO LICEAL OU EQUIVALENTE;
— CONHECIMENTOS DE INGLÊS COMO PREFERÊNCIA.

Resposta a NILFISK

SERVIÇO DE PESSOAL, APARTADO 4049 — LISBOA-4

DL/NACIONAL

INDEPENDÊNCIA EM RELAÇÃO AO GOVERNO PROVISÓRIO

— DECIDIRAM OS SINDICATOS

«Os trabalhadores devem manter-se independentes do Governo provisório a formar» — decidiram esta manhã os representantes dos Sindicatos presentes à reunião intersindical nacional a decorrer nas antigas instalações da FNAT na Rua Vítor Cordon e agora ocupadas pela União dos Sindicatos do Sul (em organização).

Esta decisão dos sindicatos representa, pois, a vontade de nenhum trabalhador ser nomeado para o Ministério do Trabalho, onde teria de assumir compromissos com o capital ainda detentor do poder económico em Portugal.

Por outro lado os trabalhadores presentes na intersindical (representando as Uniões de Sindicato do Sul e do Norte e ainda de Sindicatos do Centro) decidiram igualmente, no decorrer da primeira fase dos trabalhos, exigir à Comissão Coordenadora do Programa das Forças Armadas uma resposta ao pedido escrito anteriormente feito pela Intersindical Regional no sentido de serem nomeados para o Ministério do Trabalho — e só até à nomeação do ministro respectivo — representante dos seus nomeados pela Junta.

A Intersindical Regional rejeitara o nome do dr. Cid Proença para delegado da Junta junto do Ministério do Trabalho, e posteriormente a J.S.N. nomeou o tenente-coronel Ricardo Durão seu delegado, sem consulta aos trabalhadores — julga-se que devido ao facto de a Junta não conhecer a representatividade das intersindicais.

No final da sessão da manhã, compareceram na reunião representantes de organismos sindicais europeus presentes no nosso nomeadamente René Salan, secretário nacional da cfdt-Confederação Francesa Democrática do Trabalho, e Pierre Evan, seu secretário para a emigração; Rune Molin, 1.º secretário da Confederação do Trabalho sueca; Per Carlsen, secretário internacional da Confederação do Trabalho dinamarquesa; Kaki Tapiola, secretário internacional da Confederação do Trabalho finlandesa; e Kaare Sandgren, secretário internacional da Confederação do Trabalho norueguesa. Foram trocadas saudações entre os trabalhadores portugueses e os estrangeiros, cujos organismos fazem todos parte da CES-Confederação Europeia dos Sindicatos.

A F.P.L.N. continuará na legalidade

A Frente Patriótica de Libertação decidiu promover a constituição de um movimento político que prossiga na legalidade a luta contra o fascismo e pelo socialismo que desenvolveu na clandestinidade desde a sua constituição em 1963.

A definição das linhas de orientação do novo movimento político será feita durante a próxima semana através de um manifesto dirigido ao país. Entretanto, a FPLN vai iniciar a constituição de comissões em todo o país, as quais procurarão reforçar a ligação entre o Movimento das Forças Armadas e as classes trabalhadoras.

Antes de 25 de Abril, a FPLN tinha a sua sede em Argel. Através da Rádio Argel, emitiu durante anos um programa para Portugal, a «Voz da Liberdade». Além da acção de propaganda política em Portugal e entre os emigrantes, realizou várias acções armadas contra o fascismo e contra a guerra, através das Brigadas Revolucionárias.

Dois dos dirigentes da FPLN, Fernando Piteira Santos e Manuel Alegre, regressaram a Portugal na quinta-feira passada. E aguarda-se a próxima chegada a Lisboa de outros dirigentes exilados no estrangeiro.

PRESOS E DEMITIDOS SEIS EMPREGADOS DA TV ESPANHOLA

MADRID, 8 — (U.P.I.-A.N.I.) — Seis empregados da estação de Televisão espanhola, rontrolada pelo Governo, foram ontem a tribunal, acusados de serem membros de uma célula comunista organizada nos estúdios da TVE.

Personalidades da Televisão e do teatro testemunharam em defesa dos réus — segundo anunciam círculos jurídicos. Entre as testemunhas encontram-se o actor-encenador Adolfo Marsillach, o actor Jesus Puente e o encenador Pedro Amalio Lopez.

A acusação pede penas de dois a quatro anos por distribuição de propaganda ilegal e de reunião ilícita.

A defesa exige a absolvição dos réus, declarando que nunca pertenceram ao Partido Comunista na clandestinidade, nem nunca fizeram propaganda ilegal.

Os réus são o realizador Francisco Abad Fuentes, um jornalista e quatro técnicos, que depois da prisão foram demitidos dos cargos.

Comunicado da Junta sobre a frequência das reivindicações de carácter pessoal

LISBOA, 8 (L.) — Sobre a disciplina e a ordem, que são o garante das liberdades fundamentais, o Governo Geral e o Comando Chefe distribuiram o seguinte comunicado conjunto:

«1 — Verifica-se que por parte de alguns sectores da população do Estado de Moçambique não está a ser verdadeiramente compreendido e interpretado o espírito do Movimento das Forças Armadas, surgindo com frequência reivindicações de carácter pessoal, desvirtuando o sentimento de liberdade política que orientou e orienta o Movimento.

«2 — A Junta de Salvação Nacional tem vindo a ser peremptória na definição de medidas que ponham cobro imediatamente a estas práticas atentórias do bom e regular funcionamento das instituições públicas e privadas, o que todos nós desejamos e pelo qual todos devemos pugnar. Concretamente, a Junta de Salvação Nacional em comunicado recente afirma que «compete aos departamentos oficiais vigentes continuar a dirigir a vida da Nação e a regular as actividades públicas e privadas sendo considerados actos de insubordinação e crimes contra o Movimento das Forças Armadas, e como tal vigorosamente reprimidas, investigadas e julgadas todas as interferências de pessoas, grupos e instituições na condução de assuntos públicos e privados, que só ao poder constituído compete».

«3 — A maioria das reivindicações que tem vindo a ser conhecidas só poderão ser consideradas após a constituição do Governo provisório e, por consequência, haverá que aguardar a promulgação das bases legais que as tornem viáveis.

«4 — Ainda na mesma linha de pensamento, reforçando a ideia força da necessidade de respeito e ordem pelas hierarquias vigentes, a Junta de Salvação Nacional no seu comunicado de 5 de Maio chama a atenção para a perturbação que tem causado no funcionamento de vários serviços públicos a realização de reuniões dentro do horário de trabalho e para a ilegalidade de algumas decisões tomadas, nitidamente atentórias da disciplina e das hierarquias constituídas.

Tais desvios enquadram-se igualmente nos actos de insubordinação e crimes contra o Movimento das Forças Armadas.

«5 — Perfeitamente integrados no espírito da orientação política da Junta de Salvação Nacional e consicentes que só na ordem e na disciplina se poderão garantir a todos os cidadãos as liberdades fundamentais, o encarregado do Governo-Geral e o Comandante Chefe das Forças Armadas apela, mais uma vez, para o civismo do povo de Moçambique para que não se comprometa o fim da real democratização e liberalização que inspirou o Movimento das Forças Armadas».

A imprensa estrangeira acorre a Luanda

LUANDA, 8 (L.) — Alguns dos principais órgãos de Informação estrangeiros têm afluido à capital angolana, para dar conta das reacções populares face aos acontecimentos desencadeados pelo Movimento da Junta de Salvação Nacional.

Entre outros sabe-se da presença de representantes da BBC, Reuter, New Visione Italie, New York Times, Rádio Televisione Itália, Newsweek e Sunday Times.

A agência sul-africana Argus Africa New Service e To The Point, também enviou representantes.

RIVUS - PATHÉ — Sensacional reportagem do 1.º de Maio

Teatro Maria Matos
ÚLTIMOS DIAS
«MORTE DE UM CAIXEIRO VIAJANTE»
de Arthur Miller
Todos os dias às 21.45 h
Domingos, às 16.00 horas
HOJE — DESCANSO DA COMPANHIA
M/ 14 anos
Bilhetes à venda
Tel.: 717017

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Fernando Gomes Rodrigues na Tabacaria da Estação de SANTO AMARO DE OIERAS

OOS
S
LA

o Amalio Lopez.
pede penas de
anos por distri-
paganda ilegal e
a.
ge a absolvição
ando que nunca
Partido Comu-
estinidade. nem
propaganda ile-

realizador Fran-
entes. um jorna-
écnicos. que de-
foram demitidos

em vindo
s a consti-
ia, haverá
ue as tor-

reforçan-
dem pelas
cional no
nção para
mento de
es dentro
algumas
sciplina e

actos de
as Forças

da orien-
onsicentes
garantir
encarre-
hefe das
civismo
mprometa
inspirou

rensa
ngeira
rre
anda

(L.) — Alguns
órgãos de Infor-
iros têm afluido
olana, para dar
ões populares fa-
mentos desenca-
ovimento da Jun-
Nacional.
sabe-se da pre-
entantes da BBC,
Visione Italie,
es, Rádio Televi-
ewsweek e Sun-

l-africana Argus
rvice e To The
enviou represen-

ria
tos
OS DIAS
RTE
CAIXEIRO
ANTE»
ur Miller
s às 21.45 h
s 16.00 horas
DESCANSO
MPANHIA
M/ 14 anos
à venda
717017

LISBOA» é ven-
ando Gomes Ro-
abacaria da Es-
TO AMARO DE
RAS

PORTUGAL É UM JOVEM COM 830 ANOS

Apoiamo-lo há 89.
Conhecemo-lo no século passado.
Queremo-lo cada vez mais novo.
Estamos com ele no Comércio. Na Indústria.
Acompanhamo-lo no Estrangeiro.
Na Exportação e na Importação.
Investimos nele quando investimos em si.
Cremos na sua vitalidade. No seu desenvolvimento.
Contamos com a sua juventude de país jovem.
É a nossa força.
Acreditamos no futuro.

BANCO BORGES & IRMÃO 1884

Banco Borges & Irmão

DL/NACIONAL

TEATRO VIVO E ACTUAL — O ESPECTÁCULO QUE VOCÊ ESPERAVA
HOJE: SESSÃO ÚNICA ÀS 21.45 HORAS

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa
grupo D M 18 anos

CONSÓRCIO BRASILEIRO DE TEATRO
apresenta uma
COMÉDIA DE SABOR AMARGO
com
NORMA SUELY
MIRIAM PIRES
FERNANDO DE ALMEIDA
curtíssima temporada

A DAMA DE COPAS E O REI DE CUBA
AUTOR: TIMOCHENKO WEHBI direcção: ODAVLAS PETTI

A posse da comissão provisória do município de Aveiro

AVEIRO — Contrariamente ao que estava anunciado, a cerimónia da posse da comissão provisória incumbida de dirigir os destinos da Câmara Municipal desta cidade, não se efectuou nos Paços do Concelho, mas sim no salão nobre do Governo Civil. A ela assistiram, o comandante militar de Aveiro, coronel Alvaro Salgado; o comandante do Regimento de Infantaria 10, coronel João Dias dos Santos, várias entidades militares e elementos do Movimento Democrático local.

Após a assinatura do auto de posse pelas entidades militares e os 18 elementos que constituem a comissão camarária, usou da palavra, em nome do Movimento Democrático, o dr. Alvaro Neves, que salientou:

«Nunca as Forças Armadas atingiram tanto prestígio internacional e souberam granjear tanto reconhecimento de todos nós, como agora. Bem haja a Junta de Salvação Nacional por ter demitido a Câmara Municipal de Aveiro. A sua decisão diz bem que não embarca em colaboracionismos fascistas e que não aceita oportunistas dissimulados sob a máscara democrática.»

Por sua vez o dr. Flávio Sardo, presidente da Comissão, disse que a hora é de trabalho e que esperava que esta situação seja breve pois as coisas terão de entrar na rotina habitual da gestão administrativa e que ele e todos os seus camaradas aceitaram o cargo «por um imperativo de consciência a que jamais se poderiam furtar».

COMUNICADO

Dado que tinha sido posto a correr na cidade de que houvera menos civismo e dignidade no acto da recepção das chaves das portas da Câmara Municipal, o Movimento Democrático de Aveiro emitiu o seguinte comunicado:

«O Movimento Democrático de Aveiro esclarece que não é verdade ter o Movimento ou qualquer dos seus elementos, em qualquer ocasião, exigido ou mesmo solicitado do ex-presidente do Município — dr. Mário Gaioso — as chaves da Câmara de Aveiro.»

O pessoal da petrosul em assembleia

O pessoal trabalhador da Sociedade Portuguesa da Refinação de Petróleos, S.A.R.L. (PETROSUL) vai reunir amanhã, numa das salas do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório, a fim de tratar de assuntos relativos à sua actividade profissional.

PLAZA
INTERNACIONAL
para quem conhece o mundo é o sabor das melhores coisas do mundo

Um novo cigarro. PLAZA Internacional. O novo sabor Plaza.
Um cigarro de nível internacional.
Um acto de escolha e de afirmação própria.
O seu Plaza. Em qualquer circunstância. Sempre.
Extra Longo. Filtro Triplo Ventilado.
Duas vezes mais eficaz!

PLAZA a sua afirmação pessoal

COVA DA PIEDADE

SEBASTIÃO DA COSTA JÚNIOR

DECLARAÇÃO

A fim de esclarecer os espíritos maldosos e mal intencionados, vem declarar publicamente que nunca pertenceu nem teve ligações de qualquer espécie com a PIDE/DGS, nem com qualquer agremiação de carácter político.

Foi-lhe passada pela Junta de Salvação Nacional uma declaração de não ter pertencido à PIDE/DGS.

BILHETE DE IDENTIDADE

Nos meses de Verão, a afluência de público para obter ou renovar o bilhete de identidade costuma ser tão grande que é impossível evitar bichas com as consequêntes incomodidades para as pessoas. Os serviços de identificação recomendam-lhe por isso que procure evitar as horas de ponta que são as do meio da manhã ou do meio da tarde e o dia de maior afluência que é o sábado.

O Arquivo de Identificação em Lisboa está aberto das 8 da manhã às 8 da noite sem interrupção de 2.ª a 6.ª feira, e ao sábado de manhã.

Para renovar o bilhete de identidade, não precisa de certidão de nascimento se entregar o bilhete anterior, mesmo caducado. Se o não entegar, precisa, além da certidão, de justificar as circunstâncias em que o extraviou.

DATS
CLA
NO
INTER
(Turis

DATSUN 1200
1º E 2º
CLASSIFICADO
NO 8.º RALLYE
INTERNACIONAL
TAP
(Turismo de Série)

"SEI O QUE VENDO QUANDO VENDO UM DATSUN"

– Celso V. Silva

Num grande rallye como o TAP há as "bombas" (inacessíveis ao público) e os carros normais — os Turismo de Série — que todos podem comprar.
No último Rallye Internacional TAP e nessa categoria de automóveis de série, a vitória pertenceu a um DATSUN 1200, entre 34 carros de outras marcas (e, até, de preços bastante superiores!)
Guiado por Celso V. Silva — um nosso vendedor.
Que, portanto, sabe bem o que vende: automóveis iguais ao seu, resistentes, seguros... e MUITO ECONÓMICOS.

ENTREPOSTO

LISBOA • ALMADA • CASCAIS • FARO • LEIRIA • PORTIMÃO
Rótor, S.A.R.L. (PORTO, BRAGA e VIANA DO CASTELO)
Tecnisado, S.A.R.L. (SETÚBAL)
Concessionários em todo o País

DL/NACIONAL

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA NA SEIT

Suspensas (por desnecessárias) as verbas de propaganda turística

O dr. Vasco Vieira de Almeida confirmou ontem em conferência de imprensa, as afirmações que nos fizera sobre a actual situação económica do País, dez dias após o movimento vitorioso das Forças Armadas.

Perante dezenas de jornalistas portugueses e estrangeiros, o delegado da Junta de Salvação Nacional junto do Ministério das Finanças, reafirmou no Palácio Foz, que a situação económica do País está quase normalizada.

Tendo a seu lado o major Mariz Fernandes e o dr. Feytor Pinto, o dr. Vieira de Almeida começou por fazer uma rápida e. posição sobre as medidas de emergência tomadas e seus resultados a tão curto prazo. **Procurámos imediatamente a partir de 27 de Abril evitar perturbações no sistema económico e financeiro, por sua natureza muito sensível a situações como esta** — afirmou, logo dizendo que as normas impostas para evitar a deterioração dos fundos bancários e as saídas abusivas de capitais tinham como objectivo último impedir a existência de um excesso de numerário fora do circuito.

— **Assim, a utilização do cheque foi uma medida rígida que, de resto, já poderia ter sido utilizada, dado que a nossa economia é das mais monetarizadas. Esta iniciativa mais não foi, por isso, do que reforçar uma tendência natural.**

O dr. Vieira de Almeida confirmou que estas imposições permitiram estabilizar a situação financeira nos dois primeiros dias, justificando-se as liberalizações que a breve trecho foram decretadas. A normalidade, — disse — atingiu-se mais rapidamente do que é habitual em condições semelhantes. **O facto de as medidas óbvias iniciais poderem começar a ser desbloqueadas confirmam o sentido postivo das mesmas. Dentro de pouco tempo atingiremos a regularidade habitual.**

MEDIDAS BENIGNAS

— **Deve salientar-se o carácter benigno das medidas adoptadas** — continuou. — **Pretendia-se evitar saídas de capital mas não houve proibição de pagamentos ao estrangeiro referentes a compromissos anteriores a 25 de Abril. O peso das sanções para crimes contra a economia do País foram naturalmente agravados, mas não houve incidentes de monta. É justo referir que isso se deve, em grande parte, à actuação dos sindicatos e trabalhadores na fiscalização necessária, mas também à boa vontade geral.**

A Bolsa mantém-se fechada **até que a situação esteja completamente regularizada, já na vigência** do Governo provisório. Mas a Banca vai recomeçar a receber os fundos do seu movimento comercial. Êxito total, segundo o dr. Vieira de Almeida, foi a adaptação do escudo no mercado externo. O escudo apareceu cotado normalmente ou até subiu, e sem medidas intervencionistas especiais. Estafoi uma vitória importante.

A SUBIDA DOS PREÇOS

Dificuldades de abastecimento já havia, e graves, antes do derrube do regime fascista. O dr. Vieira de Almeida afirmou ontem que a situação não piorou depois de 25 de Abril. **Foi nomeada uma comissão ad hoc para exercer vigilância especial nas importações-exportações** — informou. — **Pretendia-se evitar a exportação de produtos essenciais** — **lembra-se que Portugal exportava peixe que cá faltava** — **compensando-se através da blocagem da importação de produtos de luxo não prioritários. Trata-sedemedidascomcarácter transitório, cuja duração não deverá exceder os 30 dias. Mas manteremos os compromissos assumidos em matéria de comércio externo.**

A colaboração dos consumidores foi depois pedida, na luta contra a subida abusiva dos preços. O dr. Vieira de Almeida recordou a existência de uma tabela, não tão pequena como possa parecer, e que nunca mereceu divulgação capaz nem respeito. A actuação da Inspecção-Geral das Actividades Económicas foi reforçada, ao mesmo tempo que são simplificados os aspectos burocráticos dos autos levantados, que o podem ser pela PSP e pela GNR nas vilas e cidades. Impõe-se também, disse, a colaboração dos armazenistas e produtores, de modo a não elevar injustificadamente os preços na origem. **Todos temos de admitir que enfrentamos uma situação muito especial e grave, que só em conjunto se pode vencer.** De qualquer modo, é intenção marcada impôr uma blocagem dos preços. **Não se trata de medidas propriamente anti-inflacionistas, que essas só as entendo de maneira global** — declarou o dr. Vieira de Almeida. E quanto às rendas de casa: **Trata-se de uma questão delicada e muito complexa, que só poderá ser resolvida quando se instituir uma política de habitação social. É tarefa para o Governo provisório.** E, concluiu esta parte da sua exposição:

Enfrentamos uma situação interessante: temos de travar os preços sem travar os salários. A subida do nível económico dos portugueses tem de basear-se no equilíbrio destes factores. De resto, não sou dos que advogo a guerra total contra a inflação. Temos é de ter a capacidade de enfrentá-la e de viver com ela, em progresso.

FIM DO ISOLAMENTO

O delegado da JSN no Ministério das Finanças repetiria que as medidas de emergência tomadas tiveram o objectivo de evitar soluções de continuidade do sistema económico e financeiro, impondo-se agora a colaboração de todas as classes do sector de produção para a normalização no progresso, nomeadamente através da canalização de créditos e poupanças para os sectores produtivos da economia nacional.

— **Penso que será necessária a tecnologia e o capital estrangeiros, nomeadamente para as indústrias de ponta, desde que se subordinem aos superiores interesses da economia portuguesa** — **afirmou.** — **Nunca mais eles poderão basear-se exclusivamente nos baixos salários aqui praticados.**

E a concluir:

— **Há todas as razões para ter confiança na expansão da nossa economia. A fase mais difícil está ultrapassada e existem bases para essa expansão: basta dizer que temos ainda das maiores reservas monetárias da Europa. Com a colaboração de todos, com sentido das responsabilidades e com a consciência política bastante para perceber que não se pode fazer tudo de um momento para o outro, conseguiremos outra grande vitória, depois da do «25 de Abril».**

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Muitas das respostas que deu, após ter-se posto à disposição dos jornalistas, reforçaram as afirmações anteriores do dr. Vieira de Almeida. Mas, acerca da situação da Balança de Pagamentos, afirmou que, como **é do conhecimento público, a situação criada pela crise do petróleo é completamente nova. No ano passado a nossa balança de pagamentos apresentou um saldo positivo de seis milhões de contos. Este ano, esse saldo deve ser negativo.** E sê-lo-á possivelmente no futuro, pois **as reservas portuguesas continuam a ser extrema e escusadamente altas. Penso que Portugal não poderá manter-se isolado mas deverá, pelo contrário, recorrer aos empréstimos externos que tem evitado. Não vejo razão para o contrário.**

Respondendo a outra pergunta, afirmou-se convencido de que o turismo voltará rapidamente à normalidade. Para isso beneficiará do necessário apoio cambial. Quanto às remessas de emigrantes, não vê razões para que a tendência anterior seja alterada. E sobre o possível regresso dos trabalhadorores portugueses no estrangeiro:

— **A vontade de regresso dos emigrantes vai naturalmente trazer problemas por falta de postos de trabalho. O Governo encarará a sério esta questão de maneira a resolver o assunto da melhor maneira para todos os portugueses.**

Ao encerrar a reunião, o major Mariz Fernandes informou terem sido suspensas as verbas destinadas a propaganda turística do país, com excepção dos compromissos assumidos anteriormente. **A objectividade e o entusiasmo dos jornalistas estrangeiros que têm acompanhado a nossa vitória deram ao mundo a bela imagem de um Portugal livre e renovado, tornando-o na coqueluche do momento. Essa é a nossa melhor propaganda.**

AUDITORIO VIVALDI
ALTA FIDELIDADE
AV. JOÃO CRISÓSTOMO, 91 - A
LISBOA

OS M QU S

-esclarec

. **Os ex-membros do Gov que aqui se encontram são sioneiros. Estão prisioneir ordens do Exército** — decl o tenente-coronel Carlos redo Melo e Leme, no dec de uma conferência de Imp sa efectuada após chega Madeira, depois de ter sido meado governador militar Junta de Salvação Naciona

— **Nessa situação** — ac centou o governador — **podem fazer declarações dar qualquer entrevista. das principais razões pa situação em que se encon é a sua própria segurança soal. Se continuam ou nã Palácio de S. Lourenço, faz parte do segredo dos ses...**

Referindo-se a informa anónimas que recebera lo chegada à Madeira concer tes a contactos telefón entre o general Spínola prof. Marcello Caetano, nente-coronel Carlos Aze foi peremptório:

— **Como disse, o prof. cello Caetano é neste mo to um prisioneiro e não comunicações com o ext a não ser as estritamente cessárias para comprar co que todos nós, quando so deslocados à pressa, pre mos para viver. Desde a g para os sapatos até à es de dentes.**

O general Spínola — ins — **não teve nem tem qual contacto com os elementos Governo deposto que se contram aqui detidos no chal. É uma coisa que gos que ficasse bem clara: a J de Salvação Nacional não cisou, até este momento comunicar com ninguém d tigo regime. E esperemos mo que não precise de com car com pessoas, a não aquelas que serviram o an regime e que eram suficie mente honestas — porque bém havia gente honesta outro lado — para nos p rem garantir trabalhar con co na reconstrução deste P**

Respondendo a uma per ta sobre se se poderiam fi as instalações da Fortaleza S. Lourenço onde se en tram os membros do antigo gime e o ex-presidente da pública, o governador da deira afirmou não ser possível.

— **Qualquer filme sobre instalações daria indica de portas, de janelas e de tas possibilidades de fug o Palácio de S. Lourenço é propriamente uma prisão gular...Embora este aspecto seja a única razão da recus**

O tenente-coronel desme ainda que o almirante Amé Tomás, o prof. Marcello Ca no, o dr. Moreira Baptist o prof. Silva Cunha, que junto de si familiares, este instalados luxuosamente.

— **A parte mais luxuosa Palácio de S. Lourenço está zia. As entidades prisione encontram-se nuns apartam tos que não são de qual maneira luxuosos mas também não são as enxo da DGS...**

OS MEMBROS DO GOVERNO QUE ESTÃO NA MADEIRA SÃO CONSIDERADOS PRISIONEIROS

-esclareceu o governador militar do arquipélago

Os ex-membros do Governo que aqui se encontram são prisioneiros. Estão prisioneiros às ordens do Exército — declarou o tenente-coronel Carlos Azeredo Melo e Leme, no decorrer de uma conferência de Imprensa efectuada após chegar à Madeira, depois de ter sido nomeado governador militar pela Junta de Salvação Nacional.

— **Nessa situação** — acrescentou o governador —, **não podem fazer declarações ou dar qualquer entrevista. Uma das principais razões para a situação em que se encontram é a sua própria segurança pessoal. Se continuam ou não no Palácio de S. Lourenço, isso faz parte do segredo dos deuses...**

Referindo-se a informações anónimas que recebera logo à chegada à Madeira concernentes a contactos telefónicos entre o general Spínola e o prof. Marcello Caetano, o tenente-coronel Carlos Azeredo foi peremptório:

— **Como disse, o prof. Marcello Caetano é neste momento um prisioneiro e não tem comunicações com o exterior a não ser as estritamente necessárias para comprar coisas que todos nós, quando somos deslocados à pressa, precisamos para viver. Desde a graxa para os sapatos até à escova de dentes.**

O general Spínola — insistiu — **não teve nem tem qualquer contacto com os elementos do Governo deposto que se encontram aqui detidos no Funchal. É uma coisa que gostava que ficasse bem clara: a Junta de Salvação Nacional não precisou, até este momento, de comunicar com ninguém do antigo regime. E esperemos mesmo que não precise de comunicar com pessoas, a não ser aquelas que serviram o antigo regime e que eram suficientemente honestas — porque também havia gente honesta no outro lado — para nos poderem garantir trabalhar connosco na reconstrução deste País.**

Respondendo a uma pergunta sobre se se poderiam filmar as instalações da Fortaleza de S. Lourenço onde se encontram os membros do antigo regime e o ex-presidente da República, o governador da Madeira afirmou não ser isso possível.

— **Qualquer filme sobre as instalações daria indicações de portas, de janelas e de muitas possibilidades de fuga. E o Palácio de S. Lourenço não é propriamente uma prisão regular... Embora este aspecto não seja a única razão da recusa.**

O tenente-coronel desmentiu ainda que o almirante Américo Tomás, o prof. Marcello Caetano, o dr. Moreira Baptista e o prof. Silva Cunha, que têm junto de si familiares, estejam instalados luxuosamente.

— **A parte mais luxuosa do Palácio de S. Lourenço está vazia. As entidades prisioneiras encontram-se nuns apartamentos que não são de qualquer maneira luxuosos mas que também não são as enxovias da DGS...**

DESTRUÍDOS OS ARQUIVOS DA PIDE/DGS

Os agentes da extinta PIDE/DGS que faziam serviço no arquipélago da Madeira já deram entrada nos Fortes de Peniche e de Caxias. Porém, na altura em que se efectuou esta conferência de Imprensa, os dezassete agentes ainda se encontravam detidos numa das unidades militares madeirenses. Sobre eles, afirmou o tenente-coronel Carlos Azeredo:

— **Temos, sobretudo, que garantir a segurança dessa gente. Não podemos aceitar que a Justiça seja feita na rua. Dispomos de tribunais, juízes, acusações, defesas e leis. Se têm culpas, serão processados e julgados.**

E respondendo a uma pergunta sobre os arquivos da PIDE e da possibilidade, daí decorrente, de serem localizados elementos perigosos que trabalharam para o regime deposto:

— **Os arquivos já começaram a ser destruídos. Não podemos permitir que uma arma tão perigosa possa cair nas mãos de alguém. Lutamos em defesa do povo português, não queremos que se voltem a repetir as experiências tristes do passado. Relativamente aos informadores da PIDE, eles são muito numerosos. Não sei mesmo como é que poderíamos resolver o problema da sua detenção.**

Devo esclarecer — acrescentou depois — **que quando entrei na sede da PIDE no Porto me passaram pela mão alguns livros de arrolamento de informadores. E, tal como se fez com restante documentação, resolveu-se destruir também essa. Penso que não é levantando um regime de vinganças e de opressão com outro nome ou com outra direcção que libertaremos finalmente o povo português. É facto que houve desgraças, depredações em pessoas, prejuízos irreparáveis. Portanto, dentro dessa irreparabilidade, aqueles que eram verdadeiramente responsáveis estão detidos, e para eles temos os tribunais.**

Quanto ao resto — concluiu o governador da Madeira —, **é melhor esquecer, como um sonho mau, aquilo que passou.**

Parece-nos inaceitável a defesa apresentada pelo tenente-coronel Carlos Azeredo para justificar a destruição dos documentos da PIDE. O conhecimento da história sinistra daquela corporação — pilar importantíssimo dos muitos em que se apoiava o regime de Salazar e de Caetano — não impediria que se fizesse justiça nos tribunais aos seus agentes. Far-se-ia uma justiça mais justa, passe a expressão, por mais fundamentada. Quanto aos informadores, não se deve menosprezar o seu papel como activadores primeiros do regime de terror existente até ao 25 de Abril. Denúncias de informadores deram ocasião a que dezenas, centenas, milhares de cidadãos passassem pela mão, pelas prisões da PIDE durante largo tempo, sem culpa formada e sujeitos aos tratos mais ignóbeis. Não se deverão responsabilizar os informadores-difamadores que disso tiravam proventos, pagos pelos cofres do Estado, ou seja, pelo povo português?

«As entidades prisioneiras encontram-se nuns apartamentos que não são de qualquer maneira luxuosos mas também não são as enxovias da DGS», esclareceu o governador militar da Madeira

«A MAÇÃ DE JUNHO»

No decorrer da conferência de Imprensa, o tenente-coronel Carlos Azeredo falou, ainda que de forma breve, da sua participação na revolução de 25 de Abril, cujo nome de código confirmou ser «Maçã de Junho». Integrado numa unidade do Porto, teve a seu cargo a tomada do Quartel-General da capital nortenha. Feita, acentuou, da forma mais calma e discreta possível: tendo tomado conta da unidade às quatro da manhã, a maioria da guarnição só deu conta da situação às nove...

E esquivando-se a responder a uma pergunta sobre a preparação feita ao longo de meses para o golpe militar, o governador da Madeira afirmou com humor (negro):

— **Não interessa falar muito dessas coisas. Pode voltar a ser preciso...**

Tenente-coronel Carlos Azeredo: «Querer resolver o problema do Ultramar a tiro era uma loucura»

A muita gente surpreendeu a forma fulminante como o regime caiu, sem recontros entre tropas nem derramamento de sangue, se exceptuarmos as últimas vítimas assassinadas pela PIDE na Rua António Maria Cardoso. De um momento para o outro, as Forças Armadas ao serviço do Governo voltaram-se quase que em uníssono contra ele, derrubando-o.

Como foi possível?

— **Muito simples** — respondeu o tenente-coronel Carlos Azeredo — **O regime desacreditou muitas coisas, e nos últimos tempos com uma extrema energia, para se manter no poder. A magistratura foi alvo disso, a Igreja foi alvo disso, e nós, militares, começámos a sê-lo antes de todos.**

A partir da altura em que os militares decidiram modificar as coisas — visto não se considerarem como fazendo parte do aparelho repressivo do regime fascista — , tudo se tornou fácil. Porque...

— **Nós sabemos planear** — frisou o governador militar da Madeira. E acrescentou:

— **Se não houve mais nenhum proveito da guerra de África, houve pelo menos este. Nós sabemos planear uma operação. Neste caso, a coisa foi bem planeada e surtiu efeito.**

De resto, continuou, **uma das coisas que na operação pusemos de parte foram as comunicações telefónicas e pelos CTT. Sabíamos que a DGS tinha mesas de escuta para as nossas conversas telefónicas. Tive ocasião de ver fichas das minhas conversas telefónicas na DGS do Porto, e achei muita piada... Quanto às cartas, julgo que nem sempre era respeitado o sigilo. Já houve uma comunicação da Junta quanto a esse aspecto.**

Referindo-se ainda à forma como os militares contactavam entre si, o tenente-coronel Carlos Azeredo revelou que os encontros se efectuaram em diversos pontos do País. Muitas vezes, o reconhecimento mútuo era feito através de um exemplar do jornal «A Época» debaixo do braço...

— **Desta forma conseguimos manter o segredo. E quando o Governo se apercebeu foi tão em cima da hora que já não tinha tempo para qualquer reacção.**

ULTRAMAR, PROBLEMA POLÍTICO

Referindo-se ao Ultramar e exprimindo uma opinião pessoal, o governador militar da Madeira afirmou ser a guerra em África «um problema político».

— **Querer resolver o problema do Ultramar a tiro era uma loucura. As operações militares apenas podem servir para se ganhar tempo, para a parte política trabalhar. Esta é a mais longa guerra da nossa história. Treze anos em que diariamente morre gente nas três frentes de combate, e em que o inimigo utiliza armamento tão pesado que no último ataque a Mueda, em Moçambique, caíram na povoação 102 morteiros de longo alcance. Não temos possibilidade de resolver militarmente um problema que por sua natureza é estritamente político.**

O CASO DO RÁDIO CLUBE DE MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 8 — (L.) — Os funcionários do Rádio Clube de Moçambique, reunidos na sua sede, votaram pela não readmissão de sete elementos do corpo redactorial, após a narração dos factos pelo dr. Eduardo Parreira, chefe dos Serviços de Produção.

Geral

AMEAÇA DE REVOLUÇÕES SOBRE WILLY BRANDT

BONN, 8 (F.P.) — O Governo recusa-se a fazer comentários às afirmações do «Hamburger Abend Blatt» (do grupo Springer) segundo as quais, a demissão do chanceler foi provocada pelo facto de Gunther Guillaume o ameaçar de fazer revelações acerca da sua vida particular no caso de não o trocarem por cidadãos da Alemanha Ocidental detidos na Alemanha Oriental. O «Welt» também de Hamburgo diz que Gunther Guillaume espiava a vida privada do chanceler e mandava as respectivas informações para Berlim-Leste. Outro jornal do grupo Springer, «Bild Zeitung», afirma que durante as férias de Willy Brandt na Noruega, em Junho do ano passado em que foi acompanhado por Gunther Guillaume, este aproveitou para ter «acesso aos mais secretos documentos de Estado» e nomeadamente de uma carta pessoal do chanceler para Nixon tratando da OTAN.

Ruediger Von Wechmar, porta-voz do Governo, declarou simplesmente a este respeito, que nesta especie de rumores não bastava publica-los, era preciso prova-los.

Em Colonia, o Premio Nobel de Literatura, Heinrich Boecl disse na TV que «o mundo não compreendera que tenhamos deitado abaixo um chanceler como Willy Brandt». O escritor salientou que o «chanceler como Willy Brandt, pessoa muito sensível e não muito autoritario tinha sido literalmente entregue ao pasto do escândalo Guillaume» Era de notar que a oposição tinha neste caso disposto de mais informações do que o Governo. Esta melhor informação era «escandalosa» pois que a fonte dessas informações só podia ter sido oficial. Desejamos, concluiu Heinrich Boecl, que Helmut Schimdt saiba tirar as consequências que se impõem e salvar a honra do seu predecessor».

Cartazes com fotografias de Willy Brandt e archotes eram transportados por manifestantes que efectuaram ontem uma marcha pelas ruas de Bonn, demonstrando a sua simpatia pelo chanceler e protestando contra as circunstâncias em que se processou a sua resignação (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

SPÍNOLA E PALMA CARLOS EM REUNIÃO DEMORADA

O general António de Spínola, que chegou ao Palácio de Belém às 11 e 30, sorridente e amável para os jornalistas, tinha na sua agenda de hoje um unico ponto: reunião de trabalho com o prof. Adelino Palma Carlos.

Este prestigioso mestre de Direito, que muita gente «já vê» como primeiro-ministro do Governo Provisório, chegara dez minutos mais cedo. «Confirma-se que foi convidado para o novo Governo?» — perguntámos-lhe. **Não se confirma nada** — respondeu. **Os jornais é que o dizem. Mas eu não tenho culpa.** «Contudo» — voltámos — «o prof. Palma Carlos tem falado diariamente com o general Spínola». Sorrindo, não adiantou mais do que até aqui: **O sr. general manda-me cá vir, que posso eu fazer?**

Nada é certo: esta é a unica informação objectiva que se pode dar. O Governo Provisório deve ser constituído e anunciado até ao fim desta semana. Entretanto, na posição do prof. Adelino da Palma Carlos estarão outras personalidades politicas que andam na boca e no pensamento dos cidadãos: Sá Carneiro, Magalhães Mota, Pereira de Moura, Alvaro Cunhal, Vieira de Almeida, Mário Soares, Raul Rego, e outros.

UMA SEDE PARA O SINDICATO DOS PROFESSORES

Vimos em Belém, entre outras delegações, a vereação e presidência do Município de Cascais: iam entregar à Junta de Salvação Nacional a solução do problema criado naquela autarquia.

E encontrámos, também, um grupo de professores que ali estavam, como delegados do seu sindicato para conseguir da Junta uma sede própria. Proposta que iam apresentar: o edifício da ex-ANP no Largo da Misericórdia. A delegação era constituída por António Teodoro, Vítor Faria Silva, eng. Simões de Abreu, Elsa Oliveira e Ana Mesquita. Soubemos que foi nomeada uma comissão instaladora provisória para a formação de um sindicato único de âmbito nacional, englobando todos os professores desde o ensino superior ao infantil. Amanhã haverá uma reunião geral de professores no pavilhão gimnodesportivo do Estádio Universitário, às 21 e 30, para discussão e estudo do saneamento das estruturas do ensino. No sábado, às 15 horas, terão lugar reuniões de delegados sindicais do ensino secundário no Instituto Superior Técnico e do ensino superior na Faculdade de Letras.

AGRADECIMENTO

Rogério Fernando Mesquita, proprietário da OURIVESARIA SANTA FILOMENA, sita no Largo Manuel Emídio da Silva, 9-C (em frente ao portão principal do Jardim Zoológico), vem, por este meio agradecer, neste momento em que toda a verdade se encontra esclarecida, a todas as pessoas que lhe testemunharam a sua amizade e a sua confiança na altura em que foi alvo duma caluniosa e infamante denúncia.

Lisboa, 8 de Maio de 1974.

Uma comissão da ONU quer autorização para ir a Moçambique

NAÇÕES UNIDAS (NOVA IORQUE), 8 — (F.P.) — Os cinco membros de uma comissão nomeada pela Assembleia Geral da ONU, em Dezembro findo, para realizar um inquérito às atrocidades assinaladas no mês de Julho de 1973 em Moçambique deixarão Nova Iorque na proxima sexta-feira para uma viagem de cinco semanas, três delas na Europa e duas em Africa.

A comissão espera receber autorização para ir a Moçambique mas um telegrama enviado em 30 de Abril ao Ministerio dos Negócios Estrangeiros da Junta de Lisboa, solicitando a cooperação do novo governo português, ainda não teve resposta.

A comissão passará uma semana em Londres, outra em Madrid e outra em Roma, antes de ir á Tanzânia, à Zâmbia e a Moçambique se para isso obtiver autorização.

A notícia dos morticínios imputados ao exercito português numa aldeia da região de Tete em Moçambique, foi publicada na imprensa inglesa, com fé em relatorios de religiosos espanhóis que exerciam o seu Ministerio em Moçambique.

O custo da missão da ONU foi avaliado em perto de 71 mil contos.

Perigo de uma solução do tipo rodesiano

KINSHASA, 8 — (F. P.) — Sakombi Inongo, comissário de Estado para a orientação nacional, chamava, ontem à noite, no jornal «Salongo» todos os movimentos de libertação africanos a união e os Estados africanos a unidade perante o perigo de uma solução rodesiana para Angola e Moçambique.

Sakombi Inongo, que se refere a declarações feitas a esse respeito pelo presidente Mobutu, escreve: «Essa posição muito nítida contrasta com a situação ambigua em curso neste momento e que pode vir a dar numa solução rodesiana, a pior das soluções não so para os nossos irmãos angolanos e moçambicanos, mas para toda a Africa. Ver-se-ia, nesse caso, a constituição desse «bloco branco» da **africa Austral que é o sonho** dos racistas de Pretória».

Depois de afirmar que, «se o general Spínola não tornar claras as suas intenções, estaremos no direito de prosseguir e intensificar o combate». Sakombi Inongo acrescenta: «Se, pelo contrário, manifestar, sem ambiguidade o desejo de chegar à verdadeira independência das ex-colonias portuguesas, então, como indica o chefe do Estado zairense, a situação entre Portugal e a Africa será imediatamente normalizada. Haverá um embaixador de Portugal em Kinshasa e um embaixador do Zaire em Lisboa».

«Mas, antes de lá chegarmos — conclui Inongo — será necessário, pelo menos, que a união e a determinação dos africanos se manifestem com vigor e em todos os planos».

FURTADOS TRÊS RELÓGIOS DE FABRICO MEDIEVAL

Três relógios de parede de fabrico medieval, de elevado valor monetário e artístico, foram furtados esta madrugada, numa vivenda localizada na Rua Virgílio Machado, 13, por assaltantes ainda não identificados pelos investigadores da Polícia Judiciária, a quem foi participada a ocorrência.

No livro do Piquete daquela Corporação, havia ainda o registo de um assalto ocorrido também esta madrugada, num estabelecimento comercial na Avenida Infante Santo, 15, letra V, de onde levaram seis contos em dinheiro.

Entregou-se ao Exército o antigo director da DGS do Porto

PORTO, 8 — Apresentou-se no comando do Quartel-General desta cidade, Porto Duarte, que exerceu as funções de director, nesta cidade, da ex-D. G. S., e que há cerca de um ano foi exonerado do cargo. Recorreu para o Supremo Tribunal Administrativo e veio a ganhar o recurso. Aquele ex-director foi remetido para um estabelecimento prisional.

Tambem na Polícia Judiciária apresentaram-se ontem um chefe de brigada e um agente daquela extinta corporação. Por determinação do Quartel-General foram conduzidos para uma penitenciária.

KISSINGER EM DAMASCO

— O secretário americano de Estado, Henry Kissinger, parte hoje para Damasco levando consigo as propostas israelitas para um acordo de separação de forças com a Síria. Não foram divulgados pormenores das ideias israelitas. Porém, julga-se que o gabinete concordou em que, sob certas condições, Israel poderá devolver a maior parte da cidade de Kuneitra — na orla da linha de cessar-fogo de 1967 — e outras pequenas parcelas de território próximo da orla sul dos Montes Golan, além de território capturado na Guerra de Outubro. (R.).

O novo regime procura melhorar as relações com os países árabes -diz um jornal libanês

BEIRUTE, 8 — (F.P.) — O novo regime português procura melhorar as suas relações com os países árabes, diz o jornal libanês «Beyrouth» citando as esferas da Liga Árabe em Paris. Indica, assim, que o novo regime português estabeleceu já contactos com representantes da Liga Árabe em países europeus, prometendo adoptar uma nova política pró-árabe e mudar de atitude quanto às colónias africanas.

Segundo o jornal, o Governo português pede o levantamento do embargo de petróleo, decretado pelos países árabes contra Portugal durante a guerra de Outubro, pelo facto de o governo de Caetano ter autorizado os aviões americanos a utilizarem os Açores para a ponte aérea com Israel.

O PANAMÁ MANTÉM RELAÇÕES

CIDADE DO PANAMÁ, 8 (EFE-ANI) — O Governo do Panamá declarou que mantém as suas relações diplomáticas e comerciais com Portugal. Num comunicado da chancelaria panamiana afirma-se:

«Esta atitude está em concordância com a actual política externa do Estado Panamiano de respeitar a independência nacional e a autodeterminação dos povos. Por conseguinte, as relações com Portugal mantêem-se inalteráveis»

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Horácio Ferreira. Rua Sacadura N.º 481 CRUZ QUEBRADA LISBOA

"Apoio "Indep

O texto do jornalista A dre Alhinho Oliveira sob manifestações de extre querda no 1.º de Maio d suscitou dois protestos. meiro vem de um simpa do MRPP. O segundo é do por «um grupo de m tantes marxistas-leninista blicamo-los por esta or acrescentamos uma citaçã

O 1.º DE MAIO VERME E O «DIÁRIO DE LISBO

O primeiro protesto di a assinatura de A.O., o « **de Lisboa»** publicou uma sobre a manifestação de Maio convocada pelo onde a coberto de objecti jornalística se dá da m tação uma imagem sufi mente confusa, para que acção apareça misturada de certos grupelhos, que zem maoístas e cuja exis só é conhecida naquilo é costume chamar-se «me ralmente bem informado deturpações são suficiente graves para que esse desm se imponha.

1.º — Sabe-se que o (Movimento Reorganizati Partido do Proletariado) mou em 1973 uma tradiçã fundas raízes na classe op de Lisboa: a comemoraç 1.º de Maio com uma m tação no Rossio. E de no 1974, nos princípios de integradas na Jornada da pelo pão convocou ma tações nos principais operários do país. O movi de 25 de Abril fez que deveria ser uma dura co tação com a polícia de c se transformasse num imp nante desfile.

2.º — Esta situação tornava possível àqueles grupelhos, que sob a rep fascista são incapazes de duradouramente noutro que não na emigração, também a sua manifes Bastava pegar numa ba vermelha com a foice e o lo, gritar «separação e co independência para os das colónias» e aguardar guns sectores menos esc dos das massas se juntas ela por julgarem que a ma tação era do MRPP. E ar qualquer manobra de di para quando (tal como a ceu no comício da FNA massas começassem a «Guerra do povo à guerra nial»...

3.º — Para completar nobra só faltava um jor «objectivo», jogando no sionismo, falar de manifes de «extrema-esquerda» o MRPP aparecia misturad os tais grupelhos. Os ta só acham que é altura de morar o 1.º de Maio q o espectro da repressão arredado. E que tentam u mo arranque para dar a que existem

4.º — A técnica usada que se não perceba bem se passou e começar por de manifestações de extre querda, misturar tudo e pois começar a distinguir pois para baralhar de no meio do artigo atirar con profusão de siglas. No tudo aquilo aparece refer mar vermelho que inun Almirante Reis, com retra Presidente Mao e do herói marada Ribeiro Santos: e bém do impecável serviço dem, formado por activis braçadeira vermelha com la amarela, que funcionou notável eficiência na o zação do desfile. Mas só

s por manifestantes que simpatia pelo chanceler ação (Telefoto UPI/Telim-

solução siano

istas de Pretória».
ois de afirmar que, «se ral Spínola não tornar as suas intenções, estare- o direito de prosseguir e icar o combate». Sakom- go acrescenta: «Se, pelo io, manifestar, sem am- de o desejo de chegar à eira independência das nias portuguesas, então, ndica o chefe do Estado .. a situação entre Portu- África será imediatamen- nalizada. Haverá um em- or de Portugal em Kins- um embaixador do Zaire boa».
s, antes de lá chegarmos clui Inongo — será neces- pelo menos, que a união erminação dos africanos ifestem com vigor e em s planos».

Exército ector Porto

urso. Aquele ex-director netido para um estabeleci- prisional.
bém na Polícia Judiciária ntaram-se ontem um che- brigada e um agente da- extinta corporação. Por inação do Quartel-Gene- am conduzidos para uma nciaria.

elhorar árabes

namiana afirma-se:
ta atitude está em concor- com a actual política ex- do Estado Panamiano de ar a independência nacio- a autodeterminação dos . Por conseguinte, as re- com Portugal man- se inalteráveis»

IÁRIO DE LISBOA» é ven- por Horácio Ferreira, Rua dura N.º 481 CRUZ QUEBRADA LISBOA

"Apoio de massas à reivindicação de extrema-esquerda" "Independência imediata para as colónias" (- dois protestos)

O texto do jornalista Alexandre Alhinho Oliveira sobre duas manifestações de extrema-esquerda no 1.º de Maio de 1974 suscitou dois protestos. O primeiro vem de um simpatizante do MRPP. O segundo é assinado por «um grupo de manifestantes marxistas-leninistas». Publicamo-los por esta ordem e acrescentamos uma citação.

O 1.º DE MAIO VERMELHO E O «DIÁRIO DE LISBOA»

O primeiro protesto diz: Sob a assinatura de A.O., o «**Diário de Lisboa**» publicou uma notícia sobre a manifestação de 1.º de Maio convocada pelo MRPP onde a coberto de objectividade jornalística se dá da manifestação uma imagem suficientemente confusa, para que a sua acção apareça misturada com a de certos grupelhos, que se dizem maoístas e cuja existência só é conhecida naquilo a que é costume chamar-se «meios geralmente bem informados»: as deturpações são suficientemente graves para que esse desmentido se imponha.

1.º — Sabe-se que o MRPP (Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado) retomou em 1973 uma tradição com fundas raízes na classe operária de Lisboa: a comemoração do 1.º de Maio com uma manifestação no Rossio. E de novo em 1974, nos princípios de Abril, integradas na Jornada da Luta pelo pão convocou manifestações nos principais centros operários do país. O movimento de 25 de Abril fez que o que deveria ser uma dura confrontação com a polícia de choque se transformasse num impressionante desfile.

—2.º — Esta situação nova tornava possível àqueles outros grupelhos, que sob a repressão fascista são incapazes de existir duradouramente noutro ponto que não na emigração, fazer também a sua manifestação. Bastava pegar numa bandeira vermelha com a foice e o martelo, gritar «separação e completa independência para os povos das colónias» e aguardar que alguns sectores menos esclarecidos das massas se juntassem a ela por julgarem que a manifestação era do MRPP. E arranjar qualquer manobra de diversão para quando (tal como aconteceu no comício da FNAT) as massas começassem a gritar «Guerra do povo à guerra colonial»...

3.º — Para completar a manobra só faltava um jornalista «objectivo», jogando no confusionismo, falar de manifestações de «extrema-esquerda» onde o MRPP aparecia misturado com os tais grupelhos. Os tais que só acham que é altura de comemorar o 1.º de Maio quando o espectro da repressão parece arredado. E que tentam um último arranque para dar a ilusão que existem.

4.º — A técnica usada para que se não perceba bem o que se passou é começar por falar de manifestações de extrema-esquerda, misturar tudo e só depois começar a distinguir. E depois para baralhar de novo, no meio do artigo atirar com uma profusão de siglas. No meio de tudo aquilo aparece referido o mar vermelho que inundou a Almirante Reis, com retratos do Presidente Mao e do heróico camarada Ribeiro Santos; e também do impecável serviço de ordem, formado por activistas de braçadeira vermelha com estrela amarela, que funcionou com notável eficiência na organização do desfile. Mas só quem lá esteve sabe que isto se refere à manifestação do MRPP.

Para cúmulo fala-se de 10.000 manifestantes de extrema-esquerda. Ora a manifestação do MRPP teve pelo menos umas 50.000 pessoas nos pontos mais altos. Até o «Diário Popular» viu a Rua do Ouro cheia e o «Diário de Notícias» fala de 40.000. A que extremos poderá ir a objectividade de certos jornalistas? **(carta recebida de José Luís Saldanha Sanches, na qualidade de simpatizante do MRPP).**

A OUTRA MANIFESTAÇÃO

«Um grupo de manifestantes marxistas-leninistas» assina a segunda carta de protesto que recebemos sobre a notícia intitulada «Apio de Massas à reivindicação de extrema-esquerda: Independência imediata para as colónias». Eis o texto:

«Sob a epígrafe acima, publicou o «Diário de Lisboa» na sua edição de 2 de Maio, a páginas 16, uma notícia que contém várias inexatidões acerca de uma manifestação de marxistas-leninistas realizada no Primeiro de Maio, das quais destacamos as seguintes:

1.º — A manifestação dos marxistas-leninistas partiu da Alameda conjuntamente com a manifestação «democrática e sindicalista» e dela se separou na Avenida dos Estados Unidos da América, pois em vez de inflectir para o Estádio 1.º de Maio prosseguiu em direcção a Entrecampos, prosseguindo o percurso que a parte final da notícia refere. É nesta manifestação que se cruza na Baixa de Lisboa, sem se fundir, com a do MRPP.

2.º — Na manifestação em que tomámos parte estavam representadas as organizações citadas na notícia — o Partido Comunista de Portugal (Marxista-Leninista), os CCRs e «O Grito do Povo» — mas julgamos poder afirmar que o núcleo maioritário da manifestação não pertencia à última organização política. Julgamos também ser muito discutível o juízo que se faz sobre a «força» relativa de cada um dos agrupamentos, o que levaria necessariamente a considerações acerca da orientação ideológica e política de qualquer delas. Todavia, podemos afirmar peremptóriamente que o MRPP não esteve presente nessa manifestação, e temos sérias dúvidas sobre se a esmagadora maioria dos elementos que nela tomaram parte consideram correctas, na presente conjuntura, algumas das palavras de ordem dessa organização.

3.º — A notícia não distingue convenientemente que se [illegible] de manifestações diferentes e totalmente **autónomas** — a do MRPP, por um lado, e a das outras organizações de esquerda, por outro.

4 4.º — É totalmente falso que a manifestação tenha **regressado** ao Rossio, conforme se afirma na notícia. A manifestação seguiu pela rua Nova do Almada em direcção ao Cais do Sodré e daqui a Alcântara, onde as suas palavras de ordem encontraram calorosa receptividade popular, e depois ao Largo do Calvário, onde se realizou um breve comício, tendo-se dispersado junto das oficinas da Carris, em Santo Amaro. Afirmar-se que a manifestação «regressou» ao Rossio só pode entender-se como tentativa de a confundir com a do MRPP ou de estabelecer entre elas quaisquer traços de afinidade ideológica ou política que vivamente se contestam.

5.º — Admite-se que algumas palavras de ordem dessa manifestação pudessem confundir-se com as do MRPP. É porém totalmente falso que nela se tenha gritado «Guerra do povo à guerra colonial» — o que não significa pela nossa parte qualquer juízo de valor acerca da justiça desta palavra de ordem. Trata-se apenas de restabelecer a verdade.

É de igual modo falso que exista uma coincidência completa quanto aquilo a que o articulista chama «os pontos base do programa político» do MRPP e das outras organizações de esquerda. Na nossa manifestação não se gritou, ao contrário do que o articulista afirma «Liberdade, Paz, Pão, Terra, Democracia e Independência Nacional», mas sim «Liberdade, Paz, Pão, Terra e Independência Nacional», palavras de ordem que, aliás, alguns dos presentes na manifestação lançaram e divulgaram **desde 1964** — isto é, vários anos antes do aparecimento do MRPP, conforme facilmente se pode provar.

Resta acrescentar que certas expressões usadas no artigo em referência são usadas em sentido pouco rigoroso. É nomeadamente o caso da expressão «comunistas-ortodoxos», salvo se foi usada como foi usada como eufemismo para caracterizar os seguidores de uma corrente política que a vanguarda do proletariado de todo o mundo já devidamente caracterizou (carta assinada por **Um grupo de manifestantes marxistas-leninistas**).

UMA CITAÇÃO

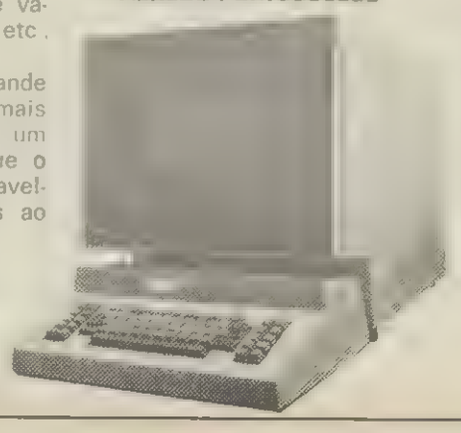
) **Todas as idéias erradas, todas as ervas venenosas, todos os monstros e génios malfeitores devem ser submetidos à crítica; em circunstância nenhuma devemos deixá-los crescer livremente. Contudo, a crítica deve ser inteiramente fundada, analítica e convincente, e nunca grosseira, burocrática, metafísica ou dogmática.** (MAO TSE-TUNG, «Discurso pronunciado na Conferência Nacional do Partido Comunista da China sobre o Trabalho de Propaganda», em 12 de Março de 1957. **Citações do Presidente Mao Tsé-Tung,** Edições em Línguas Estrangeiras, Pequim, 1967).

A TAP apresenta o TAPMATIC

O seu novo Sistema Automático de Reservas e Controle de Partidas

TAPMATIC — O novo sistema electrónico que coopera na execução de quase todas as fases de gestão de uma Companhia Aérea — instantânea e eficazmente — com o auxílio de 2 computadores IBM 370/158.
A finalidade principal deste sistema é permitir à TAP melhorar o serviço aos seus Clientes.
O Tapmatic além de permitir fazer reservas com um tempo médio de espera não superior a 2 minutos, oferece ainda informações do maior interesse para qualquer passageiro, tais como: horários e tarifas, reservas de hotéis, informações sobre vistos, passaportes e vacinas, clima, câmbios, tours, etc., etc., etc
O Tapmatic tem ainda a grande vantagem de nos tornar mais humanos, pois libertos de um sem número de tarefas, que o Tapmatic resolve impecavelmente, ficamos muito mais ao seu dispor, para que cada vez mais sinta prazer em voar com a TAP.
Já em funcionamento a 1.ª FASE (Lisboa, Porto, Funchal e Faro), o Tapmatic estará a funcionar em pleno em 1976.
TAPMATIC — 2290 ligações a 267 cidades, através de uma rede privada totalmente computadorizada e ainda com recurso a satélite para as comunicações com o Continente Americano e a África Austral
A utilização do Tapmatic foi acompanhada por um programa especial de instrução. A TAP até agora organizou 55 cursos que totalizaram mais de 34000 hor[illegible]
TAPMATIC — o maior e [illegible] complexo sistema jam[illegible] lado em Portug[illegible] um dos mais avancados de tipo de oper[illegible]ão nas Companhias de Aviacão de todo o mundo

TAP
AÉREOS PORTUGUESES



TEAM

DL/NACIONAL

REUNIÕES SINDICAIS

A direcção do Sindicato da Panificação de Lisboa, eleita no passado dia 21 de Abril e composta por elementos da lista B, reuniu para apreciar a actual situação sindical, abordando nomeadamente a questão do direito à greve e a interferência anterior da ex-Pide no Sindicato. Decidiu a reunião apoiar o programa do MFA e efectuar em breve uma Assembleia Geral da classe.

[illegible]

Em Setúbal, os enfermeiros reuniram-se, no passado dia 4, no hospital, tendo criado uma comissão com vistas a formar uma delegação distrital. Foi proposta na reunião a unificação dos vários Sindicatos da profissão.

Em Lisboa, um grupo de enfermeiros tomou o Sindicato e elegeu uma comissão provisória.

APANHADORES E ESCOLHEDORES DE PEIXE

A direcção do Sindicato Nacional dos Apanhadores e Escolhedores de Peixe e Artes Correlativas do Porto e Lisboa pôs os seus cargos à disposição da Junta. Constata a direcção que, embora eleita por vontade dos associados e só composta por elementos «oposicionistas» (lista B), o processo eleitoral na anterior situação política não era propício a exprimir a livre vontade dos trabalhadores e a livre competição. Deste modo, solicita a comparência de todos os associados, no próximo dia 12 de Maio, para uma reunião na Rua de Santo Amaro à Estrela, n.º 49, em Lisboa.

MANHÃ NA PRAÇA

ABASTECIMENTO NORMAL, PREÇOS ESTÁVEIS

. Terminada a faina no mercado 24 de Julho os produtos estavam a ser guardados para a venda do dia seguinte. O movimento era quase nulo, para além das vendedeiras de peixe que transportavam, à cabeça, as últimas caixas de peixe ou os homens que carregavam sacas com hortaliças, batatas ou cebolas.

Num talho vazio de clientes, o senhor Domingos Alonso Gomes distraía-se a observar o movimento da rua e respondeu solícito quando lhe perguntámos se tinha sentido dificuldades no abastecimento:

— **Não, tudo continua normal. Mesmo os preços não sofreram qualquer aumento após os acontecimentos de 25 de Abril.**

A mesma situação se manifesta quanto ao abastecimento de peixe, segundo nos explicou a vendedeira Bertolina Brandão.

— **Tenho continuado a comprar o peixe na mesma, sem qualquer dificuldade. É claro que quando abunda é mais barato, quando falta o preço sobe. Mas sempre foi assim.**

Ocupada a entrançar uma réstia de cebolas, Laura de Jesus Barbosa ainda tinha a bancada ocupada com mercadorias. A sua opinião definiu claramente um receio que se esboçou nos últimos dias.

A gente esperava notar falta no abastecimento, por causa do 1.º de Maio e dos acontecimentos anteriores. Por isso abastecemo-nos mais para o dia feriado a contar com a falta e acabámos por verificar que havia fartura. Quanto aos preços das coisas que tenho comprado não noto que sejam mais caros.

Antes pelo contrário, certas coisas diminuiram. Ainda hoje uma cliente passou por aqui com um tomate lindo e disse-me que o tinha comprado a 18$00, o mesmo preço por que eu tinha comprado na semana passada. O mesmo sucede com a couve merceana que ainda há duas semanas estava a mais de cem escudos a saca e no dia 2 comprei uma por oitenta escudos.

Tudo calmo, como se vê, nas relações de compra e venda dos produtos alimentares.

ALCATIFAS

PAPEIS DECORATIVOS
com assentamento próprio
Parentex
MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO, LDA.
Rua Pereira Coelho, 5 loja e 1.º
Telefs. 532354-532319

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE SETÚBAL

CONVOCAÇÃO

Convoco todos os profissionais de escritório (sócios e contribuintes) para a reunião da Assembleia Geral do Sindicato, que terá lugar na Sede da F. N. A. T., na Praça da República, em Setúbal, com início às 17 horas, do próximo dia 10 do corrente mês, com a seguinte

ORDEM DOS TRABALHOS

ELEIÇÃO DOS CORPOS GERENTES DO SINDICATO

A MESA DE VOTO FUNCIONARÁ DAS 17 ÀS 22 HORAS

Setubal, 3 de Maio de 1974

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Domingos Grácias

BATE-CHAPAS

Precisamos oficiais para oficina de bastante movimento

Os interessados devem dirigir-se pessoalmente à Rua do Instituto Industrial, 18 - C — LISBOA (ao Conde Barão).

fábrica de chocolates imperial, s.a r.l. - vila do conde.

o Conselh de "A

Os jornalistas de sancionaram a escolh Iriarte, para director in à actual chefia da reda te, o conselho de redac

Este órgão tem fu jornalistas de «A Cap venção na orientação e

O conselho de redac camaradas Almeida M res Monteiro, Daniel R Lobo e Oliviera Figuei

Ex - Cas transf em Si

Uma comissão de balhadores democra para as Casas do P enviou ao matutino re nal «Notícias de Evo um comunicado con cando os trabalhado agrícolas para que c pem as antigas Casas Povo sem incidentes. **mo todos sabemos,** o comunicado, **as Ca do Povo não nos per ciam. Hoje as Casas Povo devem ser nos Já foram ocupadas pe trabalhadores no dist de Évora, várias Ca do Povo, nomeadame as de Montemor-o-N**

O «DIARIO DE LISBOA» é dido por Henrique Dias S. tano, Av. José B. Antunes MALVEIRA

VISITE-NO VISIT

H

até às 23 h da

NO

apresentação

NA

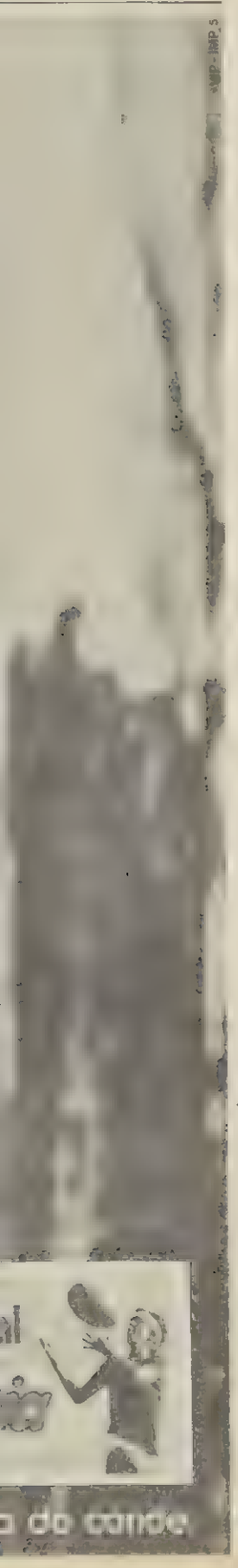
MOVILAR PORTUGUES

Rua Marquês S. Sebasti

AL,

0, o mesmo preço por
tinha comprado na se-
passada. O mesmo suce-
a couve merceana que
há duas semanas estava
de cem escudos a saca
dia 2 comprei uma por
escudos.
calmo, como se vê, nas
es de compra e venda
odutos alimentares.

FAS
DECORATIVOS
amento próprio
entex
CONSTRUÇÃO, LDA.
belho, 5 loja e 1.º
2354-532319



DL CAPITAL

Eleito o Conselho de Redacção de "A Capital"

Os jornalistas de «A Capital», que recentemente sàncionaram a escolha do chefe de redacção, Rodolfo Iriarte, para director interino e deram voto de confiança à actual chefia da redacção, elegeram democraticamente, o conselho de redacção.

Este órgão tem funções de representatividade dos jornalistas de «A Capital» e de participação e intervenção na orientação e elaboração do jornal.

O conselho de redacção ficou consituído pelos nossos camaradas Almeida Martins, António dos Santos, Cáceres Monteiro, Daniel Ricardo, Fernando Gaspar, Joaquim Lobo e Oliviera Figueiredo.

Ex - Casas do Povo transformam-se em Sindicatos

Uma comissão de trabalhadores democratas para as Casas do Povo enviou ao matutino regional «Notícias de Evora», um comunicado convocando os trabalhadores agrícolas para que ocupem as antigas Casas do Povo sem incidentes. **Como todos sabemos**, diz o comunicado, **as Casas do Povo não nos pertenciam. Hoje as Casas do Povo devem ser nossas. Já foram ocupadas pelos trabalhadores no distrito de Évora, várias Casas do Povo, nomeadamente as de Montemor-o-Novo, Ciborro, Escoural, Alcáçovas que passarão a designar-se por Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas. No dia 3 de Maio foram ocupados os Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas (ex-Casas do Povo) de Évora-Canaviais e no dia 4 de Nossa Senhora de Machede. A tomada das ex-Casas do Povo pelos trabalhadores tem decorrido sem incidentes e a Comissão espera que a tomada destes organismos se continue a processar como até aqui.**

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Henrique Dias S. Caetano, Av. José B. Antunes, 18 MALVEIRA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Henrique Mirra. «Café Sado» ALCÁCER DO SAL

VISITE-NOS
VISITEZ-NOUS
VISIT-US

HOJE
até às 23 h da
NOITE

apresentação de novos modelos

NA MOVILAR PORTUGUESA
EXPOSIÇÃO de MOBILIÁRIO Z-MARKS

Rua Marquês da Fronteira, 4 (loja)
S. Sebastião — LISBOA

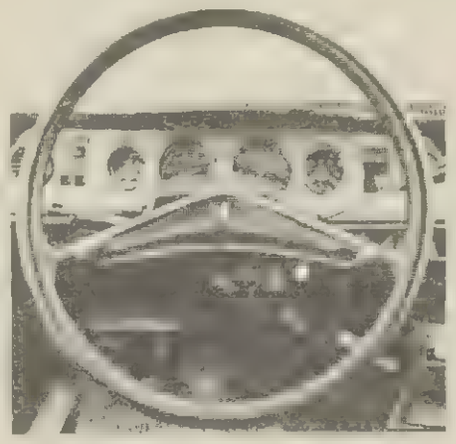
Pedido o fim do Exame de Estado

Alunos do Magistério Primário do Porto deslocaram-se ao Ministério da Educação Nacional com uma petição que pretendia a abolição do exame de Estado. Na sua opinião tal exame não tem razão de existir, havendo já, como há, médias de classificação no decorrer do ano.

Os alunos do Magistério Primário do Porto apelam para todos os seus colegas para que se unam na acção a fim de obter a satisfação de uma pretenção justa por que há anos vêm lutando.

Para o Renault 16 todas as estradas são passadeiras!

Quem tem um Renault 16 sabe que isso é verdade O Renault 16, todo ele é conforto (aquela maravilhosa suspensão!) Todo ele é segurança E espaço interior Óptimo comportamento de estrada Conduzi-lo, é um prazer Quando se trata de um Renault 16 TS, ou de um Renault 16 TS/TA (com transmissão e caixa automatica), o prazer é ainda maior, graças à excelência dos seus equipamentos extra Renault 16 – um carro que se exprime na mesma lingua dos seus condutores com inteligência
Motor de 4 cilindros Cilindrada 1565 cm3, combota de 5 apoios, 4 velocidades sincronizadas, suspensão 4 rodas independentes com barras de torsão, travões de disco as rodas da frente, tambores atrás, limitadores de travagem às rodas traseiras, travagem assistida por servo-freio



O maior fabricante mundial de tracção à frente

RENAULT 16 TL
RENAULT 16 TS
RENAULT 16 TS/TA
(Transmissão e caixa automatica)

RENAULT 16

DIÁRIO

A "Tribuna" infringe normas da Junta de Salvação Nacional

LOURENÇO MARQUES, 8 — Comunicado do Governo-Geral de Moçambique:

«1 — Publicou o jornal «A Tribuna» em 6 de Maio de 1974 uma «moção» altamente injuriosa contra o encarregado do Governo-Geral, legítimo representante da Junta de Salvação Nacional e ainda contra outros membros do Governo e directores de departamentos oficiais vigentes.

«2 — O texto de tal «moção», face à linha política definida pelo Movimento das Forças Armadas e que a Junta de Salvação Nacional insistente e concretamente tem vindo a esclarecer através dos seus comunicados, é rigorosamente de feição reaccionária — além de insultuosa e malintencionada — comprometendo os fins da real democratização e liberalização que inspirou o Movimento das Forças Armadas.

«Concretamente, a referida «moção» denota falta de respeito pelas hierarquias constituídas que a Junta de Salvação Nacional não sanciona e que considera actos de insubordinação e crimes contra o Movimento das Forças Armadas, e como tal vigorosamente reprimidas, investigadas e julgadas.

«3 — Dado que muito recentemente, ao ser abolida a censura, foi cometida a total responsabilidade aos directores dos orgãos de informação pelo noticiário difundido, atendendo que foi posta à disposição dos mesmos directores uma comissão «ad hoc» como orgão consultivo, e sendo certo que tal comissão «ad hoc» não foi consultada, resulta que cabe ao director de «A Tribuna» a total responsabilidade pela notícia publicada, tornando-se conivente no que de insultuoso se contém na referida «moção».

«Como tal irão ser imediatamente tomadas as medidas que o caso impõe.»

Motoristas selaram o Grémio

LUANDA, 8 — (L.) — Um numeroso grupo de motoristas profissionais de táxis e de empresas de camionagem, concentrou-se no Largo dos Lusíadas, com a intenção de expulsar a direcção actual do Grémio dos Industriais dos Transportes Automóveis, que havia sido imposta pelo anterior Governo e que não servia convenientemente os interesses da classe.

Foi pedida a presença de um delegado da Junta de Salvação Nacional que viria a comparecer e a concordar com a selagem da sede do Grémio até ser constituída uma comissão para tomar conta desse organismo.

Reuniões de pessoal de organismos oficiais

Em diversos organismos oficiais prossegue o movimento de funcionários no sentido de, em apoio ao Programa das Forças Armadas, proceder ao saneamento dos respectivos serviços e adaptá-los às novas condições e espírito em que, felizmente, o País vive. Reproduzimos comunicados recebidos de alguns desses organismos.

INSTITUTO DOS CEREAIS

Os empregados que sempre se mantiveram antifascistas dentro do Instituto dos Cereais e que por tal motivo se sentiram e continuam a sentir lesados na sua vida vêm pedir respeitosamente à Junta de Salvação Nacional que sejam satisfeitos nos seguintes pontos:

1. Demissão imediata de todos os membros da direcção.

2. Suspensão de todos os directores e chefes de serviços até «sindicância» às suas atitudes tanto políticas como ao seu grau de honorabilidade, o que deve começar imediatamente.

3. Nomeação de uma comissão administrativa sob controle da J.S.N..

4. Preparação de quadros que se integrem dentro de um Portugal Livre.

Vêm informar, também, a referida Junta que o presidente deste Instituto não respeitando os avisos insistentemente dimanados pela mesma no dia 25 e, em conluío com um director de serviços se negaram a acatar as ordens estabelecidas, só mandando sair o pessoal na parte da tarde daquele dia, quando já a situação se mostrava mais límpida.

Sem outro assunto e como nós não queremos que estes «revolucionários-do-dia-a-seguir» se mantenham a cometer os mesmos desmandos e arbitrariedades (como já estão praticando) que num futuro se provarão, e visto este Instituto ser um sector importante na Economia Nacional, pedimos que seja nomeada com a máxima brevidade um delegado dessa Junta a bem da Revolução.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

A comissão «ad hoc» de funcionários dos serviços de Registos e do Notariado do Ministério da Justiça, constituída em reunião preparatória levada a efeito em 3 de Maio corrente, comunica a todos os trabalhadores desta classe de servidores públicos, do distrito de Lisboa, que no próximo dia 10, sexta-feira, pelas 20,30 horas, tem lugar, no edifício-sede da Ordem dos Advogados, em Lisboa, uma assembleia magna tendo por objectivos fundamentais:

a) a conscencialização, análise e debate das perspectivas decorrentes o actual momento da vida nacional, relativamente à situação e revisão das suas presentes condições de trabalho;

b) adopção dos moldes de participação da classe no Sindicato Nacional dos Funcionários Públicos;

c) designação de uma comissão de delegados representativa da classe junto do referido Sindicato.

NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

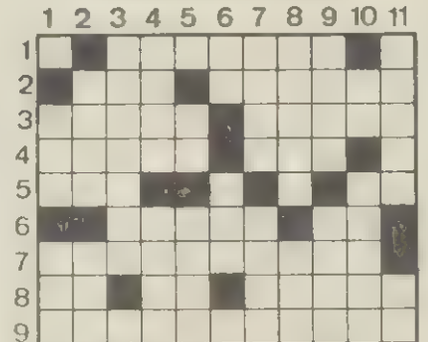
No seguimento a uma assembleia plenária do funcionalismo em serviço na Secretaria de Estado, foi eleita por excrutínio secreto uma comissão integrada por delegados representativos dos vários sectores de pessoal.

Esta comissão iniciou ontem os trabalhos em cumprimento do mandato que lhe foi conferido no sentido de contactar outras comissões pró-sindicais de funcionários públicos.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10776



HORIZONTAIS.

1 Artigo definido Curto
2 Bilis Esconder
3 Habitat Bando de animais correndo
4 Paixão Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital
5 Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Letra grega
6 Chefes das antigas repúblicas italianas Compaixão
7 Acudiamos
8 Pedra de moinho Em a Compro
9 Extranias
10 Item Velho Reis
11 Autores Estar A Tailandia

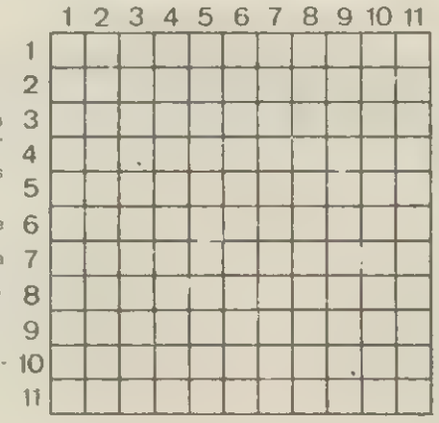
VERTICAIS:

1 Desgraça Bailarina cigana, espanhola, já falecida
2 Em terra estranha Talha
3 Esquecido
4 Antigo estado vizinho da Caldeia, na região situada a oriente do Tigre inferior Enfeitais
5 Caminhar Vasto
6 O mesmo que uma fant e pop) Monarca Coragem
7 Evidilha. Carumas
8 Mulher casada há pouco Simples
9 Cidade da Argélia. Embarcação que se emprega na pesca à linha, nos bancos de bacalhau
10 Atmosfera Parafusara
11 Farrapo Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6934



HORIZONTAIS

1 Varzeas à beira dum rio Predestinar
2 Sacuda Venere
3 Rede em que as mulheres envolvem o cabelo Atravessas
4 Viração Aparência Antes do meio dia Item
5 Nome de mulher Chiste
6 Mania Sair frequentemente à rua
7 Camareira Ave da familia dos landas (Bras)
8 Abreviatura de Santíssimo Sortes (pop) Baiaquiro
9 Punira
10 Além disso Asselha
11 Boi selvagem. Unir por casamento

VERTICAIS:

1 Manada de vacas (pl) Mulo
2 Habitante ou natural das regiões do Himalaia, às margens do Bramaputra. Suprimir
3 Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Gosta muito de Escudeiro
4 Aborrece. Abreviatura de Santíssimo Sacramento
5 Messe Mitologia
6 Ninho
7 Plantas leguminosas Pagina
8 Efeminar. Divisão de uma casa
9 Pesar Nome de planeta Chefe etíope
10 Lavrai Trava luta com
11 Sobraria Sopro

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10775

HORIZONTAIS	VERTICAIS.
1 Talma Abata	1 TEMPO Fitam
2 Eras El	2 Areara. TUDO
3 Más Ais. Ela	3 Lascada Ror
4 Pacaça Agag	4 Ms Irar
5 Ora Ataca	5 Acra Baga
6 Adia Gera	6 S.a Or
7 Ar O Rã	7 Ag Isar
8 It Abrir Co	8 Be Aterra
9 Turra Salas	9 Alegara Lêr
10 Ado Grã Ela	10 Laça Cala
11 Morra! Riras	11 APAGA Rosas

PROVÉRBIO. O tempo tudo apaga

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6933

HORIZONTAIS.	VERTICAIS.
1 Entre Paras	1 Erada Magro
2 Ratam Oledo	2 Nata Judeus
3 Atava Remir	3 Tia Aurora
4 Da El. Ta An	4 Ravena Raso
5 Anatara	5 Emala Uni
6 Jua Ama	6 Tomo
7 Mur Uma Ela	7 Porta. Ase
8 Adornos Sim	8 Aleara
9 Gerai Então	9 Rem. Amestra
10 Ruas Rir	10 Adia Atais
11 Os Ou Brasa	11 Sorna Amora

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA
PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
Encerrado às 2.as feiras

CHURRASCARIA BOTAFOGO
SNACK-BAR
Especialidades em churrasco
PRATOS ESPECIAIS
Encerra as 2.as feiras
Rua Eng. Vieira da Silva, 22-A e 22-B — Tel. 48432 LISBOA

VARANDA DO TEJO
O RESTAURANTE QUE LISBOA PRECISAVA
Experimente almoçar ou jantar num ambiente diferente.
S problemas de estacionamento
Aberto todos os dias até as 24 horas
ESTAÇÃO MARÍTIMA DE ALCÂNTARA 1.º ANDAR
Tel. 665002

RESTAURANTE SANCHO
Trav. da Glória, 8-16
Telef. 369780
LISBOA

O Gigante
● CAFÉ ● RESTAURANTE
● SNACK-BAR ● PASTELARIA
● BILHARES
Fondue bourguignome
Especialidades goesas
Pastelaria com fabrico próprio
62, R. Ferreira Borges, 66 — (Ar condic.) Tel. 677463

RESTAURANTE O'LACERDA
PRATOS DO DIA
2.ª-feira, Dobrada à Portuguesa
3.ª feira, Cozido c/ todos
4.ª-feira, Cabrito Assado
5.ª-feira, Chambão à Moda da Casa
6.ª feira, Caldeirada de Lulas
Sabado, Vitela à Jardineira
AV DE BERNA, 36-A
Telef. 77405 774057

RESTAURANTE dom Jaime
RESTAURANTE DOM JAIME
Quarta-feira
Cabrito recheado à Dom Jaime
Quinta-feira
Feijoada à Transmontana
Sexta-feira
Bacalhau à Dom Jaime
Sala própria para banquetes até 280 pessoas
Calçada de Carriche, Lote 45 — LISBOA 5

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

Um para os

Continuação da pág. 3

terras ricas. Pelas leis de me
do que vigoram entre nós,
preços dos produtos da agri
tura fixam-se pelo padrão
custos obtidos nas terras me
férteis, o que dá origem a n
acréscimo de rendimentos
explorações com solos mais
cos que fica na posse do res
tivo empresário.

O recurso a técnicas mais
dutivas, a que os grandes a
cultores têm fácil acesso, co
vimos nas linhas preceder
também intervém nos custos
produção de uma forma va
josa para este estrato de g
des agricultoras, produzindo
nefícios cuja apropriação se
cessa por um mecanismo idê
co ao que se indicou par
caso da fertilidade diferen
dos solos.

Outras consequências ne
tas provêm do facto de ex
a propriedade privada da te
Efectivamente as diversas o
de hidráulica agrícola e ou
melhoramentos que inter
positivamente na fertilidade
na produtividade dos solos
origem a uma valorização
tes ultimos e, por consegui
a acréscimos das respect
rendas. Pois bem: o carácter
vado da posse da terra faz
que, em boa verdade, os ef
daqueles empreendimentos,
lizados pelo sector público
seja à custa dos contribu
e, principalmente, do sacri
do povo português, redun
em exclusivo benefício dos g
des proprietários, lesando d
ta ou indirectamente os int
ses das classes trabalhadora
sector e, de uma maneira g
de toda a economia.

Às formas de apropriação
vada atrás apontadas, há a
a acrescentar a que decorr
contradição entre o capital
trabalho nas grandes empr
capitalistas do sector. Aq
contradição é a responsável
situação social e econó
pouco satisfatória dos assala
dos da agricultura, situação
que se deteriora à medida
se agrava o custo de vida
País, tanto mais que estes tr
lhadores não têm tido as
das instituições sindicais que
fendam e zelem pelos seus

Joaquim Agostinho numa
monstração de todo o seu p
como trepador, ganhou on
a 14.ª tirada da Volta a Espa
em bicicleta e, do quinto l
que ocupava, passou a terc
na classificação geral. Porém
espanhol Jose Fuente, apesa
batido pelo nosso camp
alargou ainda mais a vanta
que o separava do segundo
guel Lasa) com os 10 segu
de bonificação que recebeu.

Agostinho percorreu os
quilómetros (de Oviedo a
gas de Onis) em 3 horas 38
nutos e 16 segundos, menos
co segundos do que Jose Fue

Esta etapa foi fatal para
corredores franceses, com
nard Thevenet a não alinha
partida devido a lesão num
lho, depois de uma queda
etapa de anteontem. Raym
Deslile também desistiu após
dado uma queda ao quilóm
72: embora não tivesse fic
gravemente ferido, Deslile e
va já a ressentir-se de outra
da dada na tirada anterior.

Luis Ocaña, o «mais favo
dos favoritos» desta «Vue
(pelo menos quando ela
meçou e em teoria) fez tud

bal
iais

róximo dia 10, sexta-fei-
20.30 horas, tem lugar,
cio-sede da Ordem dos
dos, em Lisboa, uma as-
magna tendo por ob-
fundamentais:
onscencialização, análi-
ate das perspectivas de-
s o actual momento da
cional, relativamente à
e revisão das suas pre-
ondições de trabalho:
opção dos moldes de
ação da classe no Sindi-
cional dos Funcionários
..
ignação de uma comis-
delegados representativa
e junto do referido Sin-

NEGÓCIOS STRANGEIROS

guimento a uma assem-
nária do funcionalismo
ço na Secretaria de Es-
i eleita por excrutínio
uma comissão integrada
egados representativos
os sectores de pessoal.
comissão iniciou ontem
alhos em cumprimento
dato que lhe foi conferi-
entido de contactar ou-
missões pró-sindicais de
ários públicos.

URRASCARIA
OTAFOGO
SNACK-BAR
specialidades em
churrasco
RATOS ESPECIAIS
ce'ra às 2.as feiras
g. Vieira da Tel 48432
22-A e 22-B LISBOA

ESTAURANTE
SANCHO
rav. da Glória, 8-16
Telef. 369780
LISBOA

STAURANTE
'LACERDA
PRATOS DO DIA
eira. Dobrada à Por-
uguesa
eira. Cozido c/ todos
eira. Cabrito Assado
eira. Chambão à Mo-
la da Casa
eira. Caldeirada de
is
ado. Vitela à Jardineira
DE BERNA, 36-A
lef 77405 774057

MELHOR CAFÉ

Um futuro para os agricultores

Continuação da pág. 3

terras ricas. Pelas leis de mercado que vigoram entre nós, os preços dos produtos da agricultura fixam-se pelo padrão dos custos obtidos nas terras menos ferteis, o que dá origem a novo acréscimo de rendimentos nas explorações com solos mais ricos que fica na posse do respectivo empresário.

O recurso a técnicas mais produtivas, a que os grandes agricultores têm fácil acesso, como vimos nas linhas precedentes, também intervém nos custos de produção de uma forma vantajosa para este estrato de grandes agricultoras, produzindo benefícios cuja apropriação se processa por um mecanismo idêntico ao que se indicou para o caso da fertilidade diferencial dos solos.

Outras consequências nefastas provêm do facto de existir a propriedade privada da terra. Efectivamente as diversas obras de hidráulica agrícola e outros melhoramentos que intervêm positivamente na fertilidade ou na produtividade dos solos dão origem a uma valorização destes ultimos e, por conseguinte, a acréscimos das respectivas rendas. Pois bem: o carácter privado da posse da terra faz com que, em boa verdade, os efeitos daqueles empreendimentos, realizados pelo sector público, ou seja à custa dos contribuintes e, principalmente, do sacrifício do povo português, redundem em exclusivo benefício dos grandes proprietários, lesando directa ou indirectamente os interesses das classes trabalhadoras do sector e, de uma maneira geral, de toda a economia.

Às formas de apropriação privada atrás apontadas, há ainda a acrescentar a que decorre da contradição entre o capital e o trabalho nas grandes empresas capitalistas do sector. Aquela contradição é a responsável pela situação social e económica pouco satisfatória dos assalariados da agricultura, situação essa que se deteriora à medida que se agrava o custo de vida no País, tanto mais que estes trabalhadores não têm tido as devidas instituições sindicais que defendam e zelem pelos seus interesses. Para se avaliar bem a situação em que se acham estes assalariados agrícolas podemos recorrer não tanto ao nível de salários diários médios dos trabalhadores rurais, mas às receitas anuais das respectivas famílias. Este indicador proporciona, de facto, uma imagem mais exacta da realidade em questão, o que não acontece com os salários diários médios, já que surgem casos em que os assalariados agrícolas não auferem a sua remuneração diária ou por as condições de tempo não permitirem a realização dos trabalhos de campo, ou por motivos de doença ou pura e simplesmente pelo facto de os empregadores não terem trabalho a dar.

Assim, se nos basearmos nos resultados do estudo de uma amostra sobre a qual incidiu o Inquérito às Receitas e Despesas Familiares do País (1), verificamos que as famílias dos trabalhadores agrícolas por conta de outrem dispõem anualmente apenas de vinte mil escudos, o que mal cobre as respectivas despesas anuais. A situação não se modifica substancialmente para os trabalhadores agrícolas permanentes, como comprovam os seus ordenados mensais que em 1972 por exemplo, raramente ultrapassaram os Esc. 2.500$00 (dois mil e quinhentos escudos por mês).

Em resumo: devido à escassa dimensão de uma parte das nossas explorações agrícolas, ao regime de propriedade da terra e dos principais meios de produção agrícola e sobretudo às relações sociais de produção que se geram no sector, em consequência da estrutura acabada de mencionar, a esmagadora maioria dos nossos agricultores e trabalhadores do campo acha-se numa situação social e económica bastante precária, que se irá deteriorando se não se enfrentar eficazmente o condicionalismo socio-económico que vigora presentemente na agricultura portuguesa na medida em que, na realidade, ele é contrário aos interesses das classes trabalhadoras do sector e, em suma, do povo português.

(1) I.N.E. 1971

ABSOLVIÇÃO PARA AS "NOVAS CARTAS PORTUGUESAS"

O juiz mandou em paz três Marias de cravo ao peito

As «Novas Cartas Portuguesas» passaram ontem de tabú a «best-seller». O juíz Acácio Lopes Cardoso, rodeado de fotógrafos, declarou que «o livro não é pornográfico nem imoral», justificando-o como obra-de-Arte. Absolvidas pois as Três Marias, mandados devolver às autoras os exemplares apreendidos pela polícia fascista, houve na **Brasileira** quem desse, duas horas depois, quinhentos escudos pela primeira edição portuguesa do texto maldito que vai sair ou já saiu em quase todas as línguas do mundo.

«É um caso único na minha vida de juíz», comentou apenas o magistrado, cansado de dez páginas de sentença e do clarão dos «flashes», rematando um julgamento imterrompido por um golpe de Estado e pela inversão dos valores políticos vigentes. Mas já antes do 25 de Abril se conjecturava que ele intervenção ou subvertendo, viria a absolver as escritoras rés.

A Secretaria de Estado de Informação e Turismo, que superintendia nos serviços de censura à Imprensa, impôs, depois de muitos cortes, um absoluto silêncio aos jornais que queriam noticiar o julgamento. A certa altura, nem mesmo a data e hora das audiências pudemos dizer: é que as «Novas Cartas Portuguesas», acusadas de «pornografia e ofensa à moral pública», são sobretudo um documento político e uma afirmação de combate que o fascismo não podia suportar. E se a Imprensa de todo o mundo pôde noticiar o escândalo da Perseguição ao livro e às escritoreas, nós não pudemos dizer, inicialmente, mais do que a rotina dos tribunais: «no 6.º Juízo Correccional de Lisboa começou ontem às 10 horas, o julgamento de, etc.» E, mais tarde, nem sequer isto. É aqui que a máquina de escrever resvala para a vingança; mas vamos à verdade.

«Mulheres-unidas-jamais serão-vencidas» era o estribilho que faltava e que a absolvição das **Novas Cartas** desencadeou, em plena sala de audiências, quando as escritoras, de cravo vermelho ao peito, recebiam os primeiros parabéns. Parabéns pelo livro autorizado e legal, parabéns pelo livro proibido e vitorioso? Até as feministas, pelos vistos, ganharam com os homens do 25 de Abril. E vão lançar em Portugal o «Movimento da Libertação da Mulher». «De extrema-esquerda», precisou Teresa Horta. Homens e mulheres atenção ao evento.

A SENTENÇA

Marcada para 18 de Abril, a leitura da sentença do caso das «Três Marias» realizou-se ontem à tarde, na pequena sala do 6.º Correccional da Boa-Hora, superlotada de jornalistas curiosos de um desfecho esperado mas que a história recente tornou simbólico.

O dr. Lopes Cardoso sumariou as declarações das dezenas de testemunhas de defesa, todas figuras destacadas dos meios literários e intelectuais da antiga oposição, algumas delas promovidas ao primeiro plano da vida política do novo regime. A continuidade do julgamento, contra a descontinuidade dos acontecimentos exteriores, lançou entre ao presentes um sorriso irónico, como se assistissem ao filme do funeral dum inimigo odiado. Imperturbável, o agente do Ministério Público, que muito antes do 25 de Abril, e corajosamente, pedira a absolvição das rés, parecia querer representar a Lei justa e indiferente à História.

Outros processos iguais a este, haverá ainda? «Há sempre uma moral vigente...», disse o dr. Santos Matias.

Na alocução final, o juiz afirmou que «muito e muito mais há esperar do talento das autoras». O co-réu, o editor Romeu de Melo (Estúdios Côr), também absolvido, ouviu que «tinha prestado um serviço à cultura nacional». É uma das verdades, já se sabia, mas tem o seu gosto ouvi-la, e dum juiz que, fazendo justiça, antecipou uma nova legalidade por que tanto se tem lutado na Boa-Hora.

UM LIVRO SOBRE O PROCESSO

Podemos anunciar que os intervenientes no processo vão publicar conjuntamente um livro com todas as peças judiciais, desde as declarações dos réus à sentença final, para que não se espera recurso (recurso que, nos termos da lei ainda vigente, poderia ser interposto no prazo de cinco dias: «Não se prevê», disse, seco, um funcionário judicial.) O livro poderá sair já no próximo mês.

Depois da agitada audência, recolhemos o seguinte depoimento do dr. Duarte Vidal, advogado de Maria Isabel Barreno: «A magistratura portuguesa ficou dignificada com esta notável sentença, que repudiou os critérios obscurantistas que vigoravam na direcção-Geral da Informação e que tantos prejuízos trouxeram à criatividade literária no nosso país. Creio que esta sentença contribuirá para que uma nova era se abra neste País, quanto a este e outros aspectos, após tantos anos de domínio fascista».

O advogado de Maria Teresa Horta, dr. Ataíde Ferreira, responder assim às perguntas dos jornalistas: «Normas como as que incriminaram este livro encontram-se em quase todas as legislações. Mas o entendimento que se dá à moral pública altera-se com o tempo e com o espaço. Se a acusação fosse a mesma, a defesa, neste processo, seria ainda a mesma, de uma prespectiva estritamente jurídica. A publicação de um «dossier» sobre este caso põe ainda problemas de ordem global, dada a natureza secreta do processo».

O CASO

As três Marias são Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta, escritoras de primeiro plano na moderna literatura portuguesa. Em 1971, afinidades de formação e de projecto levaram-nas a escrever conjuntamente um livro que ataca globalmente a situação da mulher numa sociedade capitalista e machista, como a portuguesa ainda é. O nível, determinante e determinado, da sexualidade, domina muitas das páginas do livro, que é inovador como organização estética e, entre nós, como documento político.

As «Novas Cartas Portuguesas» tiram o seu título das «Cartas» atribuídas a Mariana Alcoforado, ponto culminante da literatura erótica europeia, publiradas originalmente em francês no Séc. XIX, e recentemente encenadas em Portugal.

A pretexto de «pornografia» (que nenhum leitor nelas encontrou), as «Novas Cartas Portuguesas» foram apreendidas pelas autoridades do regime deposto. As autoras, interrogadas pela Polícia Judiciária tal como o responsável pela edição, puderam aguardar o julgamento em liberdade por lhes terem sido arbitradas cauções.

O livro, traduzido entretanto para as principais línguas literarias, tornou-se um símbolo na luta dos movimentos femininos internacionais, que realizaram acções e comícios de apoio às três escritoras portuguesas. Os críticos das mais importantes publicações estrangeiras consideram-no uma obra-prima. O público português, só agora o poderá conhecer

Belo triunfo de Agostinho na "Volta à Espanha"

Joaquim Agostinho numa demonstração de todo o seu poder como trepador, ganhou ontem a 14.ª tirada da Volta a Espanha em bicicleta e, do quinto lugar que ocupava, passou a terceiro na classificação geral. Porém, o espanhol Jose Fuente, apesar de batido pelo nosso campeão, alargou ainda mais a vantagem que o separava do segundo (Miguel Lasa) com os 10 segundos de bonificação que recebeu.

Agostinho percorreu os 134 quilómetros (de Oviedo a Cangas de Onis) em 3 horas 38 minutos e 16 segundos, menos cinco segundos do que Jose Fuente.

Esta etapa foi fatal para os corredores franceses, com Bernard Thevenet a não alinhar à partida devido a lesão num joelho, depois de uma queda na etapa de anteontem. Raymond Deslile também desistiu após ter dado uma queda ao quilómetro 72: embora não tivesse ficado gravemente ferido, Deslile estava já a ressentir-se de outra queda dada na tirada anterior.

Luis Ocaña, o «mais favorito dos favoritos» desta «Vuelta» (pelo menos quando ela começou e em teoria) fez tudo o que estava ao seu alcance para ser o vencedor da etapa e ascender ao primeiro lugar da geral, desencadeando o seu ataque ao escalar a montanha que contava como «primeira categoria» (o desfiladeiro de Fito) com 650 metros, e a 18 quilómetros da linha de chegada em Cangas de Onis.

Mas, o seu compatriota Fuente seguiu na cola de Ocaña, recusando-se a perder a camisola amarela» e arrastou os principais corredores numa corrida desenfreada para apanhar Ocaña. Do duelo entre os dois espanhóis resultou que Joaquim Agostinho, companheiro de Ocaña na equipa da «Bic», aproveitou a sua oportunidade e, com todo o seu poder de trepador de eleição, fez um esforço final e cortou a linha de chegada de primeiro lugar.

Pela primeira vez na «Vuelta» uma etapa foi corrida sob sol brilhante e tempo quente, o que manteve o pelotão junto até final.

O espanhol José Abilleira mantem-se como o melhor trepador, tendo sido o primeiro numa subida de terceira categoria. Joaquim Leite cortou em primeiro lugar a segunda contagem para o «prémio da montanha». Por seu lado, o belga Eric Leman venceu a terceira contagem de montanha e ganhou também uma das «metas-volantes», cabendo a outra ao espanhol Jagier Elorriaga, um especialista em «sprints».

A 15.ª tirada, que se corre hoje, tem 210 quilómetros e vai de Cangas de Onis a Laredo.

Classificação da etapa: 1.º Agostinho (Port.), 3h 38m 16s. (com bon.: 3.37,56); 2.º Fuente (Esp.), 3.38,21, (com bon: 3.38,18); 3.º José Madeira (Port), 3.38,42 (com bon: 3.38,38); 4.º Ocaña (Esp), mt; 5.º Sibille (Fr), 3.38.55; 6.º Fernando Mendes (Port), mt;7.º Garcia (Esp), mt; 8.º Perurena (Esp), mt; 9.º Lasa (Esp), mt; 10.º Gonzalez Liñares (Esp), mt; 11.º Uribezubia (Esp), mt; 12.º Leman (Belg), 3.39,18; 13.º Van de Vyver (Belg), mt; 14.º Van Clooster (Belg), mt; 15.º (Esp), mt; 16.º Swerts (Belg), mt; 17.º Vallori (Esp), mt; 18.º Ovion (Fr), mt; 19.º Manzaneque (Esp), mt; 20.º Lazcano (Esp), mt; 21.º Venceslau Fernandes (Port), mt;26.º Joaquim Andrade (Port), mt;44.º César Aires (Port), 3.41.09; 57.º Joaquim Leite (Port), 3.45.46; 58.º António Martins (Port), mt.

Classificação geral: 1.º Fuente (Esp), 65.17.42; 2.º Lasa (Esp), 65.19.50; 3.º Agostinho (Port), 65.20.23; 4.º Perurena (Esp), 65.20.34; 5.º Ocaña (Esp), 65.21.08; 6.º Uribezubia (Esp), 65.22,57; 7.º Gonzalez-Linares (Esp), 65.23,00; 8.º Ábilleira (Esp), 65.24.17; 9.º Danguillaume (Fr), 65.24.41; 10.º Vallori (Esp), 65.24,42; 11.º Diaz (Esp), 65.25.08; 12.º Swerts (Belg), 65.26.02; 13.º Fernando Mendes (Port), 65.26.18; 14.º Menendez (Esp), 65.27.07; 15.º Elorriaga (Esp), 65 29.55; 16.º Ovion (Fr), 65 30.02; 17.º Ponton (Esp), 65 30 48; 18.º Zurano (Esp), 65.31.30; 19.º Van de Wielle (Belg), 65.31.55; 20.º Manzaneque (Esp), 65.33,32; 23.º José Madeira (Port), 65.36.40; 26.º Joaquim Andrade (Port), 65.37.44; 29.º António Martins (Port), 65.42.01; 33.º Venceslau Fernandes (Port), 65.43.02; 44.º César Aires (Port), 65.57.32 e 47.º Joaquim Leite (Port), 65 59.20

POSTO MÉDICO DO SPORTING

O dr. Maia Ferreira não foi contactado

Tendo como base a notícia ontem publicada pelo DL que admitia a hipótese do dr. Maia Ferreira vir a chefiar o novo departamento clínico do grémio de Alvalade comunica-nos o prestigioso e credenciado médico de que não foi ainda contactado no sentido de passar a ocupar tão importante cargo.

Não obstante a sua filiação «leonina», o dr. Maia Ferreira não dispõe de momento do tempo tido e considerado como essencial para se dedicar à chefia daquele sector «verde» já que desde há muito é o médico da selecção nacional de hóquei em patins.

Conselho de redacção do "Diário de Notícias"

O jornal «Diário de Notícias» elegeu democraticamente o seu conselho de redacção, que ficou constituído pelos jornalistas José David Lopes, José Sampaio, Mateus Boaventura, Raul do Nascimento e Adelino Alves, tendo como suplentes Carlos Pina e o dr. Manuel Luís Rodrigues.

As funções dos conselhos de redacção, existentes há muito noutros países, e que só agora, com a conquista da liberdade da Imprensa, foi possível instituir em Portugal, consistem fundamentalmente em impor a vontade da Redacção, a fim de evitar quaisquer coacções que entrevem uma informação séria, objectiva e independente, sendo a sua actuação de caracter democrático.

"Até me dou muito bem com o general Spínola..."

-disse Kaulza de Arriaga em Belém

O general Kaulza de Arriaga, antigo comandante-chefe das que, foi ontem recebido em Belem pelo presidente da Junta de Salvação Nacional, general Spínola. Dois militares, dois estilos e opostos. Daí Kaulza de Arriaga ter tido necessidade de responder a um jornalista, à saída do Palácio de Belem: **É perfeitamente falso que tenha encabeçado uma tentativa de contra-revolução. É cem por cento falso. Aliás, até me dou muito bem com o sr. general Spínola.**

O general da linha dura esclareceu ainda que no dia 25 (o dia do golpe militar não havia tentado sair do país, acrescentando: **Realmente eu ia para Espanha no dia 25, a convite de um amigo. Mas não fui. Logo que me disseram pelo telefone, o que havia acontecido, não fui. E daí vem o facto de terem relacionado as coisas. Foi mera coincidência. Eu não fujo.**

Mas, no fim de contas, qual o motivo da visita ao presidente da JSN? O general Kaulza de Arriaga escusou-se a revelar, por enquanto: **Tive uma conversa muito amigável e muito útil com o sr. general Spínola. Oportunamente, terei ocasião de falar à Imprensa.**

E mais não disse o «senhor K», nome por que ficou conhecido nos meios militares quando, há largos meses já, diversos oficiais da sua confiança abordaram o já então formado «Movimento das Forças Armadas» para saber da sua força e das suas possibilidades de apoio. Claro, não seria certamente para uma alegre e despreocupada excursão domingueira...

MÁRIO CARDOSO

DESERTORES EM FRANÇA

Continuação da pág 1

servir de instrumento repressivo colonial: como ontem com os regimes fascistas de Salazar e Caetano no massacre Caetano, amanhã na repressão neocolonial.

Naturalmente, não aceitam este papel. Há 13 anos que eles vêm assumindo os riscos de recusarem combater contra os povos africanos.

Deste modo, a situação dos desertores e refractários está longe da solução definitiva.

SITUAÇÃO DELICADA

Como é que eles podem, por outro lado, tornar-se um «vector da luta anticolonialista e antineocolonialista?» Organizando-se em torno de um «comité» cujos princípios de intransigência fiquem claramente definidos. O impacto da sua recusa, conciliado com as ambiguidades e contradições que transparecem das posições da Junta, pode ser decisivo — pensam.

Projecta-se, pois, nos meios da extrema esquerda portuguesa em França, a criação de um «Comité Anticolonial de Desertores e Refractários do Exército Português». Para os que apoiam a sua formação (uma facção não pensa que ele seja politicamente oportuno) o estrangeiro é ainda o campo de luta mais consequente. Só se os desertores e refractários não encontrarem ali formas de luta, isto é, «uma escala mínima de reivindicações, nomeadamente a oposição frontal e decisiva à guerra colonial», a vinda para Portugal seria aceitável. Mas... se se verificasse uma vinda maciça de refugiados que se recusassem a incorporar-se no Exército? A Junta encontrar-se-ia perante uma situação delicada, que parece não ter sido prevista.

Champalimaud tenta evitar a greve da Siderurgia

António Champalimaud deslocou-se esta manhã às instalações fabris da Siderurgia Nacional para reunir com a Comissão de Trabalhadores.

Do resultado das negociações estará pendente a efectivação da greve geral marcada para o dia 13. A reunião, destinada a tratar das reivindicações dos muitos trabalhadores da Siderurgia, inicou-se cerca das 9 e 30 da manhã. Às 11 horas não foi possível obter qualquer informação sobre o andamento do encontro.

loal

construções e revestimentos, s.a.r.l.

TERMOLAMINADOS
FILA•LAMIFAI

COLAS DE CONTACTO
CEMENTEX•ROBERTS•LOAL

OS MELHORES TERMOLAMINADOS E COLAS EUROPEIAS
AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

ENTREGAS IMEDIATAS

CONSULTE A LOAL
LARGO DO CARMO, 15 Telef 360415
ESTRADA DA LUZ, 116 B/C Telef. 785974 LISBOA

NOÇÕES PRÁTICAS FUNDAMENTAIS DE FOTOGRAFIA E ESTÉTICA

Curso de pequena duração, responde às dificuldades da generalidade dos praticantes, sem recorrer a complicada informação técnica e orienta-os nos problemas fundamentais da estética e da composição em Fotografia. Numerosa documentação visual e exercícios práticos tornam a aprendizagem extremamente aliciante. Materiais e textos incluídos.

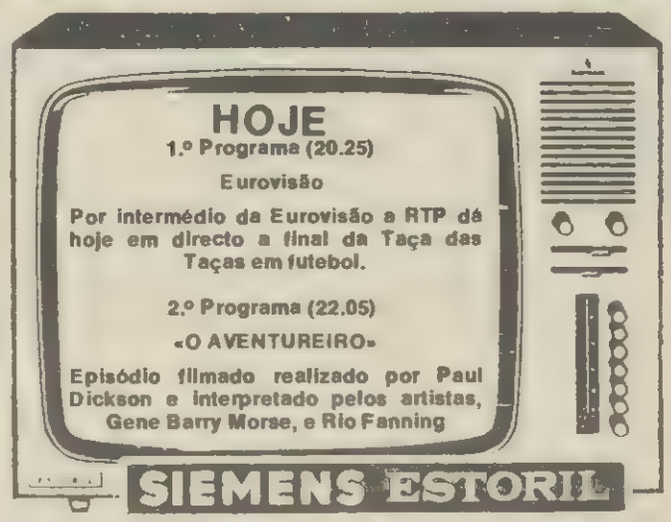
Aulas às 2.ªs, 4.ªs e 6.ªs feiras, das 19 às 20.30 h. inicia-se dia 15.

Informações e inscrições das 17 às 20 h. (sábado das 10 às 13 horas), pelo telefone 35908, ou no

Instituto Português de Fotografia

Travessa do Poço da Cidade, 26-1.º—LISBOA-2
(à Rua da Misericórdia)

televisão



HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Universal Cartoons»
13.00 Fronteiras do amanhã
13.15 Agulhas e alfinetes
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Donatello — documentário
14.20 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa Iniciação desportiva
19.25 Filme infantil «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Dia Mundial da Cruz Vermelha
20.05 Vamos jogar no totobola
20.25 Eurovisão — Futebol: Final da Taça dos Vencedores das Taças
22.20 Telejornal — 3.ª edição
22.55 «A Família Strauss»
23.55 Telejornal — 4.ª edição
00.05 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Agulhas e alfinetes
21.00 Fronteiras do amanhã
21.10 Desenhos animados
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 O aventureiro
22.40 Encontro com o mundo «O choque do futuro»
23.20 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Desenhos animados «Pica Pau (Woody Woodpecker)
13.00 Da saúde e da vida
13.15 A rapariga que sabia demais
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Cappadoce na Turquia
14.20 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa Educação musical (crianças)
19.25 Filme infantil «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 «Lassie»
20.15 Ha só uma etrra
20.45 Diálogo
21.00 Animatógrafo
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Noite de teatro «A Rebeca»
23.30 Telejornal — 4.ª edição
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Desenhos animados Pica Pau (Woody Woodpecker)
20.40 Cappadoce na Turquia
21.00 A rapariga que sabia demais
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Expedição
22.30 Foi êxito na TV «Os Primeiros Churchills»
23.30 Fecho.

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	16º
P. DOURADAS	11º
COIMBRA	9º
PORTALEGRE	15º
LISBOA	17º
FARO	22º
FUNCHAL	15º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TAVIRA
Máxima 23,6º
PENHAS DA SAÚDE
Mínima 0,8º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 13,8º
Atmosfera 13,0º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.19	3,7 m	10.43	0,9 m
17.34	3,9 m	23.09	0,9 m

Dia 9

5.59	3,6 m	11.19	1,1 m
18.14	3,8 m	23.48	1,0 m

Dia 10

6.40	3,5 m	11.57	1,1 m
18.54	3,7 m		

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Ceu pouco nublado ou limpo, vento fraco ou moderado de Norte.

AMANHÃ

NASCER AS 6.13
OCASO AS 20.36

DIA 14 | DIA 21 | DIA 28 | DIA 4

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS
Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63

PASSE UM FIM-DE-SEMANA SEM CONTRATEMPOS

QUANDO ACORDAR ESTARÁ NO ALGARVE

SERVIÇO DE CARRUAGENS-CAMAS LISBOA-ALGARVE

Barreiro V R Sto Antonio sextas feiras
V R Sto Antonio Barreiro domingos
SERVIÇOS EXTRAORDINÁRIOS NO NATAL E ANO NOVO
INFORMAÇÕES TELEF 326226
Caminhos de Ferro Portugueses

EMISSORA 1º Programa

16.00 Noticiário
16.05 «Isto É Brasil», por Zuzarte Reis
16.30 «Convívio»
18.05 Ao Encontro da Melodia
18.30 «Meridiano» - Programa do Círculo de Estudos Ultramarinos
19.05 O Mundo em Música
20.00 Jornal da Noite
20.30 9.º Episódio do folhetim «O Ourives do Rei»
20.50 Solos de acordeão
21.00 Momento 74 - Separador
21.25 A Orquestra de Variedades da Emissora Nacional, dirigida pelo maestro Tavares Belo
21.55 Conjuntos ligeiros
22.15 O Grupo Coral «Luisa Todi» de Setúbal
22.35 Melodias por Orquestras
23.05 De um Dia para o Outro - Por Fernando Correia
00.00 Junção (entrada do MF1 de Lisboa) - Sinal Horário

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Radio Universidade
00.00 Junção com o 1.º Programa

2.º Programa

16.00 Música sinfónica
17.05 Duas sonatas de Mendelssohn
18.00 Música do século XX
19.00 Semanário musical
20.00 Jornal da noite
20.30 Poemas sinfónicos de Dvorak e Liadoff
21.00 Noite de Teatro «Egmont» de Goethe
22.38 Concerto para cravo e orquestra (Rieti)
23.00 Emissão em Línguas Estrangeiras
01.15 Fecho

Programa Estereofónico MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Música instrumental - cravistas portugueses «Domenico Scairlatti na corte de D. João V» Programa preenchido com obras de Carlos Seixas, Frei Jacinto e Sousa Carvalho
22.35 Poemas sinfónicos de Liszt e Dvorak
23.25 Canções de Mahler pelo meio soprano Jennie Tourel
23.55 Música de Câmara - As Quatro Estações (Vivaldi)
00.40 O maestro Igor Markevitch dirige a orq. sinf. da Radiodifusão soviética nos jogos de crianças, suite de Bizet
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Media

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 Programa movimento
21.03 Radio Placard
21.17 Portugal além da Europa
21.32 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Varatojo conta-lhe...
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A Noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O Nosso Programa
19.04 Em Orbita - 1
21.02 Boa-Noite em FM
22.02 Clube À Gô-Gô
00.02 Em Orbita-dois
01.02 Banda Sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.05 Radiorama
18.00 Diálogo
18.20 Palavra do dia
18.25 Terço e Benção
19.00 Jornal de noticiários e reportagens
19.30 Pagina 1
21.05 Meditando
21.08 Selector
21.30 Livros e leituras
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO GRAÇA
06 00 às 11.00 e 17 00 às 22 00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
11 00 às 14.30

C. RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
14.30 às 17 00

RÁDIO PENINSULAR
22 00 às 02 00

LISBOA

TURNO A-1
Toda a noite

AJUDA — Moura, T Memória 630944
ALVALADE — S. João de Deus, P Ivo, 1-A (T 725140)
ANJOS — Confiança, Av A Reis 46 (T 821653)
AREEIRO — Garantia, Av P M Nóbrega, 5-A (T 727
AV. NOVAS — Vale, Av Marquês mar, 45-49 (T 77304 va, Av Duque de A (T 45225)
BAIRRO ALTO — Barreto, R do Loret 327284)
BAIRRO DA LIBERDADE — Salutar, R B, 7 683694)
BAIXA — Oliveira, R da Prata 321415)
BANFICA — União, E de Ben (T 700092)
CAMPO DE OURIQUE — Lobel, R Infantaria (T 688807)
CASTELO — Zilar, R de S Tom 862835)
CHILE — Veral, R Morais Soa (T 821732)
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av Santo 66-B (T 6669
LUMIAR — Central do Lumiar, miar, 75 (T 790480)
OLIVAIS — Olivais, R Alves 19 (T 311237)
PICHELEIRA — Mariuz, C da P 140, B-C (T 728395/
POCO DO BISPO — Freitas, R Zótimo so, 11-13 (T 381136
REGO — Baptista, R. Franc más da Costa, 771873)
SANTO AMARO — Correia de Azeved de Camões, 42-B (T
SÃO BENTO — Castro, R de S Ben (T 660513)

TURNO A-2
(Até às 22 horas)

ALCANTARA — Barrão, R. Pior do (T 661321)
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja 711780), Roma, A ma 85-B (T 772466
AMOREIRAS — Britânica, T. da Póvoa, 5-B (T 6892
ANJOS — Renascença, R D Monteiro, 104-A (T
BAIRRO DA ENCARNAÇ — Ascenso, P do No 311216)
BAIXA — Teixeira Lopes, 154 (T 324816)
BENFICA — Alegria, E de Ben A (T 780511), La eng Paulo de Ba Casquinha), 28 708242)
CAMINHOS DE FERRO — Frazão, R da Cruz Apolónia, 90 (T 84
CAMPO DE OURIQUE — União, R Saraiva lho, 145-F (T 6636
CAMPOLIDE — Pinto, R. de Camp (T 682610)
CHELAS — Banha, E de Chela 382241)

EX

ARTE MODERNA — Pint berto Carneiro (das 14 às 20

BELAS ARTES — Pinturas Cabral (das 14 às 21 h).

BUCHHOLZ — Trabalhos que Manuel (das 10 às 13 às 19 h.).

CASINO — Trabalhos Vandeloise (das 15 às 3 h.)

CONVÉS — Pintura e escult tor Barros (das 15 às 20 h.).

COTAS D'ARMAS — Tra Maria Fernanda Igrejas Zo às 22 h)

DA VINCI — Pintura de Za

DINASTIA — «Nove Pi Paris» (das 10 às 13 e das 15

FUNDAÇÃO GULBENKIAN lhos de Etienne Hajdu (das h)

FUTURA — Telas de Mot (das 10 às 13 e das 15 às 19

LISBOA

TURNO A-1

Toda a noite

AJUDA
Moura, T. Memória, 55 (T 630944
ALVALADE
S. João de Deus, R Pedro Ivo, 1-A (T 725140)
ANJOS
Confiança, Av Almirante Reis, 46 (T 821653)
AREEIRO
Garantia, Av P Manuel da Nóbrega, 5-A (T 727300)
AV. NOVAS
Vale, Av Marquês de Tomar, 45-49 (T 773043) **Dalva**, Av Duque de Ávila, 125 (T 45225)
BAIRRO ALTO
Barreto, R do Loreto, 30 (T 327284)
BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R B 75-A (T 683694)
BAIXA
Oliveira, R da Prata, 240 (T 321415)
BANFICA
União, E de Benfica, 592 (T 700092)
CAMPO DE OURIQUE
Lobel, R. Infantaria 16 98-B (T 688807)
CASTELO
Zilar, R de S Tomé 54 (T 862835)
CHILE
Veral, R Morais Soares, 109 (T 821732
ESTRELA
Andrade e Ribeiro, Av Infante Santo, 66-B (T 666971)
LUMIAR
Central do Lumiar, R do Lumiar, 75 (T 790480)
OLIVAIS
Olivais, R Alves Gouveia 19 (T 311237)
PICHELEIRA
Marluz, C da Pichelaira 140, B-C (T 728395/720703)
POCO DO BISPO
Freitas, R Zótimo Pedroso, 11-13 (T 381136)
REGO
Baptista, R Francisco Tomás da Costa, 3-C (T 771873)
SANTO AMARO
Correia de Azevedo, R Luis de Camões, 42-B (T 638625)
SÃO BENTO
Castro, R de S Bento, 199-A (T 660513)

TURNO A-2

(Até às 22 horas)

ALCANTARA
Barrão, R. Pior do Crato, 25 (T 661321
ALVALADE
Zil, Av da Igreja 9-D (T 711780), **Roma**, Av de Roma 85-B (T 772466)
AMOREIRAS
Britânica, T da Légua da Póvoa, 5-B (T 689250)
ANJOS
Renascença, R Damasceno Monteiro, 104-A (T 831504)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, P do Norte, 11 (T 311216)
BAIXA
Teixeira Lopes, R. Áurea, 154 (T 324816)
BENFICA
Alegria, E. de Benfica, 180 A (T 780511); **Lavinha**, R eng Paulo de Barros (à R Casquinha), 28-A (T 708242)
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, R da Cruz de Santa Apolónia, 90 (T 847019)
CAMPO DE OURIQUE
União, R. Saraiva de Carvalho, 145-F (T 663643)
CAMPOLIDE
Pinto, R. de Campolide, 11 (T 682610)
CHELAS
Banha, E de Chelas, 173 (T 382241)
ENTRECAMPOS
Alcântara, Av da República 74-A (T 771379)
LAPA
Paiva da Costa, R da Lapa 105 (T 664414)
LUMIAR
Douro, Al Linhas de Torres 93-A (T 791131
PICOAS
Sousa Martins, R Sousa Martins, 25 (T 553468)
SANTA APOLÓNIA
(Ver Caminhos de Ferro)
SANTA MARTA
Fernandes, R de S. José, 187 (T 326476)
SANTO AMARO
Biottar, R D. João de Castro, 27-B (T 638824)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, L de S Sebastião da Pedreira, 1 (T 48642)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Tel. 212048)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039)
OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 263052)
ESTORIL
Paaque, Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191)
CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); **Cascais**, R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (Tel. 282407)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I- Lote 146-B.º Janeiro (Tel 932758); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210), **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); **Jardim**, Av Conde de Oeiras, loja X-1-Reboleira (Tel. 938424)
DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel 970461)
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 974161)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)
CACEM
Central, R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS
Quimia, Esta. Mem Martins 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 28 (Tel. 980832)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. Antonio dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 224020)
ALMADA
Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa, Lote 1 (Tel. 271297)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est Nacional, 174 (Tel. 224302)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel 2073207)
COVA DA PIEDADE
Louro
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Tel. 239029)
MONTIJO
Moderna, R Bulhão Pato, 60 (Telf. 230156)
SEIXAL
Leão, Av. Salazar (Tel. 229471)
SETÚBAL
Soromenho R. Machado Santos (Tel 22691); **Alice**, P. do Quebedo (Tel. 23743)
SEIXAL
Soromenho, R. Dr. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

8.º TURNO

SUB TURNO A

Bonfim (do), Rua do Bonfim, 73; **Guerra**, Rua Costa Cabral, 43, **Guimarães**, Rua de Francos, 37, **Lemos e Filhos, Ld.ª**, Pr. de Carlos Alberto, 31; **Liga Ass. Soc. Mútuos**, Rua do Bonjardim, 286, **Porto**, Rua Padre Cruz, 146

SUB TURNO B

Henriques, Praça da Batalha, 64-A; **Moreno, Ld.ª**, Largo de S. Domingos, 44; **Sanil**, Rua do Paraíso, 214, **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645; **Vasques**, Rua das Condominhas, 794

COIMBRA

TURNO H

Montes Claros, R. Dr António J de Almeida, 69 (T 25904). **Viegas e Coelho**, R da Sofia 19-21 (Tel 22089)

•cinemas•

ROXI (T. 48560)
14 15, 16 30, 18 45 e 21 45
Grupo D (18 anos)
2 ª Semana! Colorido
O pesadelo dos pesadelos A LENDA DA CASA ASSOMBRADA com Pamela Franklin, Roddy McDowal e Gaile Hunnicutt
(Metro: Anjos

MUNDIAL (Tel 538743)
15 15, 18 30 e 21 45
10 ª Semana! Colorido
Grupo D (18 anos)
Barbara Streisand, Robert Redford
«O NOSSO AMOR DE ONTEM»

CASINO ESTORIL (T 264521)
17.00 e 21 30
Grupo D (18 anos)
Cor De Luxe
O ESCORPIÃO com Burt Lancaster e Alain Delon

CONDES (T 322523 326710)
14 15, 16 30, 18 45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
O pânico macabro dos segredos intimos A NOITE DOS MIL OLHOS com Elizabeth Taylor e Laurence Harvey

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15, 18 30 e 21 45
Grupo D (18 anos)
6 ª Semana Technicolor
«Um dos 10 melhores filmes do ano «AMERICAN GRAFFIT» (nova geração) de George Lucas
24 00
Grupo D (18 anos)
«Acção à Meia-Noite»
MADIGAN com Henry Fonda

LONDRES (Tel. 731313)
14 15, 16 30 e 18 45 e 21.45
Grupo D (18 anos) 3.ª Semana!
A obra admirável diamante intacto O filme de Alan Resnais com Emmanuelle Riva, Eiji Okada e Bernard Fresson «HIROSHIMA, MEU AMOR»

ROMA (T. 729192/727778)
15 30 e 21 45
Grupo C (14 anos)
2 ª Semana! Eastmancolor
Rod Steiger, Rossana Schiafino, Rod Taylor, Claude Brasseur e Terry Thomas OS HERÓIS

EUROPA (Tel 66 10 16)
15 15, 21 30
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor
Raquel Welch, Richard Johnson
HELENA A GREGA. Versão integral

ALVALADE (T 717480)
15 30, 18 30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
O pânico macabro dos segredos intimos A NOITE DOS MIL OLHOS com Elizabeth Taylor e Laurence Harvey

RESTELO (T. 610275)
21 30
Grupo b 9/10 anos)
Color - Scope
VAMOS A ISTO RAPAZES! com Terence Hill e Bud Spencer

IMPÉRIO (T. 555134)
15.15 e 21 30
Grupo D (18 anos)
O COURAÇADO POTEMKINM A obra-prima de Serge Eisenstein inédita em Portugal Em complemento JAIME de Antonio Reis
18 30
Grupo D (18 anos)
«Sessão Cassica»
MACBETH um filme de Roman Polansky
6 ª feira
18 30
Grupo D (18 anos)
«Os Bons Velhos Tempos»
BUBU DE MONTPARNASSE com Massimo Ranieri e Ottavia Piccolo

ROYAL (T. 865037)
15 00 e 21 00
Grupo D (18 anos)
O BOXEUR CHINÊS. Em complemento UM MARIDO INFIEL

CINEARTE (T. 660446)
15 30 e 21 30
Grupo C (14 anos)
Color
ABUSO DO PODER com Frederick Stafford e Raymond Pellegrin

CINEMA CASTIL (T. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana! Eastmancolor
SEGREDOS PROIBIDOS Jacqueline Bisset
(Parque Castil)

BERNA (Tel. 77 60 98)
15 15, 18.30 e 21 45
Grupo C (14 anos)
«Technicolor
21 ª semana
Todd - AO 35
O filme de Normam Jewison
«JESUS CRISTO SUPERSTAR»

POLITEAMA (Tel 32 63 05)
15 15, 18 15 e 21 45
Eastmancolor
Grupo D (18 anos)
Farley Granger, Barbara Bouchet
«A FÚRIA DO ASSASSINO»

ESTÚDIO 444 (T. 778095)
15 30, 18 30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
30 ª Semana!
O PORTEIRO com Bernard Le Coq, Maureen Karwin e Michel Calabru

PATHÉ (T 821933)
14 15, 16.30, 18.45 e 21 45
Grupo C (14 anos)
Scope Technicolor
A mais terrível forma de luta!
A RAIVA DO TIGRE

MONUMENTAL (T. 555131)
21 30
Grupo B (10 anos)
A obra-prima de Charlot O GRANDE DITADOR
18 30
Grupo D (18 anos)
Quinzena «Ficção Científica»
OS PASSAROS de Alfred Hitchcock com Rod Taylor e Jessica Tandi

AVIZ (T. 47163)
15.30 e 21 45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana!
MALTESES, BURGUESES E ÀS VEZES Yola e Artur Semedo

ODEON (T. 326283)
3 ª Semana!
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
As artes marciais na máxima ferocidade CRUEL VINGADOR
Com o novo ídolo da China Chen Kuan-Tai O mais alucinante festival de Karate

ESTÚDIO (Tel. 555 134/5)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Um filme de Glauber Rocha
«TERRA EM TRANSE»
(Metro- Alameda)

EDEN (T 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Technicolor
DRACULA TEM SEDE DE SANGUE com Christopher Lee e Peter Cushing

SATÉLITE (T. 562632)
15.30, 18 30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Maria do Céu Guerra, João Mota e Zita Duarte O MAL-AMADO. Realização de Fernando Matos Silva

TIVOLI (T. 50595)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3 ª Semana! Technicolor
Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw A GOLPADA (THE STING) premiado com 7 Oscares incluÕndo o do melhor filme e do melhor realizador!

S. JORGE (T. 54154)
15 15, 18 15 e 21 30
Grupo D (18 anos)
3 ª Semana!
Em versão integral. O celebre filme de Ken Russell TCHAIKOVSKY DEL RIO DE AMOR (THE MUSIC LOVERS) com glenda Jackson e Richard Chamberlain

VOX (Tel. 720 808)
15.15, 18 30 e 21 45
Grupo D (18 anos)
«DOIS HOMENS NA CIDADE»
Alain Delon, Jean Gabin

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS
21 45 (14 anos)
«A Morte de Um Caixeiro Viajante»

MARIA VITORIA
20.45 e 32.00 (18 anos)
«Ver, Ouvir e Calar»

CAPITÓLIO
21 45 (18 anos)
«A Menina Alice e o Inspector»

VILLARET
21 45 (18 anos)
«A Dama de Copas e o Rei de Cuba»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19 00 (18 anos)
«A Caverna do Terror»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«O Rebelde Genial»

PROMOTORA
21 00 (18 anos)
«Venham Tomar Café Connosco»

PARIS
21 00 (18 anos)
«Punhos de Vingança»

CINEMA MOSCAVIDE
21.00 (14 anos)
«Antes do Furacão»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21 30 (18 anos)
«O Regresso de Casta Susana»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (18 anos)
«O Escorpião»

ESTORIL
Palácio
21 30 (18 anos)
«A Casa dos Desejos»

CASCAIS
S. José
21 30 (18 anos)
«Amo-te Rosa»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21 00 (14 anos)
«Viva Sabata»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrivel
21.15 (14 anos)
«A Rainha do Chantecler»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Djamilia»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21 30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

S. JOÃO
21 30 (18 anos)
«A Golpada»

JÚLIO DINIS
21.30 (10 anos)
«Vamos a Isto Rapazes»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O Convite»

BATALHA
21.30 (10 anos)
«Vamos a Isto Rapazes»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«40 Idade Perigosa»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (6 anos)
«Eusébio a Pantera Negra»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«A Máscara»

OLÍMPIA
21 30 (18 anos)
«Os Quatro Sargentos Boinas Verdes»

VALE FORMOSO
21 30 (14 anos)
«Paixão Cigana»

CARLOS ALBERTO
21 30 (10 anos)
«Vamos a Isto Rapazes»

COLISEU
21.30 (18 anos)
«Para Mim as Mulheres Nem Fu Nem Fa»

RIVOLI
21 30 (18 anos)
«Zorba o Grego»

COIMBRA

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«A Crista do Diabo»

AVENIDA
21 00 (18 anos)
«O Magnate»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
A Influência dos Raios Gama No Comportamento das Margaridas»

EXPOSIÇÕES

ARTE MODERNA — Pintura de Alberto Carneiro (das 14 às 20 h.).

BELAS ARTES — Pinturas de Isabel Cabral (das 14 às 21 h).

BUCHHOLZ — Trabalhos de Henrique Manuel (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

CASINO — Trabalhos de Arlette Vandeloise (das 15 às 3 h.).

CONVÉS — Pintura e escultura de Victor Barros (das 15 às 20 h.).

COTAS D'ARMAS — Trabalhos de Maria Fernanda Igrejas Zoio (das 15 às 22 h.)

DA VINCI — Pintura de Zal.

DINASTIA — «Nove Pintores de Paris» (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — Trabalhos de Etienne Hajdu (das 10 às 20 h.)

FUTURA — Telas de Moita Macedo (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

GALERIA 111 — Pintura da Lindström (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

GRAFIL — Objectos e guaches de Vitor Belém (Terças e quintas-feiras, das 15 às 24 h; restantes dias, das 10 às 13 e das 15 às 20 h.).

INTERIOR — Tapeçarias de Charrua (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

JUDITE DA CRUZ — Trabalhos de José Vaz Vieira (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

PRISMA 73 — Trabalhos de Garizo do Carmo (das 15 às 20 h. excepto domingos e às quartas-feiras das 15 às 24 h).

QUADRANTE — Escultura de Moura Coutinho (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

RUMO — Esculturas de Chissano

S. MAMEDE — Pintura e escultura de Charters de Almeida (das 10 às 13 e das 15 às 20 h.)

TAVOLA — Aguarelas de Le Corbusier (das 11 às 20 h.)

BARS BOITES

NINA — Dancing com atracções. Rua Pava de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264946.

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. 229189.

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões Encerra aos domingos Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

SOLAR DA HERMINIA — Herminia Silva, hoje e sempre Largo Trindade Coelho, n.º 10-11. Encerra aos domingos T. 320164

TAMILA — Marao e s/ conjunto «Malinées» todos os dias Encerra aos domingos Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

DR. ANTÓNIO MONTEIRO ALVES

MISSA DO 30.º DIA

Torralta — Clube Internacional de Férias, participa que no dia 9 de Maio, pelas 19 horas, será celebrada missa pelo eterno descanso do seu saudoso colaborador, na igreja nova de S. Domingos de Benfica, ao Bairro das Furnas.

DL/GERAL

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE:
RUA CASTILHO, 185, 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS
TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TLEX. 2363
LISBOA PORTUGAL

MILITARES MORTOS EM COMBATE

..O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas, comunica que morreram em combate os seguintes militares: no Estado de Angola o alferes miliciano n.º 018248/72, Rogério da Cunha Puga, natural de Cedofeita, concelho do Porto, filho de Manuel Roma Fraga Puga e de Cláudia Cunha Leite; o 1.º cabo n.º 038247-73, Sabino Mendes de Jesus, natural de Pombal, filho de Manuel José de Jesus e de Rosa Mendes, casado com Glória da Silva Simões; soldado n.º 102708-73, Manuel dos Santos Costa, natural de Cantanhede, filho de Florentino Melo Costa e de Isilda Jesus Santos; na Província da Guiné, marinheiro n.º 2889-70, Joaquim Alves Gomes, natural de Arouca, filho de António Gomes e de Francelina Alves; no Estado de Moçambique, alferes miliciano, José Manuel da Cruz Ferreira, natural de Maceira, concelho de Leiria, filho de Albino Ferreira e de Maria da Luz; soldado n.º 132611-73, Henrique Fernandes Gil, natural de Palheta, concelho de Angra de Heroísmo, filho de José Pereira Gil e de Maria Teodora Fernandes; soldado G.E. n.º 3416-73, Manuel Daniel, natural de Zambézia, filho de Daniel Abel e de Juliana Neto.

"Governador para Angola com coração africano" -DESEJA SPÍNOLA

LUANDA, 8 (L) — «Dou mais importância no momento actual ao cargo de governador de Angola que ao Presidente do Conselho» — afirmou o general António de Spínola aos representantes da Junta Provincial de Angola da Causa Monárquica que se deslocaram a Lisboa, segundo revela um Comunicado dessa Junta.

O general Spínola afirmou: **«Temos de encontrar um governador para Angola com estrutura política e intelectual que, mesmo branco, tenha coração africano».**

O presidente da Junta de Salvação Nacional prometeu vir a Angola aquando da investidura do novo governador-geral e garantiu a certeza de que poderemos continuar a construir o nosso futuro com a fé e esperança. Disse ainda que «se fossemos autenticos e se o desenvolvimento visar o bem comum de toda a população a autodeterminação de Angola será infalivelmente a favor de Portugal».

Chegou hoje a Lisboa Miguel Urbano Rodrigues

Chegou ao princípio desta tarde a Lisboa o jornalista e escritor Miguel Urbano Rodrigues, que se encontrava exilado no Brasil há 17 anos. Autor de importantes estudos sócio-políticos, de entre os quais se destaca «Opções da Revolução na América Latina». Miguel Urbano Rodrigues, que é irmão do escritor Urbano Tavares Rodrigues, nosso camarada de redacção, foi o chefe de redacção do «Diário Ilustrado», na sua primeira fase, que terminou com a demissão colectiva de dezasseis redactores. Participou na operação do «Santa Maria», vindo depois a afastar-se do capitão Henrique Galvão por divergências ideológicas. Miguel Urbano Rodrigues tornou-se não só no Brasil como em toda a América Latina uma das mais importantes figuras da luta de Unidade Democrática e do jornalismo sócio-político. Redactor de «O Estado» de São Paulo e da revista «Visão», pertence ainda ao quadro redactorial do jornal «Portugal Democrático, fundado pelo prof. Vítor Ramos, há dias falecido, na euforia da vitória. O «Portugal democrático» durante largos anos aglutinou os resistentes portugueses de toda a América.

Miguel Urbano Rodrigues, que era aguardado por amigos e familiares e inumeros democratas, foi apresentar cumprimentos à Junta de Salvação Nacional.

Redol destitui Salazar

Caxias fica ali. A escassos quilómetros de Lisboa. Às vezes estava na memória das pessoas. Na memória triste das pessoas. Caxias não era uma terra. Era uma prisão.

Caxias abriu as portas. Caxias restituída às gentes de Caxias. E as praças públicas a seu dono. Que coisa pública é de todos. Como Redol.

Assim o entendeu um grupo de habitantes da localidade que vai dar nome de Praça Alves Redol à ex-Praça António de Oliveira Salazar.

FRANÇA

Um eleitorado estável

Telex de J. Gabriel P. Viegas
correspondente do «DL» em Paris

Haverá ainda ou não haverá gaullistas em França — se é que o gaullismo alguma vez chegou a existir em termos ideológicos — é uma das questões que se põem imediatamente depois da primeira volta das eleições presidenciais. A esquerda parece acreditar que sim, multiplicando os apelos à fracção do eleitorado de Chaban-Delmas que se presumia simpatizar ou aderir a certos aspectos «sociais» da política do general de Gaulle. As tomadas de posição do antigo ministro Jeanneney, ou de Robert Grandval, dirigente do movimento dos gaullistas de esquerda, encorajam essa suposição. Mas agora o problema é saber qual o impacto real de tomadas de posição e palavras de ordem de personalidades políticas relativamente pouco conhecidas — mesmo se a esquerda, a começar por Georges Marchais, secretário geral do P.C. francês, lhes tenta dar a maior repercussão.

Com efeito, uma das primeiras conclusões a tirar do escrutínio do dia cinco é a confirmação da extraordinária estabilidade do eleitorado francês. Apesar de todas as perturbações e alterações verificadas na classe política, os eleitores distribuiram pelas diversas correntes que se apresentaram os seus votos de modo idêntico ao de eleições anteriores.

Apesar do maior número de votantes, François Mitterrand não consegue fazer melhor do que a União da Esquerda nas eleições legislativas de 73. Giscard d'Estaing aproxima-se das percentagens de Georges Pompidou em 1969, beneficiando certamente desse aumento de eleitores, enquanto que Chaban-Delmas recupera mais ou menos os que iam para um Centro mais caracterizado pela acumulação de tendências contraditórias e divergentes do que por uma real situação de charneira política. Outro caso típico é o de Jean Royer, com os seus três por cento representando uma extrema direita anacrónica e irrealista, que tradicionalmente votava pelas formações representadas por Le Pen.

O mesmo fenómeno se verificou na extrema-esquerda, onde a contenda, a pretexto das eleições presidenciais, entre duas tendências do movimento trotskysta reverteu a favor de Arlette Laguiller, que no entanto, representava o sector minoritário. Arlette Laguiller aparece agora como o principal lider da extrema-esquerda — apesar de Alain Krivine ser o dirigente do grupo com maior número de aderentes e mais estruturado, o da antiga Liga Comunista. Mas durante a sua campanha, para buscar o reforço dos não-militantes, jogou essencialmente com a imposição de uma imagem de marca oposta à do rival, que qualificava ironicamente de «lider estudantil» — enquanto ela se prevalecia das suas origens operárias, da sua condição de empregada para legitimar a candidatura à presidência simbólica da extrema-esquerda.

Se Alain Krivine teve a amarga experiência da dificuldade que há em utilizar os massivos meios audio visuais postos à sua disposição para suscitar uma decisão reflectida e não emocional dos eleitores, o mesmo deve ter sucedido em parte com Mitterrand. O primeiro secretário do Partido Socialista tinha escolhido reduzir o número das suas intervenções em público, na rádio e na televisão, em benefício de actuações longas destinadas a apresentar um programa do modo mais vasto e explícito possível.

Na realidade, foi o único candidato a apresentar um programa de Governo e a explicar-se sobre as suas intenções. Mas a demagogia, as afirmações simples e repetidas mesmo se não explicadas, «passam» melhor pelas antenas da Rádio e da Televisão. Assim como pelas colunas de uma Imprensa escrita hostil, na sua grande maioria, ao candidato da esquerda.

Na segunda volta, Giscard d'Estaing e François Mitterrand encontram-se sós, frente a frente. É provável que o candidato da esquerda abandone o estilo que até agora impôs a si próprio, para usar de uma táctica mais combativa, na qual é exímio. Orador feroz, contraditor irónico e implacável, François Mitterrand dispõe de todos os recursos de um velho parlamentar. Que lhe serão preciosos nesta segunda fase da campanha, face a um Giscard d'Estaing cujo prestígio se deve em grande parte a uma imagem de competência e eficácia facilmente desmentiveis por um contraditor tão experimentado como o candidato da esquerda.

Neste caso, François Mitterrand pode beneficiar das mesmas características específicas aos meios audio visuais que o tinham prejudicado na primeira. E quanto às deslocações de votos, talvez até recupere maior número junto daqueles que no dia cinco votaram por Giscard d'Estaing mais por uma certa imagem de liberal oposto ao «estado U.D.R.» do que por conservadorismo.

No que diz respeito aos «gaullistas», as sucessivas eleições têm demonstrado que, excepto uma pequena minoria, se trata essencialmente de um eleitorado conservador, definido por uma relação do partido com o Poder. Salvo essa minoria, Mitterrand tem que contar sobretudo com aqueles que votaram no seu principal adversário, mas que ainda talvez possa convencer de que se enganaram, se quer ganhar as eleições.

Novos diplomas

A J.S.N. aprovou uma série de diplomas em que estabelece: Nova regulamentação para o pagamento de letras, livranças e extractos de factura; que o prazo de pagamento de contribuição e impostos em atraso seja prorrogado até 31; o limite máximo de dez mil escudos de levantamentos bancários semanais; amnistia de crimes políticos e reintegração do funcionalismo público no Ultramar; empréstimos de 300 mil contos a Moçambique; a importação de mercadorias para o Ultramar; e a criação de uma comissão para controlo do comércio externo.

PARTIDO COMUNISTA:

- Cargos ministeriais ainda não considerados

Da Comissão Executiva do Comité Central do Partido Comunista Português recebemos o seguinte comunicado:

«Circulando em Lisboa rumores acerca da composição do Governo Provisório e de cargos ministeriais que seriam atribuídos ao Partido Comunista Português, a Comissão Executiva do Comité Central do Partido Comunista Português informa que em nenhumas negociações, nas quais o PCP participou até hoje, foi ventilado o problema de cargos ministeriais.

Naturalmente que a participação do PCP no Governo Provisório só com o próprio PCP pode ser resolvido, o que comprova bem o infundado dos rumores que circulam. Sublinham-se as boas relações existentes do PCP com o Movimento das Forças Armadas, relações que o PCP está interessado não só em manter como em reforçar.»

Prisão maior para exportações de valores

Independentemente de sanções mais graves, estabelecidas pela lei geral, serão punidos com prisão maior de dois a oito anos aqueles que promovam, executem ou facilitem determinadas operações cambiais e exportação de valores (com inobservação da respectiva legislação), nomeadamente: Os respeitantes a mercadorias, invisíveis correntes ou capitais, entre residentes em diferentes territórios nacionais; as operações cambiais, de compensação, de pagamento, com o mesmo tipo de intervenientes; a compra ou venda de notas estrangeiras ou de outro território nacional, divisas, ouro, prata, outros metais e pedras preciosas. A exportação ou saída de notas e moedas metálicas e outros meios de pagamento: e a exportação ou saída para outro território nacional ou para o estrangeiro, de prata, ouro e de pedras ou outros metais preciosos, bem como as acções e obrigações e outros valores, nomeadamente antiguidades, quadros e objectos de arte.

NOTAS VÁRIAS

PENITÊNCIA PÚBLICA DA IGREJA

Católicos recusam rótulos políticos. Efectivamente, em reunião ontem efectuada no Colégio do Sagrado Coração de Maria (mais de um milhar de cristãos, na sua maioria católicos), vários oradores confessaram-se, sobretudo, como «homens de boa vontade». A proposta de fundo foi apresentada por Frei Bento Domingos, da Ordem dos Dominicanos. Depois de perguntar como é que uma religião, uma fé, uma Igreja se sentia à vontade e sem problemas, dentro da ditadura, do fascismo», e agora «treme em face da liberdade, em face de um povo que luta pela construção de um país com perspectivas de democracia real», aquele teólogo referiu-se à luta durante tantos anos mantida por alguns cristãos, que «pagaram com a cadeia e a tortura o preço da sua coragem». A proposta, com o aditamento de que «seja denunciada a ambiguidade e o oportunismo demagógico na referência cristã no recém-formado Partido Cristão-Democrata ou noutros que venham a surgir», foi aprovada por grande maioria».

Uma outra proposta apresentada pelo arquitecto Nuno Teotónio Pereira, no sentido da «exigência de uma penitência pública por parte da Igreja Católica pelos pecados cometidos e pelos crimes do regime fascista de que foi cúmplice, para que possa ter lugar na nova sociedade que o povo português está a construir» foi derrotada por escassa maioria.

Devido ao adiantado da hora não puderam ser discutidas nem votadas mais 16 propostas, que, de uma maneira geral versavam a questão da guerra colonial. Assim, ficou marcada nova reunião para sexta-feira, às 21 e 30, no mesmo local.

AUGUSTO SEABRA E ECHEVARRIA

Exilados em Paris há doze anos, regressaram ao Porto, ontem, os poetas e escritores José Augusto Seabra e Fernando Echevarria. Depois de algum tempo passado em Portugal, ambos regressarão à capital francesa «onde continuarão a sua missão de anti-fascistas pela palavra e pelo livro».

EMPRÉSTIMOS A MOÇAMBIQUE

Com vista a proporcionar a Moçambique os meios necessários à execução de empreendimentos previstos no IV Plano de Fomento, a Junta de Salvação Nacional autorizou o referido Estado a contrair dois empréstimos no total de 300 mil contos.

Um de 200 mil contos no Instituto de Crédito de Moçambique, outro de 100 mil contos, no Montepio de Moçambique.

No orçamento geral do Estado de Moçambique serão inscritas em cada ano as verbas necessárias à liquidação de todos os encargos decorrentes destes empréstimos.

Designed in cooperation with imagingetc.com
Linear Gray Scale
Munsell COLOR

SUPLEMENTO

mulher

QUARTA-FEIRA 8-5-74

PEDRO LUIS RAOTA
(fotógrafo argentino)

A FLOR DA VIDA

UM CONTO DE MARIA JUDITE DE CARVALHO

O homem caminha sem pressa nem objectivo aparente. Às vezes retarda um pouco o andamento, fica quase parado, olha irresoluto para a esquerda e para a direita, hesita como quem não sabe qual será o caminho melhor. Dir-se-ia que anda por andar, talvez para gastar o tempo ou por não ter outra alternativa, e qualquer dessas razões é estranha àquela hora da manhã de um dia tão frio de Inverno, em que as pessoas inactivas ou adiantadas não vão deambular pelas ruas. À excepção daquele homem, todos caminham apressadamente com urgência de chegar a um lugar determinado — o destino de cada um.

É um homem como qualquer outro, com uma mala na mão. Muito pálido — macerado — e sem idade. Absolutamente sem idade. Trinta anos envelhecidos? Cinquenta anos bem conservados? Veste uma indumentária estranha. Sobretudo azul-escuro, muito comprido e levemente cintado, calças largas que quase lhe cobrem os calcanhares e chapéu com aba mais larga do que é costume nos chapéus. A mala é de boa qualidade, mas acusa o tempo que tirou o brilho aos fechos e endureceu o cabedal de que é feita, cobrindo-o de manchas escuras, de humidade.

As mãos do homem estão de certo geladas, porque ele, de súbito, se detém, põe a mala no chão, e esfrega-as uma na outra durante algum tempo, como para lhes activar a circulação. Olha então em redor e avista do outro lado da rua, para além do automóvel que passa, um pequeno café que abre naquele instante as suas pesadas pálpebras de ferro. Depois de um breve instante de expectativa, ou melhor, de meditação, o homem atravessa a rua, levemente curvado ao peso da mala.

Agora colocou-a ao seu lado, tão cautelosamente como se ela fosse frágil, senta-se e fica à espera. Não faz estalar os dedos nem chama o criado com o olhar. Fica placidamente à espera como quem tem o hábito de longas, infinitas esperanças.

O criado aproxima-se devagar, abrindo a boca, e passa a rodilha sobre o tampo da mesa. Esse é, decerto, um gesto automático, porque àquela hora ainda niguém sujou coisa alguma. Isto pensa o homem enquanto ouve dizer-lhe: «Que tempo!» e enquanto responde: «É verdade, que tempo», sem pensar o que diz embora o diga com relativo entusiasmo. O criado prossegue:

«Há quinze dias isto dura. Quando mudará?»

O homem repete:

«Quando?»

«O que deseja?», pergunta então o criado.

Ele fica indeciso, não sabe logo o que quer nem mesmo se quer alguma coisa. O que desejava acima de tudo, quando ali entrou, era estar sentado num lugar calmo onde não fizesse frio e se falasse de coisas simples e verdadeiras como o tempo. Acaba por pedir uma aguardente velha e bebe-a em pequenos golos pausados, reflectidos. Aquele sabor traz-lhe recordações e ele deixa-se arrastar por elas, embalar por elas. Depois levanta-se e dirige-se para o telefone.

Marca um número, mas desliga logo a seguir. Marca depois outro e o coração bate-lhe apressadamente. Quando pronuncia o nome do velho amigo, sente que a voz lhe treme e tem de repetir a pergunta porque não compreenderam, é natural. A voz risonha, um pouco ensonada, que ele bem conhece, que ainda conhece ao fim de tantos anos, diz além-fio:

«Esperava tudo — tudo — menos que ainda me viessem perguntar por ele, assim, com toda essa naturalidade. Se está... É incrível. Quem é o senhor, enfim, como se chama? A sua voz diz-me qualquer coisa... Um amigo? Um amigo e vem-me perguntar se ele está?»

O homem evita a resposta directa e diz-lhe que ela o não conhece e que o seu nome nada lhe diria.

A voz duvida: «Nada?»

«Nada.» A falar verdade não é bem um amigo, mas um simples conhecido que precisava de lhe falar, que precisava urgentemente de lhe falar. Como havia de ser?

A voz ri um pouco. «Falar com ele? Não vai ser fácil, nada fácil. Que tal se se dirigisse à secção dos objectos perdidos?»

«Perdeu-o?», diz o homem, levemente perplexo.

«A volta disso. E uma longa história.»

«Não quero ser indiscreto. Só desejava...»

Houve um longo suspiro.

«Se é amigo dele... Ou conhecido, ou isso. Divorciámo-nos, aí está. Há dez anos. Só sei dizer-lhe que está em África. Léopoldville, Stanleyville, Brazzaville, qualquer coissa assim. Eu e a geografia! Não lhe posso ser de grande auxílio, como vê.»

O homem pede desculpa e ela ri mais, com afectação e já absolutamente nada ensonada. «Ora, não se preocupe. Eu já perguntei a um viúvo pela mulher. É quase a mesma coisa.»

«Sim, tem razão. É quase o mesmo.»

O homem paga e sai. O frio desce novamente sobre o seu corpo, envolve-o todo e ele deixa-se envolver. Pensa no amigo que partiu e que nem mesmo procurou vê-lo ou pelo menos dizer-lhe uma palavra, dizê-la à irmã (ou à mãe, que então ainda era viva), para que lha levasse. Divorciou-se, partiu. Vive numa cidade africana que termina em «ville». Ela e a geografia!

Não há no céu uma réstia de azul, são tudo nuvens cinzentas e um vento frio, agreste, que magoa, com o qual é preciso lutar. Mas o homem está, de repente, cansado e incapaz de lutar, mesmo com o vento. Sente que não pode dar mais um passo. Está também, que estranha sensação, levemente embriagado, mas não sabe se é da aguardente que tomou — tão pouca — se de todo aquele ar que lhe entra em lufadas nos pulmões desabituados de ar livre, melhor, de ar agitado, inquieto. Chama então um táxi e manda seguir para casa de Maria, sua irmã.

Carrega com o dedo frio, tão branco, exangue, no botão metálico e a porta entreabre-se. Vê então pela fresta que vai aumentando, que a certa altura estaca, o rosto dela, seccionado, só a parte do meio — um pouco dos olhos, o nariz, a boca entreaberta, estupefacta —, e ouve também uma exclamação abafada. Depois é a voz dela, quebrada pela emoção e pelo espanto.

«Meu Deus, és tu!»

«Sou eu», afirma o homem. «Quis fazer-te uma surpresa. Ainda liguei, há bocado, de um café, mas depois arrependi-me. Quis fazer-te uma surpresa, Maria.»

A porta vai-se abrindo mais e ela diz: «Entra. Entra depressa!»

O homem penetra num corredor largo onde a atmosfera é quente e o cenário acolhedor, tão íntimo. Os braços roliços dela envolvem-lhe o pescoço, as suas mãos puxam-lhe a cabeça para baixo e ele sente no rosto a doce pressão dos seus lábios frescos. Depois entra na sala de estar para onde a irmã o conduz e senta-se na cadeira de braços que ela lhe indica. A mala ficou no corredor.

«Que vais fazer agora?», ouve-a perguntar.

«Não sei ainda. É cedo.»

«Ah.»

«Talvez penses...»

Ela interrompe-o:

«O que?»

«Que tive muito tempo para fazer projectos, para ver os prós e os contras de todos os projectos», diz o homem. «Pois bem, tive. Mas ainda não sei.»

Há um silêncio e o homem aproveita-o para passear o olhar em volta, reconhecer a mesa redonda de tampo de mármore, a cadeira de baloiço, o retrato de mulher onde por fim se detém.

«Sofreu muito, não é verdade?», pergunta.

Maria acena afirmativamente. «Tinha hoje uma grande alegria», diz então. «Nunca mais foi a mesma.»

O homem baixa a cabeça. «Sim, decerto», diz. Diz sempre aquilo quando não acha que dizer. Sim, decerto. Por fim encontra mais algumas palavras. «Ela nunca compreendeu...»

Maria interrompe-o.

«Não podias exigir-lhe isso, pois não?»

«Creio que não. Entre os pais e os filhos haverá sempre um fosso. Às vezes são só vinte anos de idade mas isso não interessa. O fosso lá está. E feito pelo facto de se ser pais e filhos.»

Nunca dei por ele», diz Maria.

«Sim, decerto», repete o homem.

Ela olha-o fixamente e depois desvia o olhar como que envergonhada. «De quê, irmãzinha?», pensa o homem sorrindo mas com uma leve tristeza. Vê-a, porém torcendo as mãos, as suas mãos pequenas de menina, e o sorriso desfaz-se-lhe, porque sabe que aquilo não é nela um gesto habitual, mas um indício de sincera aflição.

«Gostava que ficasses», diz ela em voz trémula. «Gostava tanto. Também nunca compreendi nada, mas gostava...»

«O teu marido, não é?»

O homem vê-a olhar de relance o relógio e ouve-a dizer: «Ainda temos tempo. Nunca chega antes do meio-dia. Fala-me de ti.»

Ele descansa nela um longo olhar cansado. Não se mostra irritado nem sentido. O sorriso que tem aos cantos da boca é um simples sorriso sem mais complicações. Está sentado numa cadeira sua conhecida, em casa da irmã, a única pessoa de família que lhes resta e olha-a longamente como se só agora, por fim, a visse. Quando aquilo sucedeu era ela uma criança e estava ele, como a mãe dizia, na flor da vida. Depois viu-a várias vezes, não muitas e nunca a sós. Soube que tinha feito o 7.º ano do liceu, depois que tinha um namorado muito-bom-rapaz, em seguida que ia casar, mais tarde que tinha casado. Não reparou, no entanto, durante essas visitas — pouco frequentes e cada vez mais raras —, não reparou, apesar de a saber casada, que se tornara uma mulher a sério, e agora espanta-se ao vê-la tão fêmea, tão desabrochada, tão bem pensante que pede (indirectamente, é certo) ao irmão recém-chegado que se vá embora antes do meio-dia para não perturbar com a sua indesejada presença a paz de espírito do seu homem.

«És feliz, não és?», pergunta.

«Sou muito feliz.»

«Ainda bem, Maria. É o que é preciso.»

Pergunta-lhe por várias pessoas conhecidas, mas todas elas desapareceram mais ou menos da órbita dela. E as que ficaram, ficaram pouco.

«A Cármen?»

«Tem três filhos. Engordou muito.»

«Ah!»

«Fala-me de ti», pede-lhe ela.

«De mim? Mas não há nada a dizer. Nada, na verdade. Saí hoje e passei aqui para te dar um beijo, só isso. Agora vou indo.»

Ela está quase a chorar e as mãos giram-lhe mais velozmente uma em redor da outra.

«Gostava que ficasses. Se dependesse de mim...»

«Eu sei, Maria. Não te preocupes, não vale a pena.»

Levanta-se, curva-se um pouco para a beijar.

«Ainda é tão cedo», balbucia ela.

«São horas. Tenho que fazer.»

«Tens? Espero que ao menos agora...»

«Sim, sim, decerto.»

«Não precisas de nada? Posso emprestar-te algum dinheiro. Não é muito, não somos ricos... Em todo o caso...»

«Obrigado, não é preciso. Até um dia destes.»

Beija-a de novo, pega na mala e começa a descer a escada.

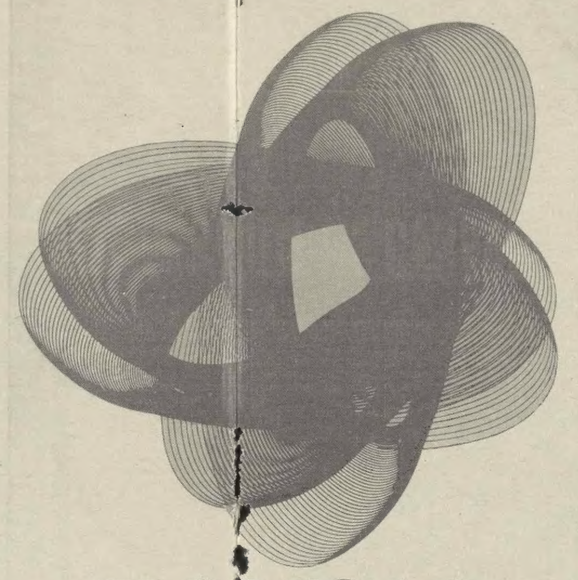
Outra vez aquele frio agudo que penetra na carne e também a chuva que começou a cair. O homem vai andando, outra vez sem objectivo, e pensa noutras pessoas do seu tempo que não vale a pena procurar. Cármen, sua noiva, que casou dois anos depois, os colegas talvez bem colocados, prósperos, que sabe? E talvez serenos, sem problemas, com a placidez quase hierática das boas digestões. Barriga grande, riso quieto. Budas, enfim. Vai procurá-los, em todo o caso. Precisa de comer e portanto de trabalhar.

Olha sem a ver para a mulher esfarrapada que vende lenços de plástico e que ri largamente de orelha a orelha. Ri daquele gajo, que tipo, hã? É o penante? O penante é de um cómico...

O homem sorri em frente a coisa nenhuma e continua fustigado pela chuva, fatigado pelo peso da mala, o seu caminho incerto.

«Flores ao telefone», Portugália Editora, 1969

MARIA JUDITE DE CARVALHO



FLORES AO TELEFONE

contemporânea | portugália

A SEGUNDA ESPOSA

Interrogado aqui há meses pela jornalista italiana Oriana Fallaci acerca dos rumores de um seu novo casamento, o xá do Irão disse: «Sim, certa Imprensa faria o que quer que fosse para me descreditar: é dirigida por gente sem escrúpulos, sem moral. Como podem dizer que eu, precisamente eu que apoiei uma lei segundo a qual é proibido ter mais do que uma mulher, casei e secretamente? E inconcebível, é intolerável, é vergonhoso».

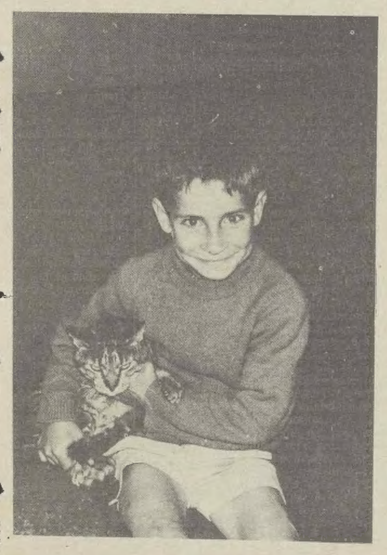
Agora, porém, volta a falar-se do caso. Surge. mesmo um nome: Gilda Azad. Surge mesmo uma foto, a de Gilda Azad. E segundo **Das Nene Blatt** (Alemanha), **Daily Mirror** (Grã-Bretanha), **Amica** (Itália), o casamento de Reza Pahlevi e da jovem e bela Gilda ter-se-ia realizado em Setembro. Consta que a imperatriz Farah reside com os filhos em casa de sua mãe, o palácio Saheb Gharanih, em Teerão. Ela, porém, continua a ser a imperatriz. Segundo a tal lei a que o xá se referiu, o homem iraniano só pode ter uma segunda esposa se a mulher for estéril, se ela não tiver intactas as suas faculdades mentais, se a mulher legítima der o seu consentimento à nova união do marido. Terá sido esta a solução. Farah teria dado o seu consentimento. Mas teria ficado com muitas cartas na mão. E ela a imperatriz, é ela a regente, é ela a mãe do príncipe herdeiro Reza Ciro. E ela quem toma parte nas viagens oficiais, é ela quem recebe os chefes de Estado. Gilda, por seu lado, vive na sombra. E uma jovem que pertence à alta burguesia iraniana, e o pai é governador da província de Gvilan. Uma tia sua, Gloria Azad, é subsecretário de Estado no Ministério dos Negócios Estrangeiros e — o que não deixa de ter certa graça — presidente da Associação das Mulheres Persas.

Farah Diba, a heroína de uma história de amor a nível mundial não é, pois repudiável. Tem o seu futuro garantido. Fraca compensação para quem foi educada na Europa e acreditou — talvez — na eternidade já não dizemos das situações mas dos sentimentos.

ALLIAGE

Surgiu recentemente entre nós, lançado pela Santa Clara, organização muito conhecida pelos próprios produtos e que representa em Portugal a marca americana **Estée Lauder**, um novo perfume desta marca **Alliage**. O perfume, extremamente agradável é apresentado em bonitos frascos atomizadores de vidro e metal branco, de linhas muito actuais.

UMA VOZ NA MULTIDÃO



Por GINA DE FREITAS

Era o dia 1.º de Maio e eu saía eufórica a caminho da rua e da grande manifestação a que muitos de nós íamos assistir pela primeira vez na nossa vida. Mas o Samuel surge-me ao voltar da esquina, de chapéu carnavalesco no alto da cabeça, puxa-me pelo braço e quase grita:

— Sabes que hoje é festa?

— Pois sei. Mas que sabes tu desta festa?

— Ora, o que sei é que não vou à guerra. Mas é uma chatice porque está tudo fechado e não posso comprar rebuçados. Vou com outros «gajos» ao estádio ali em cima ver muitos homens a falar e a gritar. Só tenho é medo da Pide. Ele há muitos! E malham na gente.

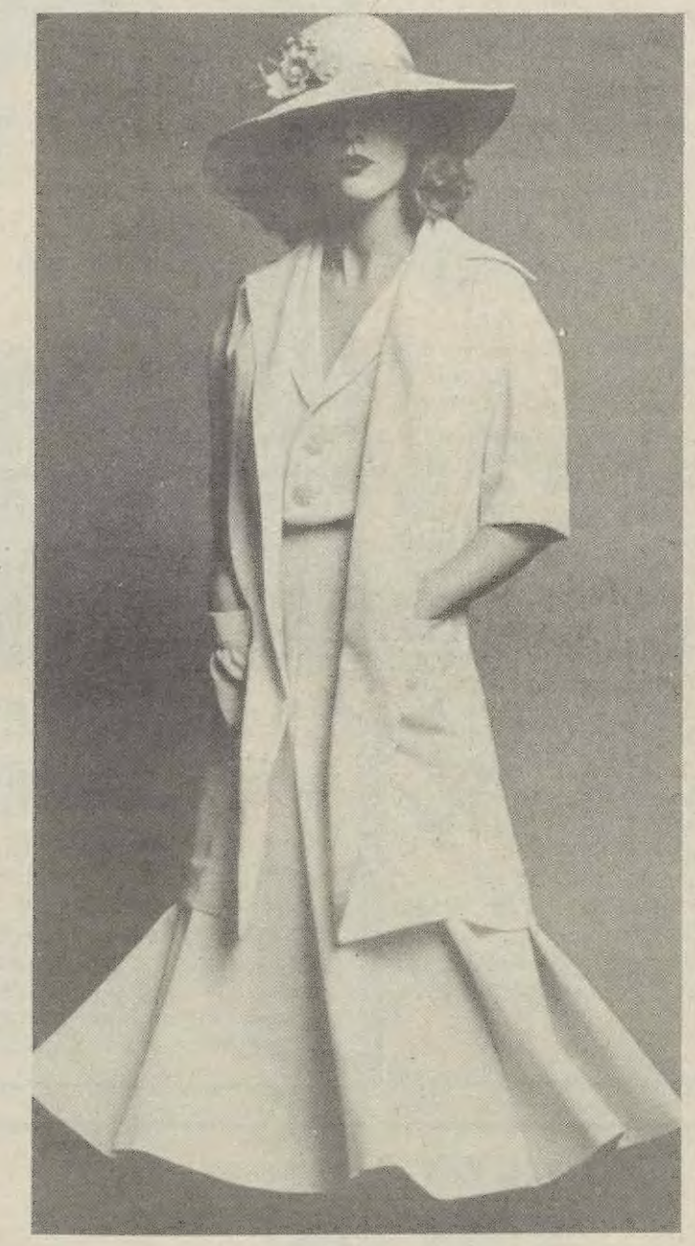
— Mas tu sabes que eles agora acabaram.

— Isso é que era bom! Fugiram muitos. Olha, lá nas barracas vive um, anda a vender coisas num carrinho verde, mas no dia 25 diz que foi à terra. Ele já não é Pide porque perdeu o cartão e é velho e não matava a gente **porque não sabia ler**, andava só a ouvir as conversas para depois contar aos outros. Havia um homem que lhe punha galinhas, coelhos e ratos mortos à porta para ele se zangar.

Samuel é um espectáculo. Fala com as mãos, os braços, os olhos. Uns olhos muito vivos, que nos fitam de frente quando o caso é mais sério. Samuel tem nove anos de traquejo na vadiagem com outros garotos da mesma idade, que vivem com ele num bairro de barracas ali para os lados do aeroporto, barracas que às vezes a chuva inunda ou o vento leva, mas que se reconstroem no dia seguinte com a tenacidade e a conformação de que o povo é capaz. Uma noite o pai de Samuel tomou um copito a mais na tasca, atravessou a linha e nem viu o comboio que se aproximava. Lá se foi. A mãe não trabalha porque é doente. Ele tem um rancho de irmãos, alguns ainda pequenos, mas que já o acompanham na vadiagem. Samuel diz convicto que anda na escola, mas quando o apanho a jogar à bola a horas comprometedoras afirma que o professor é velho e está em casa doente.

Para o Samuel, de tudo o que nós vivemos, maravilhados, entre o dia 25 de Abril e o 1.º de Maio, só duas coisas o impressionaram: já não vai à guerra e ainda há Pides. Uma esperança e um medo que ele não sabe explicar. Um medo que contaminou o povo todo, as crianças, a nossa vida. E agora certamente um caminho diferente, aberto. Um futuro em que o Samuel talvez tenha o seu lugar ao sol. Num bairro de pedra e cal.

MODA ITALIANA



Saia «midi» «evasée», em corola, blusa e casaco longo, com mangas largas, pelo cotovelo, a lembrar os anos 30. É da autoria da italiana Tita Rossi. Tecido: «georgette beige».

As saharianas voltam em força. Estas, em «lainage» são para vestir com saias «midi», estampadas, e blusas de um estampado diferente. Modelos de Tita Rossi.

Riscas horizontais fininhas na blusa, mais largas (e a alargar para baixo) na saia. Tecido: «chiffon». Autor: André Lang.

À «jours» e lindos bordados nestes vestidos românticos de Centinaro. O tecido é o linho de tom «beige».

SUPLEMENTO mulher